



**Maíra Peixoto Timbó**

**Solavancos e turbulências, desvios e hiatos:  
Narrativas de escolha profissional de professores de inglês**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras/Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Inés Kayon de Miller

Rio de Janeiro  
Agosto de 2018



**Maíra Peixoto Timbó**

**Solavancos e turbulências, desvios e hiatos:  
Narrativas de escolha profissional de professores de inglês**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Profa. Inés Kayon de Miller**

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Profa. Liana de Andrade Biar**

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Profa. Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra**

Faculdade de Formação de Professores - UERJ

**Profa. Monah Winograd**

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia e

Ciências Humanas PUC- Rio

Rio de Janeiro, 29 de agosto de 2018

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

### **Maíra Peixoto Timbó**

Graduou-se em Fisioterapia pelo IBMR no ano de 2004, após solavancos e turbulências, desvios e hiatos, graduou-se em Letras (Português/Inglês) pela UNISEB. Atuou como professora de inglês em diversos cursos livres de línguas estrangeiras e escolas particulares na cidade do Rio de Janeiro desde 2000. Atualmente, é professora e coordenadora do currículo internacional bilíngue em uma instituição privada.

#### Ficha Catalográfica

Timbó, Maíra Peixoto

Solavancos e turbulências, desvios e hiatos: narrativas de escolha profissional de professores de inglês / Maíra Peixoto Timbó; orientadora: Inés Kayon de Miller. – 2018.

140 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2018.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Histórias de vida. 3. Narrativa. 4. Professores de Inglês. 5. Linguística aplicada crítica. I. Miller, Inés Kayon de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Para Carlinhos, *my better half*, eu simplesmente não estaria onde estou sem o seu amor e apoio incondicional, em todas as coisas da vida.

Para Rodrigo, que tem sempre uma perspectiva mais leve a oferecer, o desvio mais amado da minha vida, obrigada por me fazer presente nas minhas ausências.

Para Maria Virginia, pelo incentivo e investimento constantes, na minha vida pessoal e profissional.

## Agradecimentos

À Regina Lúcia Peixoto Winograd (*in memoriam*) e Rich Winograd, por me possibilitarem viver a e na língua que viria a se tornar a minha história de vida profissional.

À querida professora, orientadora, Inés Kayon de Miller, por acreditar nas minhas ideias, me orientar, me desorientar e me reorientar da maneira mais humana possível.

Às amigas Noa Kanu e Judith Tahan (você sabem quem são), sem as quais esse trabalho não seria possível.

À amiga Suleyma Gomes, mais uma vez, por estar presente, sempre, cuidando de mim.

Ao Departamento de Letras da PUC-Rio, em especial às professoras Liliana Cabral Bastos e Liana de Andrade Biar, fontes constantes de inspiração, obrigada pelas discussões.

Às professoras que participaram da banca examinadora.

À fantástica Chiquinha, Francisca Ferreira de Oliveira, por sua ajuda e paciência constantes.

À PUC-Rio e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio concedido.

## Resumo

Timbó, Maíra Peixoto; Miller, Inés Kayon de (Orientadora). **Solavancos e turbulências, desvios e hiatos: narrativas de escolha profissional de professores de inglês.** Rio de Janeiro, 2018. 140 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O objetivo da pesquisa apresentada neste trabalho é buscar entender as trajetórias identitárias de duas professoras de inglês através da análise das narrativas nas quais elas (re)constroem suas histórias de vida profissional. Esta pesquisa está alinhada à Linguística Aplicada e à Linguística Aplicada Crítica que, através de posicionamentos críticos e reflexivos, buscam a reinvenção da vida social e novas formas de produção de conhecimento. Com base na metodologia qualitativa e interpretativista de pesquisa, os dados foram gerados a partir de conversas participativas de pesquisa entre a pesquisadora e as duas professoras. As professoras escolheram os recortes dos dados que consideraram mais relevantes para serem incluídos e analisados na pesquisa, o que fomentou uma prática reflexiva, investigativa e crítica em busca de momentos de aprofundamento de entendimentos. Conduziu-se uma microanálise das narrativas das professoras a partir dos estudos de Labov e dos princípios de coerência e causalidade, especificamente no sistema do senso comum, visando delinear a socioconstrução das escolhas profissionais das participantes. A discussão aponta para o entendimento de que as trajetórias pelas quais construímos nossas histórias de vida não são necessariamente lineares e indica que a principal contribuição desta pesquisa está em propor formas solidárias, inovadoras, híbridas e colaborativas de trabalho entre os participantes da pesquisa.

## Palavras-Chave

Histórias de Vida; Narrativa; Professores de Inglês; Linguística Aplicada Crítica.

## Abstract

Timbó, Máira Peixoto; Miller, Inés Kayon de (Advisor). **Shifts and disruptions, detours and hiatus: English teachers' narratives of professional choice.** Rio de Janeiro, 2018. 140 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The objective of the present research is to understand the identity construction of two English teachers as they (re)construct their professional life stories. Within the theoretical framework of Applied Linguistics and Critical Applied Linguistics, this study aims at searching, critically and reflectively, for a reinvention of social life and of forms of knowledge production. Based on a qualitative and interpretive research methodology, the data were generated during participatory research conversations that involved the researcher and the two teachers. The teachers themselves selected the parts of the data that they considered more relevant to be included and analyzed in this research, thus fostering a reflexive, investigative, and critical practice that pursued moments of deeper understandings. A micro-analysis of the narratives, based on Labov's studies and on Linde's coherence and causality principles, more precisely on this author's common sense system, yielded understandings on how professional choice is socially constructed. The discussion points towards the understanding that the trajectories through which we build our life stories are not necessarily linear and suggests that the main contribution of the present research lies in the proposal of a more innovative, cooperative and hybrid form of work among research participants.

## Keywords

Life Stories; Narrative; English Teachers; Critical Applied Linguistics.

## Sumário

1. Introdução	11
2. Pressupostos Teóricos	15
2.1 Linguística Aplicada e Linguística Aplicada Crítica	16
2.2 Narrativa e Histórias de Vida de Escolha Profissional	20
2.2.1 Narrativas de Histórias de Vida	23
2.2.2 Sistemas de coerência	24
2.2.3 Sistemas de Crenças	26
2.2.4 Relação sincrônica entre sistemas de coerência popular e especialista	26
2.2.5 O sistema do Senso Comum	28
3. Decisões Metodológicas	31
3.1 (A construção do) Contexto de pesquisa: abordagens	31
3.2 Histórias de vida e o sistema de coerência e causalidade	33
3.3 Etapas da pesquisa	35
3.3.1 Os convites	35
3.3.2 Eu e elas: a escolha	36
3.3.3 Porquê elas?	36
3.3.4 Eu por mim mesma	37
3.3.5 Como vejo Judith Tahan	37
3.3.6 Como vejo Noa Kanu	38
3.4 TCLE	40
3.5 O Primeiro momento	40
3.6 O Segundo Momento	41
3.7 Os recortes escolhidos	42
4. Análise de Dados	44
4.1 A primeira escolha de Noa Kanu	45
4.2 A segunda escolha de Noa Kanu	52

4.3 A primeira escolha de Judith Tahan	55
4.4 A segunda escolha de Judith Tahan	65
4.5 O meu olhar sobre as reflexões e escolhas de Noa e Judith	68
5. Considerações	73
6. Referências bibliográficas	77
Anexo I TCLE	83
Anexo II Conversas Via Aplicativo de Mensagens com Noa Kanu	85
Anexo III Transcrição Crua do Primeiro Momento com Noa Kanu	88
Anexo IV Mapeamento do Primeiro Momento com Noa Kanu	95
Anexo V A primeira escolha de relevância para Noa Kanu	97
Anexo VI A segunda escolha de relevância para Noa Kanu	99
Anexo VII Transcrição Crua do Segundo Momento com Noa	101
Anexo VIII Conversas Via Aplicativo de Mensagens com Judith	109
Anexo IX Transcrição Crua do Primeiro Momento com Judith	112
Anexo X Mapeamento do Primeiro Momento com Judith	122
Anexo XI A primeira escolha de relevância para Judith	125
Anexo XII A segunda escolha de relevância para Judith	128
Anexo XIII Transcrição Crua do Segundo Momento com Judith	131

## Convenções de Transcrição

...	pausa não medida
.	entonação descendente ou final de elocução
?	entonação ascendente
,	entonação de continuidade
palav-	parada súbita
=	elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas
<b><u>Grifo</u></b>	Ênfase
<i>Itálico</i>	palavra em outro idioma (inglês)
MAIÚSCULA	fala em voz alta ou muita ênfase
°palavra°	palavra em voz baixa
>palavra<	fala mais rápida
<palavra>	fala mais lenta
: ou ::	alongamentos
[	início de sobreposição de falas
]	final de sobreposição de falas
()	fala não compreendida
(( ))	comentário do analista, descrição de atividade não verbal
“palavra”	fala relatada, reconstrução de um diálogo
Hh	aspiração ou riso
↑	subida de entonação
↓	descida de entonação

Convenções de transcrição sugeridas por Bastos & Biar (2015) – convenções baseadas nos estudos de Análise da Conversação (Sacks, Schegloff & Jefferson, 1974), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987) e Tannen (1989) acrescido do itálico para marcar palavras em inglês (Borges, 2017).

## Introdução

*"Muse of history, any historical account must be understood as being the history of someone, for someone, for some purpose."*

*Charlotte Linde*

Aqui começa a minha tarefa de contar uma história. Contar a história de alguém para outro alguém, por uma razão. Começo então a tecer a trama desta narrativa – o meu trabalho de dissertação de Mestrado.

Aprendemos na escola que para contarmos uma história precisamos definir um enredo, as personagens, o tempo, um lugar e um desfecho. Assim, penso que o enredo deste reconto versa justamente sobre um relato sobre outras histórias. As personagens da minha são Noa Kanu e Judith Tahan, e esta trama se desenrola ao longo de nossas histórias de vida em diferentes lugares pelos quais elas e eu passamos. O desfecho? Será que existe? Penso que nossas narrativas não têm um ponto final, acredito que estamos infinitamente a recontar e a ressignificar nossas histórias de vida.

Esta história se desenvolve a partir da minha própria vida. Começa com “eu sempre dei aula, mas nem sempre fui professora”. Não me lembro, da minha infância, em memórias de brincadeiras de dar aula, de ser professora. Muito menos se em qualquer momento da adolescência pensei em ser professora. Sempre gostei muito de ler, e de línguas, mas nunca pensei em Letras como possibilidade de formação profissional. Fui morar fora do Brasil e me encantei mais ainda pela língua inglesa. Quando voltei, queria trabalhar e ganhar dinheiro, mas o que poderia fazer? O que eu tinha de característica forte, que me geraria a possibilidade de trabalho – a língua. Foi assim que comecei a dar aula.

A escolha de uma carreira, no entanto, não foi Letras. Fiz Fisioterapia e, ao mesmo tempo, continuava estudando a língua inglesa no *Teachers' Training Course*. Curioso perceber agora, em perspectiva, que o curso era de formação de professores, mas eu não o considerava assim. Quando estava terminando a faculdade de Fisioterapia, engravidei e uma escolha se fez necessária. Continuar

dando aulas de inglês, o que já fazia há seis anos, ou me aventurar pela nova carreira que se apresentava. Lembro-me, nesta época, que por diversas vezes pensei: “mas eu sou feliz em sala de aula”. E assim, decidi abandonar a fisioterapia e ser professora.

Anos depois, fiz a licenciatura em Letras Português/Inglês, nesta época, eu já estava em sala de aula há mais de dez anos. Recordo que uma das decisões pela formação universitária foi a possibilidade que ela me abriria para trabalhar em escolas e, de fato, ter um papel que funcionasse como selo de aprovação da minha escolha profissional. E mais, lembro que, quando terminei a licenciatura, tive vontade de mais, de querer estudar mais e me formar mais. Foi assim que decidi tentar a entrada na academia, no curso de mestrado.

Durante o percurso do meu mestrado, muitas inquietações surgiam a cada nova disciplina que se apresentava, muitas possibilidades de pesquisa, e diversos eram os possíveis caminhos a seguir. Foi então que fui mordida pelo bicho da narrativa<sup>1</sup> - que se apresentou através do encontro com diversos autores, mas uma, especialmente, me cativou: Charlotte Linde. Em seu livro *Life Stories The Creation of Coherence*, Linde pesquisa sobre as narrativas de história de vida, em especial sobre a história da escolha profissional. Aprendi que as narrativas poderiam funcionar como momentos de organização e socialização da experiência do ser humano em suas várias dimensões.

Nesta disciplina, minha monografia, apresentada como trabalho de final de curso, analisou minha própria história de vida de formação profissional. O desfecho, construído por mim e apresentado à turma, foi que muitos professores parecem passar por caminhos tortuosos em suas formações profissionais. Caminhos constituídos por solavancos e turbulências, desvios e hiatos<sup>2</sup>. Minha surpresa foi a quantidade de pessoas presentes naquele momento (professores, em sua maioria) que se dispuseram a contar suas histórias de formação profissional e como elas eram

---

<sup>1</sup> Na disciplina LET2411 – Análise de Narrativa, ministrada pela professora Liliana Cabral Bastos.

<sup>2</sup> Retiro estes termos do artigo seminal de Elliot G Mishler, *Narrativa e Identidade: A Mão Dupla do Tempo* (2002, p. 212). Uso os termos como título da minha dissertação por acreditar que as histórias de construção profissional, narradas aqui, se constroem entre solavancos e turbulências, desvios e hiatos.

também marcadas por solavancos e turbulências, desvios e hiatos, como a minha própria história de vida.

Isso se transformou em força motriz para a investigação e reflexão acerca das histórias de vida profissional de Noa e Judith. Pelos caminhos que percorri ao longo da pesquisa, proponho que podemos nos constituir nos conjuntos de histórias que contamos sobre nós mesmos, e quando essas histórias são compartilhadas e co-construídas, podem (re)fazer a construção da história das escolhas profissionais de seus narradores.

Assim, após esta breve introdução, apresento que esta dissertação tem por objetivo refletir sobre o processo de sócio construção de escolha profissional através de narrativas de história de vida. Para tal, me proponho a analisar as narrativas geradas e selecionadas pelas participantes desta pesquisa e partilhar entendimentos sobre as reflexões geradas pelo presente trabalho.

Percorro, no capítulo 2, na seção de pressupostos teóricos, os caminhos da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006 entre outros) e da Linguística Aplicada Crítica (PENNYCOOK, 2001), ao explorar as complexidades que surgem na minha pesquisa, de maneira crítica e reflexiva, não me atendo a uma visão essencializadora, unindo a teoria à prática. Faço uso da Narrativa (LABOV, 1972) e da História de Vida (LINDE, 1993), com seus sistemas de coerência e causalidade, como aparato teórico que utilizei para lançar luz aos dados co-construídos no contexto desta pesquisa, embasando reflexões e entendimentos em busca de uma maior consciência crítica e do próprio processo crítico-reflexivo (MILLER, 2013) que culminou nas observações realizadas durante a análise de dados.

A seguir, no capítulo 3, exploro as decisões metodológicas que fizeram parte deste trabalho. Trago também a questão da pesquisa qualitativa (RICHARDS, 2003) e suas implicações. Descrevo etapas, em pormenores, e enumero momentos de pesquisa, desenvolvimento da minha pesquisa e, por extensão, desta dissertação. Acredito que, com informações mais detalhadas acerca das decisões, abordagens, participantes, geração e seleção de dados para análise, melhores entendimentos e reflexões acerca das construções das nossas escolhas profissionais possam ser vislumbrados.

Depois, com base na transcrição dos dados, focalizo, primeiro, em propriedades e elementos do modelo canônico de análise de narrativa (LABOV). Em seguida, estendo a análise para a discussão dos princípios de coerência e causalidade (LINDE, 1993), para refletir sobre narrativas como meios através dos quais a vida social e cultural emerge.

Finalmente, no capítulo de considerações finais, finalizo minhas reflexões, ao problematizar as questões que emergiram nas narrativas de Noa e Judith, referentes às suas histórias de vida de formação profissional de professores de inglês.

## Pressupostos Teóricos

Gostaria de começar este capítulo com uma ideia, já bem estabelecida no meio das ciências sociais, mas que insisto em repetir, de que os caminhos pelos quais percorremos e alimentamos nosso pensar nunca são inteiramente novos. Inúmeras foram as fontes de leitura, tantas outras foram as fontes de trocas no desenvolvimento da escrita deste texto e, às vezes (ou melhor dizendo, várias vezes), no processo de reflexão, me surpreendi ouvindo vozes que, tenho certeza, não eram as minhas, mas que de tanto ressonarem em mim, passaram a ganhar um status de “quase-minhas”. Essas vozes, nas quais me apoio e das quais me aproprio e apresento nesta seção, me orientam a compor o corpo teórico deste trabalho. Isso não é tarefa simples, muito pelo contrário, vejo-a como tarefa bastante complexa, diria quase hercúlea.

Para dar conta do que para mim não é simples, faço uma oposição ao que é complexo. Para esclarecer ao leitor, trago as ideias de Freire & Leffa (2013, p.67), que ecoam o pensamento de Morin.

No conjunto de sua obra, Morin ressalta que a complexidade não é um conceito capaz de equacionar dificuldades e trazer respostas prontas; é uma ‘palavra-ordem’, um desafio ao conhecimento e, portanto, não constitui uma “palavra-solução” (Morin, 2005<sup>a</sup>, p.6). Para ele, ao manifestarmos que algo é complexo, indicamos nosso embaraço, nossa incapacidade de definir de modo simples, de denominar com clareza, de ordenar nossas ideias” (Morin, 2010, p.189). Levando em conta tais ponderações, concordamos com a conclusão do autor: o conhecimento complexo é uma tentativa de responder a esse desafio.

Parto então para o complexo desafio de definir o corpo teórico deste trabalho, lembrando que as teorias escolhidas me são muito caras, sendo também vistas por mim como “caminhos contemporâneos que podemos percorrer para ‘reinventar formas de produzir conhecimento’ (MOITA LOPES, 2006, p.85).

Busco, nesta pesquisa, entender como se dá a construção de escolhas profissionais de professoras, através de conversas participativas de pesquisa, onde contam suas histórias de vida. Da mesma forma, tento responder à necessidade de entendimento (entre sujeitos) por meio da reflexão sobre a relação desse sujeito (como esse sujeito se vê e como eu vejo que esse sujeito se vê), situando o discurso

com o mundo e no mundo (SOUZA, 2011). Ao meu modo de ver, isso se dá através da sócioconstrução discursiva em encontros sociais cotidianos, que acontecem na vida de maneira geral (GOFFMAN, 1963, 1977, 1979). Essa busca pelo entendimento de como as profissões são construídas no meio sociocultural em que vivemos (GOFFMAN, 1988 e LINDE, 1993) se dá através de um olhar micro sobre a linguagem produzida em conversa, fundamentada na análise de narrativas (LABOV, 1972) de histórias de vida, através de um sistema de coerência e causalidade (LINDE, 1993).

De acordo com Bohn (2013, p.13) “os estudos culturais indicam que é na linguagem que se constroem as diferenças constituintes da identidade humana”. Indo além, Rajagopalan adiciona duas ideias acerca da importância do que também entendo ser o meu olhar sobre a linguagem (2011, p.2) quando coloca que:

o nosso modo de lidar com as nossas circunstâncias, a nossa sociedade, a nossa inserção dentro da sociedade [é através da linguagem, pois] tudo no mundo é mediado pela linguagem (é preciso) pensar a linguagem no âmbito da vida cotidiana que estamos levando. Mais que isso, é usar a prática como próprio palco de criação de reflexões teóricas, ou seja, neste âmbito, teoria e prática não são coisas diferentes. A teoria é relevante para a prática porque é concebida dentro da prática.

Para tal reflexão, lanço mão de uma visão interdisciplinar/transdisciplinar da Linguística Aplicada (doravante, LA). Nela, entendo que ouço diferentes perspectivas de produção de saber, para que possa encontrar os subsídios adequados e, assim, buscar melhores entendimentos acerca do que emerge na linguagem que aflora dessas narrativas (MOITA LOPES et al, 2006, 2013).

## 2.1

### **Linguística Aplicada (LA) e Linguística Aplicada Crítica (LAC)**

Primeiramente, ao se pensar a LA e ao se falar de linguística, faz-se necessário um momento inicial de contraposição, para melhor situar o leitor na história de como a LA surge em um movimento de reflexão sobre o fazer linguístico. A LA se distancia e diferencia da linguística (dita, “a pura”), pois se propõe estar em diálogo com as práticas sociais e o pensar de um mundo

contemporâneo. A LA, diferentemente da linguística, não está preocupada em aplicar o conhecimento para fins de análise, ensino, tradução, ou criação de métodos (BORGES, 2017).

Dito isto, podemos partir para o entendimento de duas visões, esclarecedoras e enriquecedoras, a respeito do se fazer LA. Pennycook (2006, 2015) procura entender a LA pautada em quatro frentes de atuação (e suas respectivas questões): o domínio (efeitos contextuais e contingentes do poder); a disparidade (inequidade de acesso a produtos materiais e culturais); o desejo (identidade, agência e ideologia); e a diferença (diversidade e ambição para transgredir). De forma similar, Moita Lopes (2006) propõe que os seguintes aspectos deveriam ser considerados como constitutivos da LA: uma LA mestiça; uma LA que explore a relação entre teoria e prática; uma LA que descreve o sujeito social ao compreendê-lo como heterogêneo, fragmentado e fluido, historicizando-o; e uma LA como área em que ética e poder são pilares essenciais.

Ainda, a LA pode ser entendida como uma área de estudo que foca nas práticas do mundo, que busca investigar a linguagem e o que ela faz no meio em que é produzida (BORGES, 2017). Do mesmo modo, neste mundo contemporâneo, a LA pode ser vista como uma teoria-prática (MOITA LOPES, 2006, p. 20), que tem como uma das suas características mais importantes estar em reflexão contínua sobre si mesma: [em] um campo que se repensa insistentemente (PENNYCOOK, 2001, p. 171).

No âmbito da pesquisa, em uma variedade de contextos da linguagem, a LA passou a ser iluminada e construída interdisciplinarmente. Tal perspectiva compreende a LA não como conhecimento disciplinar, mas como INdisciplinar (MOITA LOPES, 1998), ou como *antidisciplinar* e transgressivo (PENNYCOOK, 2001).

Pennycook (2001) nos apresenta o conceito da Linguística Aplicada Crítica (doravante, LAC), que "se propõe a lidar [com o que] é de ampla cobertura, interdisciplinaridade e autonomia". Dessa forma, não se constitui apenas como aplicação do conhecimento linguístico, mas como um domínio de trabalho e pensamento que pode, ou não, estar acoplado à sociologia, à educação, à antropologia, aos estudos culturais e à psicologia. Ainda segundo o autor, existem

duas outras definições do que pode ser considerado crítico que importam nessa caminhada. A noção de crítico como algo crucial e importante e a noção de crítico que sugere um estado de mudança. É crucial e importante porque lida com questões relacionadas a linguagem e é também uma mudança marcada de uma possível nova forma de se fazer Linguística Aplicada.

Observo que, neste contexto, mais uma vez, existe uma relação recíproca entre prática e teoria, ou com "uma continua reflexão de integração de pensamento, desejo e ação, às vezes chamada de práxis" (SIMON, 1992, p.49, apud PENNYCOOK, 2001, p. 3). Desta forma, podemos concluir que "a Linguística Aplicada Crítica é uma maneira de pensar e fazer em reflexiva integração entre desejo e ação." (PENNYCOOK, 2001, p.3). Outra visão acerca da LAC é sua visão como uma prática problematizadora (DEAN, 1994, apud PENNYCOOK, 2001). Tal prática não buscaria tão somente noções estáveis ou uma alternativa à realidade, mas sim um constante questionamento de todas as categorias. Ademais, com essa noção problematizadora surgiria outro elemento merecedor de atenção: "a noção de criticidade também precisa implicar uma consciência dos limites da sabedoria" (SPIVAK, 1993, p. 25 apud PENNYCOOK, 2001, p.8).

Neste momento, me surgem outras perguntas. Como abordar as questões da minha pesquisa conscientemente e com sabedoria? Penso que a autoreflexividade pode me servir como um instrumento que diferencie a habilidade de questionar e os limites do saber. Penso que, sendo autoreflexiva na maneira em que desenvolvo minha pesquisa, percebo que não é necessário produzir uma ciência exata e ortodoxa com novos modelos e procedimentos a serem seguidos. Assim, me unindo a um grupo de pesquisadores que fazem uma Linguística Aplicada Crítica, trago em mim a preocupação de fazer perguntas diferentes e mais difíceis sobre questões do saber e do conhecimento estabelecido.

O tipo de pesquisa em que este trabalho se situa, a pesquisa qualitativa, considerada participativa e inclusiva, pondera que a pesquisa desenvolvida por meio de narrativas, entrevistas, diários e etc., está inserida no paradigma sócio-histórico (LINCOLN & GUBA, 2006). Além disso, ela se afasta da concepção de resultados como "produtos", permitindo-se conceber os resultados como "processo" (GIEVE & MILLER, 2006). Quando a pesquisa é vista desta maneira, podem então surgir inúmeras possibilidades de entendimento, em busca de uma

maior consciência crítica e do próprio processo crítico-reflexivo, que pode passar a ser visto como um fim em si mesmo (ALLWRIGHT, 2005; MILLER, 2013).

Com tanta ênfase em um fazer crítico, me aproximo de mais uma questão que julgo importante. O que é ser crítico? No paradigma da LAC (PENNYCOOK, 2001), aponta-se que a criticidade está em três abordagens distintas. Primeiro, ao engajar-se em um processo de trazer uma análise crítica mais rigorosa à solução de problemas e assumir uma posição de pensamento crítico. Segundo, ao engajar o trabalho social com questões e críticas sobre políticas e relações sociais, ao assumir uma posição modernista-emancipatória. E terceiro, ao se lidar com questões de poder e desigualdade, ao assumir uma posição pós-moderna-problematizadora.

Dentre os caminhos que a LA e LAC oferecem, me parece relevante pensar que, através da pesquisa, poderíamos operar mudanças. Entendo que isso possa ser feito ao se (des)(re)construir constantemente, e de inúmeras maneiras, qualquer construção de entendimentos. A proposta desse modo de caminhar não é necessariamente nova, e os caminhos absolutamente não constituem uma "receita de bolo" para que outros caminhos possam ser percorridos. Aqui, me alinho com as ideias de Bohn, quando o autor diz que: "a contemporaneidade é uma caminhada, não há pontos de chegada, mas apenas momentos de retomada de fôlego para continuar a trilhar o caminho que tem nas pegadas já percorridas os sentidos do significar novo." (BOHN, 2005, p.12).

Este caminhar através dos estudos sociais e culturais me leva a crer que "precisamos estudar como a linguagem, o discurso, em todas as suas manifestações, instala a diferença." (BOHN 2005, p. 13). E, desta forma, ao situar minha pesquisa no campo da LA, neste caso a LAC, a busca pelo entendimento acerca da construção discursiva da escolha profissional das participantes através das suas histórias de vida, me coloca frente a outros possíveis entendimentos e reflexões que me levam a pensar questões mais abrangentes na sociedade, como por exemplo a instalação do estigma como visto por Goffman (1980). Ademais, a LAC me permite ser capaz de pensar a minha pesquisa de maneira a produzir, articular (des)(re)construir sentidos sobre uma visão de mundo, uma história de vida e até escolhas profissionais. Isso se dá através da compreensão da complexidade da constituição humana em suas dimensões física, biológica, psíquica, cultural, social e histórica.

Finalmente, meu desejo não é cunhar modelos ou fazer categorizações. Gostaria de, através das lentes da LA, explorar as complexidades que surgem na minha pesquisa de maneira crítica e reflexiva, não me atendo a uma visão essencializadora, unindo a teoria à prática através das lentes da Linguística Aplicada Crítica. Assim, dentre as várias ideias apresentadas através da LA, me alinho também ao conceito de desaprendizagem como possibilidade de conhecimento (FABRÍCIO, 2006), quando tento ser cautelosa quanto a possíveis generalizações, quando tenho ciência de que as minhas descrições e observações não são neutras, quando penso em operar em uma dimensão ética da pesquisa, nos efeitos e consequências do caminho que percorri ao longo da pesquisa e, principalmente, quando penso que este trabalho pode ser reexaminado e revisitado, quantas vezes o for, que eu posso reavaliar minhas escolhas e meus entendimentos.

Enfim, mantendo em mente todas as possibilidades de conexão que podemos fazer através dos construtos teóricos aqui apresentados, convido o leitor a apreciar agora um momento de melhor entendimento sobre narrativas e histórias de vida.

## 2.2

### **Narrativa e Histórias de Vida de Escolha Profissional**

Como vimos anteriormente, e também ancorado nas práticas propostas pela LA, pensar a vida social através dos estudos de narrativas pode ser um passo ao encontro de uma visão socioconstrucionista do discurso onde agem atores sociais que, ao viverem (e contarem sobre) suas vidas, podem se propor a ver a si próprios e a outros a sua volta (MOITA LOPES, 2001).

Hoje, pode-se dizer que há muitos autores que se debruçaram sobre os estudos de narrativas, e variadas são suas posições em diversas áreas de estudo. Me parece relevante pontuar o pioneirismo de Labov & Waletzky que, em 1967, consideraram a narrativa como uma técnica verbal para recapitular a experiência, em especial, uma técnica para construir unidades narrativas que correspondem a uma sequência temporal (MISHLER, 2000). Assim, o modelo de análise da narrativa cunhado por Labov-Waletzky, além de ter influenciado muitos pesquisadores (BAMBERG, 1997), culminou em uma onda de interesse da

sociolinguística e das disciplinas das ciências humanas, um movimento chamado de “virada narrativa” (BASTOS & BIAR, 2015).

Dentre os diversos autores que se voltaram para as narrativas, Bauman (apud BASTOS, 2005) considera que quando relatamos histórias estamos não apenas expressando e refletindo crenças e valores, mas também formando e criando padrões sociais. Padrões estes que, sendo relativos a categorias como gênero, idade, profissão, religião e classe social, também informam a produção e interpretação de narrativas. Bruner (1990) coloca que é através das narrativas que vamos tornar compreensível para nós mesmos o que acontece de excepcional em nossas vidas cotidianas. Garcez (2001), Mishler (1986, 1999) e Schiffrin (1996) consideram que a narrativa é uma atividade situada, considerada uma organização de eventos dispersos e de co-construção sócio-interativa, tanto em sua estrutura, como em seus significados, tanto como texto, quanto como prática social. Pode-se, então, através desta interpretação, traçar relações entre o micro contexto da materialidade discursiva com o macro contexto da prática social.

Ainda, sob uma lente discursiva e interacional, a análise da narrativa como vista por Bastos (2004, 2005) e Bastos & Biar (2015) pode ser compreendida como uma técnica específica de se estruturar a experiência humana e um lugar privilegiado para se estudar a vida em sociedade. Por fim, a narrativa pode ser vista como uma maneira de atualizar outras ou as suas próprias experiências, pois olhando para as histórias que contamos, poderemos talvez entender "mais e melhor" sobre nós mesmos e (re)viver nossas vidas.

Devido à amplitude da variação na estrutura das narrativas em função da história, da cultura e do contexto de produção, entendo que o conceito de narrativa pode ser difuso, mas que possui uma semelhança com os exemplos definidores de Labov (MISHLER, 2000). Por isso, mesmo após críticas ao modelo fundador e estruturador de Labov, ele continua em destaque e pode funcionar como um disparador para outros modelos, como o de Linde (1993), que será abordado futuramente. Justo então que exploremos primeiro o modelo fundador e canônico de Labov (1972).

Labov & Waletzky (1968) e Labov (1972), em suas pesquisas sobre narrativas orais, definem como requisito básico para a constituição de uma narrativa a referência a um evento extraordinário, isto é, uma narrativa deve ser reportável

ou apresentar uma razão clara para ser contada (o ponto da narrativa). Esses autores divisam propriedades e elementos bastante delimitados de acordo com os quais se organiza o modelo canônico de Labov, descrito a seguir, segundo Costa & Biar (2015, p.105,106):

1. sumário (ou *abstract*): espécie de resumo da história que, posicionado no início da sequência de ações, anuncia o assunto e, de alguma maneira, a razão pela qual a história é contada, isto é, seu ponto;
2. orientação: momento da narrativa em que se identificam personagens, tempo e lugar das atividades narradas, contextualizando, portanto, seus elementos;
3. ação complicadora: as orações narrativas dispostas em sequência temporal, a partir das quais se conta o que efetivamente aconteceu;
4. avaliação: elemento que pode aparecer de forma encaixada ou em um momento suspenso do fluxo de ações narradas, tem a função de dar relevo à postura do narrador em relação a partes específicas da história, além de contribuir para a construção do ponto da história. As avaliações podem ocorrer por meio de recursos expressivos diversos, tais como contorno entoacional, inserção de adjetivos e advérbios, paralelismos sintáticos, dentre muitas outras possibilidades, as quais, de qualquer forma, conferem dramaticidade à história e funcionam como pista para a interpretação de seus elementos pelos interlocutores;
5. resultado: desfecho para as ações narrativas em que se costura o destino final dos personagens e objetos narrados;
6. coda: momento, frequentemente final, em que o narrador encerra o fluxo de eventos narrados e retorna ao presente da interação, fornecendo uma nova síntese avaliativa sobre o sentido da história.

Vale ressaltar que todos esses elementos, tal como descritos por Labov, nem sempre estão presentes em uma narrativa, e, quando estão, não necessariamente acontecem de forma tão estruturada e linear. A estrutura de uma narrativa pode se complexificar ou se simplificar de muitas maneiras. Assim, foram feitas algumas revisões no modelo canônico de Labov para estender o conceito de narrativa a

outros contextos interacionais menos prototípicos (cf. GEORGAKOPOULOU, 2006, 2008; BASTOS, 2005, 2008; BAMBERG, 2008).

### 2.2.1

#### **Narrativas de Histórias de Vida**

Um dos desdobramentos do modelo de Labov, ancorado na análise de narrativas orais, e que considera a narrativa como talvez a mais básica (e mais estudada) unidade do discurso, foi a proposta, feita por Linde (1993), de narrativas de histórias de vida. A autora coloca que para que possa existir no mundo de maneira confortável, socialmente adequada e estável, um indivíduo precisa ter uma história de vida coerente, aceitável e constantemente revisada. A autora ainda destaca que uma história de vida consiste em todas as histórias e unidades de discurso associadas, tais como narrativas, explicações e crônicas, contadas por um indivíduo durante o curso de sua vida.

De acordo com Linde (1993), para serem consideradas histórias de vida, devem satisfazer os seguintes critérios:

1. as histórias e as unidades de discurso associadas, contidas na história de vida, têm em sua avaliação primária um ponto sobre o falante, não um ponto geral acerca do mundo;
2. as histórias e as unidades de discurso associadas têm reportabilidade estendida, ou seja, são contáveis e são contadas e recontadas por um longo tempo.

O primeiro critério exige que uma história tenha um ponto avaliativo que, essencialmente, mostre alguma característica do narrador. O segundo critério é que ela tenha reportabilidade estendida. A reportabilidade é uma noção que faz parte da avaliação, isto é, um evento não é relatável/reportável se é algo que acontece todos os dias. Para poder ser transformado em uma história, um evento deve ser incomum o bastante ou, de alguma forma, deve ir contra as expectativas ou normas de quem conta uma história (LABOV 1972b; LINDE 1993, p.390 apud LINDE, 1993, p.22).

Podemos considerar que a reportabilidade de um determinado evento ou sequência de eventos não é fixa, ela depende não só da natureza dos eventos, mas

também da relação entre os interlocutores, do tempo que se passou entre a história propriamente dita e o momento em que se conta e das habilidades pessoais do falante como narrador. Este entende que um evento é reportável quando tem uma relevância particular e consegue construir um significado moral para eventos que talvez para outros pudessem ser neutros (LINDE, 1993, p. 21-23).

Resumidamente, uma história de vida pode ser compreendida como uma unidade de discurso oral que é contada em muitas e diferentes ocasiões. Convencionalmente, a história de vida compreende certos tipos de eventos, como marcos históricos, tais como escolha de profissão, casamento, divórcio e conversão religiosa ou ideológica. Tanto em seu conteúdo (os itens que incluem e excluem) quanto em sua forma (as estruturas que são usadas para torná-la coerente), a história de vida em si não é universal, mas sim o produto de um integrante de uma determinada cultura. Logo, uma história de vida é algo que a maioria das pessoas possui, é algo que elas criam e é algo que deve ser criado de maneira coerente para ser aceito e ter credibilidade.

Vistas como uma forma particular de unidade discursiva, a causalidade e a continuidade são tidas como dois princípios de coerência nas narrativas de experiência pessoal. Linde aborda a noção de coerência, que se refere às unidades discursivas empregadas para tornar uma narrativa coerente, tanto em termos de unidades do conteúdo das estruturas, quanto na base ideológica de seu discurso.

### **2.2.2**

#### **Sistemas de coerência**

Para Linde (1993, p.12), a coerência pode ser entendida como uma propriedade de textos que advém das relações que as partes de um texto têm com o todo, bem como da relação que o texto tem com os outros textos do seu tipo. A coerência também pode ser entendida como uma busca por uma realização cooperativa entre falantes e ouvintes, onde o falante trabalha para construir um texto cuja coerência pode ser apreciada e, ao mesmo tempo, o ouvinte trabalha para construir entendimentos acerca da coerência do texto e comunicar sua compreensão.

O processo de criação de coerência não deve ser visto como uma questão simples. Na verdade, é quase uma obrigação social que as conversas sejam coerentes para que os participantes sejam vistos como membros competentes de uma cultura. Além de ser uma demanda social que a coerência exista, ela pode também ser considerada uma questão pessoal, dado que quem conta uma história não quer ter suas histórias desacreditadas (LINDE, 1993, p. 16).

Assim, os sistemas de coerência são definidos como um aparato cultural global que serve para estruturar a experiência em uma narrativa, de forma que esta possa ser aceita e compartilhada. A causalidade pode ser definida como a adequada concatenação de elementos para o estabelecimento da coerência e a continuidade aponta para a progressão dessa concatenação dentro de uma ordem esperada. Existem diversos recursos sintáticos e lexicais para o estabelecimento da causalidade, como, por exemplo, marcadores formais, ou seja, as conjunções do tipo “porque”, “pois” (LINDE, 1993, p. 127). Contudo, o foco dos sistemas de coerência e causalidade é investigar a prática social e estabelecer se uma pessoa, ao narrar eventos de sua vida, justifica suas escolhas apresentando razões adequadas e apropriadas, de acordo com o senso comum (*c.f. common sense*).

Opto por usar a tradução do original *common sense*, apesar da diversidade de definições da expressão do termo senso comum<sup>4</sup>. Me alinho aqui a uma definição mais filosófica do termo, que entende que o senso comum é um conjunto de ideais, opiniões e pontos de vista, adquirido a partir de experiências, vivências e observações do mundo, compartilhado por um grande número de pessoas, acumulados ao longo da vida, passados de geração para geração, em um determinado contexto social e cultural, que se estabelecem como naturais, não admitindo grandes questionamentos ou reflexões. Conselhos e ditos populares também podem fazer parte do que aqui considero senso comum.

As convenções particulares que regulam o que pode ou não formar parte de uma história de vida não são, no meu entendimento, universais, e, como tal, as

---

<sup>4</sup> Gostaria de fazer trazer ao leitor uma outra possibilidade de compreensão a respeito do senso comum, pensar o senso comum como uma forma de imaginação coletiva. O autor Yuval Harari, em seu livro *Sapiens – Uma breve história da humanidade* (2017), coloca que a imaginação coletiva existe enquanto crença partilhada (ou como uma realidade imaginada em que todo mundo acredita). A imaginação coletiva exerce influência no mundo e em todas as pessoas que partilham do mesmo construto social, enraizada em mitos comuns e incapaz de existir fora das histórias que as pessoas inventam e contam sobre si mesmas.

mesmas diferem entre culturas e subculturas. Assim, me parece relevante colocar que a escolha de um trabalho ou de uma profissão (para algumas pessoas, embora certamente não para todos) pode constituir um componente importante da história de suas vidas.

### 2.2.3

#### Sistemas de Crenças

Um sistema de coerência é uma prática discursiva que representa um sistema de crenças e relações entre crenças. Ele prevê que em um dado cenário ou uma declaração possa ou não ser conectada a outra declaração. Além disso, pode ser considerado um sistema de crenças que ocupa uma posição intermediária entre o senso comum (um sistema de crenças que presume-se ser compartilhado por todos em uma dada cultura e que não requer nenhuma circunstância especial para ser compreendido ou utilizado) e o sistema de *experts* (um sistema de conhecimento, crenças, valores e ações situados na prática social humana). O termo sistema de coerência representa um sistema de nível intermediário (Linde, 1993, p.163).

Veremos, a seguir, que sistemas de coerência podem estar presentes em dados de histórias de vida como versões mais populares de sistemas de especialistas (cf. *expert system*), podem também ser considerados sistemas semi-especialistas (cf. *semi expert systems*). É comum a presença do senso comum como a forma mais generalizante de um sistema de coerência que permite uma forma de compreensão, avaliação e construção de relatos de experiência (narrativas).

Todas as teorias que se aplicam ao senso comum advêm de um sistema especialista associado, que pode ser do tipo econômico, de classe social, de oportunidades econômicas, limitações de classe econômica, raça ou etnia, feminismo, catolicismo, político, psicológico e religioso, entre outros. Um exemplo ilustrativo de uma teoria do senso comum é a astrologia, vista como estudo da influência dos astros nos acontecimentos ou pessoas, sendo usada no senso comum como forma de definir características pessoais superficialmente (Ah! Sabia que ele era Áries, Áries é do mundo!).

## 2.2.4

### Relação sincrônica entre sistemas de coerência popular e especialista

Os sistemas de coerência populares advêm de sistemas especialistas. Os sistemas populares usam um número muito pequeno dos conceitos presentes em sistemas especialistas e não fazem referência às teorias presentes em sistemas especialistas. Os conceitos dos sistemas populares advêm principalmente da cultura popular, não são detalhados ou complexos, pode-se até arriscar dizer que os sistemas populares são um “empobrecimento dos sistemas especialistas”, que pegam destes conceitos emprestados (Linde, 1993, p. 183).

Esta relação de como um sistema está conectado ao outro é bastante complexa e pode ser resumida da seguinte maneira: um sistema de coerência especialista nasce de processos históricos, estes dão origem aos sistemas de coerência populares que, finalmente, tornam-se parte do senso comum. A figura abaixo ilustra este processo de sincronia entre sistemas populares, semi-especialistas e especialistas.

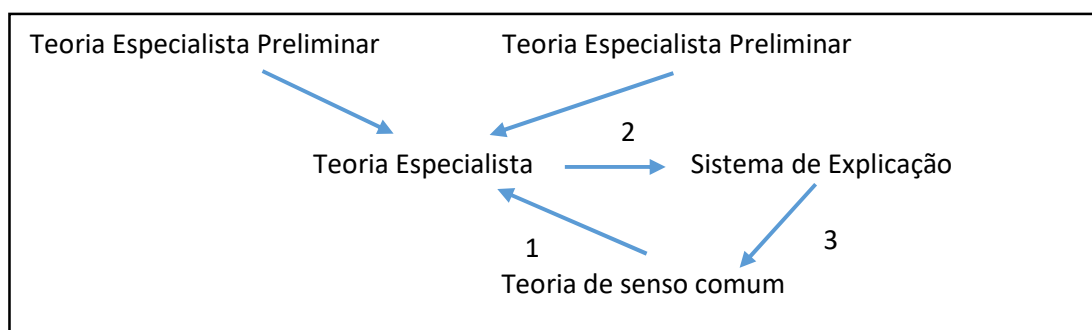


Figura 1: Relação sincrônica entre os sistemas de coerência. (LINDE, 1993, p.184)

Entendo que os sistemas de coerência podem ser vistos como uma nova possibilidade de paradigma de pesquisa de narrativas de histórias de vida. É necessário um alto nível de organização conceitual para que possamos descrever as estruturas que emergem nas histórias de vida. Eu arriscaria dizer que a tentativa de compreensão destes mecanismos pode fazer com que as pessoas que contam suas histórias de vida, ao fazê-lo, acabam por compreender melhor suas próprias histórias de vida.

O ato de narrar permite então ao falante uma posição reflexiva – a habilidade de contar e avaliar as nossas ações como se elas fossem de outra pessoa. Além disso, o fato de se refletir sobre o que já foi narrado e se apresenta novamente frente ao narrador faz com que esta prática possa se tornar ainda mais crítica e reflexiva. Considero relevante pontuar que pode haver estratégias linguísticas de distanciamento até na construção do discurso ao nível da sentença. Mas entendo que os sistemas de coerência podem proporcionar às pessoas até a possibilidade de (re)criação de um novo *self*.

Por fim, da mesma maneira que os sistemas de coerência lançam luz às questões narrativas, junto a eles surge um enorme número de questionamentos. Quantos tipos de sistema de coerência existem? Quantos podem existir em uma dada cultura? São finitos, infinitos? Essas questões trazem implicações importantes para a linguística aplicada crítica e o fato de não termos respostas fixas e definidas para elas não é visto por mim como um limitador das minhas reflexões, pois dentro da perspectiva crítica e da articulação de outros pensamentos abre também caminho para outras reflexões.

### 2.2.5

#### O Sistema do Senso Comum

Proponho, de acordo com as ideias de Linde (1993, p. 192), que existem diversas perspectivas pelas quais o senso comum pode ser visto ou estudado. Entendo que divergências na própria definição podem levar ao questionamento de se o senso comum existe de fato. Como o próprio termo indica, o senso comum parece ser universal e estar mais ligado a aspectos culturais do que factuais.

Visto por estas lentes, o senso comum seria um sistema de crenças que serve para estruturar explicações quando nenhum outro sistema de coerência é usado. Consiste em suposições e crenças que todos presumidamente adotam - crenças que em uma determinada cultura são tão óbvias e verdadeiras que dificilmente são vistas de outro modo.

Destaco que quando Linde (1993, p. 192-196) se propõe a estudar o senso comum, passa a pensá-lo em termos de um sistema transparente ou de um não-

sistema, pois o que o marca é a não-marcação ou a omissão. Na verdade, neste sistema, espera-se que as omissões se tornem mais reveladoras do que aquilo que está incluído na narrativa. Além disso, neste sistema também se olha para o aparecimento de marcações linguísticas tais como “claro, óbvio, como se sabe, era de se esperar e naturalmente”, exemplos, como vemos, que são usados para se referir ao que parece óbvio.

Ainda de acordo com a autora, existem três pontos (ou máximas/princípios) a se olhar nas justificativas de uso deste sistema, a saber: 1. individualismo; 2. a formulação de que pensamentos são coisas; e 3. o entendimento da ética em termos de direitos (LINDE, 1993, p. 199).

Os pontos que a autora considera mais fortes e marcantes, como traços do individualismo que aparecem na justificativa de escolhas profissionais, são quando na narrativa aparecem falas que justificam a escolha profissional através de ações individuais (por exemplo, “faço isso há anos”), gosto pessoal (por exemplo, “faço porque gosto”), aptidão (por exemplo, “sou boa no que faço”) e característica pessoal (ibidem).

Já sob a perspectiva de que pensamentos são coisas, os traços aparecem na ausência da discussão de questões políticas ou econômicas que afetam as escolhas profissionais. Linde destaca que, em um mundo em que falta a história econômica ou política, a característica pessoal passa a ser o determinante mais importante na escolha profissional (ibidem).

Por fim, a terceira máxima, que lida com a noção da ética não sendo vista como um sistema para todos, propõe que a ética seja vista em termos de direito. Desta forma, o direito funcionaria apenas para um indivíduo, e não teria a concepção de responsabilidade ou obrigação de todos.

No meu entendimento, nem todos acreditam no que pode ser considerado um sistema de senso comum, mesmo que fazendo uso deste sistema. Quando convidados a refletir, pode-se até dizer que não se acredita nele. Entretanto, não se pode negar a existência deste sistema, pois, na linguagem e na cultura, faz com que certos tipos de pensamento, crenças, atitudes e ações sejam facilmente formulados.

Concluo observando que uma crença do senso comum não se justifica se for olhada muito de perto ou minunciosamente. Ela só se sustenta quando não apurada ou examinada, pois é composta precisamente de crenças axiomáticas, e, portanto, não verificáveis.

### 3

## Decisões Metodológicas

Este trabalho investigativo configura uma pesquisa qualitativa-interpretativa (DENZIN & LINCOLN, 2006), que se propõe a entender como se dá a construção das escolhas profissionais de duas professoras de inglês através da narrativa de suas histórias de vida. Assim, a seguir, descrevo, em pormenores, momentos do desenvolvimento da minha pesquisa.

### 3.1

#### (A construção do) Contexto de pesquisa: abordagens

Começo com a ideia de construção de um contexto de pesquisa, pois acredito que ele não está pronto, não é estático e está em constante mudança e ressignificação durante a própria pesquisa. Contextos aqui podem ser entendidos como o resultado do contato de práticas interpretativas diferentes, culturalmente construídas, socialmente constituídas, sustentadas por ideologias e, conseqüentemente, variáveis entre culturas. Além disso, em tais contextos, nenhum dos fatores é fixado social ou culturalmente (FABRÍCIO, 2014). O fato desta pesquisa ter passado por várias mudanças, ter sido construída por mim, pelas participantes e por todas as outras vozes que me atravessaram - e continuam a me atravessar, mesmo no momento desta escrita - até se configurar no que aqui está sendo apresentado, faz dela mais um processo do que um produto.

Existem muitas formas de se definir a pesquisa qualitativa (Richards, 2003) e, segundo Denzin & Lincoln (2006), o objetivo da pesquisa qualitativa é buscar entender os sentidos que as pessoas envolvidas em um fenômeno atribuem a ele. Desse modo, entre as pesquisas qualitativas, feitas nas ciências sociais, nas quais há uma aproximação do pesquisador em relação aos seus dados, estão sempre buscando entender os fenômenos estudados de maneira localizada, reconhecendo e aceitando sua subjetividade.

Me oriento por um paradigma qualitativo-interpretativista (BASTOS & SANTOS, 2013; DENZIN & LINCOLN, 2006; MOITA LOPES, 1996), pois, como

pesquisadora, não estou em busca de uma verdade e sim de um processo de reflexão que nos permita traçar entendimentos acerca dos temas aqui tratados. Desta maneira, também é importante ressaltar que aceito que múltiplas verdades são construídas por diversos olhares e que estes mesmos olhares são subjetivos e socialmente e culturalmente situados.

Minha pesquisa é também de cunho autoetnográfico, pois estou diretamente inserida em seu contexto. As indagações e inquietações que foram ponto de partida para este trabalho, brotaram das minhas próprias reflexões acerca da minha história de vida. Penso-me como professora e pesquisadora em um paradigma humanístico ou naturalista (EDGE & RICHARDS, 1998), que se vê como participante das/nas situações que procura investigar. Assim, mantenho a posição de que há diferentes versões da realidade, dependendo da perspectiva adotada, e que a perspectiva aqui exposta é a minha visão intersubjetiva de uma dada situação.

Quando nos propomos a fazer ou falar de Linguística Aplicada (LA), precisamos relembrar que existem diferentes visões da LA tradicionalmente discutidas no Brasil e no mundo ao longo dos anos (MOITA LOPES, 1996, 2006; FABRÍCIO, 2006, entre outros). Essas discussões nos indicam que a definição de LA não é de forma alguma estabelecida, mas que existem pontos de consenso. Segundo Moita Lopes (1996), a pesquisa em LA se caracterizaria por ser:

de natureza aplicada em Ciências Sociais; [com foco na] linguagem do ponto de vista processual; de natureza interdisciplinar e mediadora; que envolve formulação teórica; que utiliza métodos de investigação de base positivista e interpretativista.

Entretanto, o próprio autor, em subsequente momento, revê sua definição de forma a propor uma LA indisciplinar e contemporânea que busca “renarrar a vida social” (MOITA LOPES, 2006, p. 90). Indo além das ideias apresentadas anteriormente e lembrando dos movimentos transgressores no campo da LA, Fabrício (2006, p. 48) nos lembra que “a linguagem é uma prática social, ao estudarmos a linguagem estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva”.

### 3.2

#### **Histórias de vida e o sistema de coerência e causalidade**

Volto, neste momento, a tratar dos conceitos de narrativa e de história de vida, pois serão usados como ferramenta ou instrumento de análise. Mais especificamente, o sistema de coerência e causalidade, que aborda a noção de coerência e que se refere às unidades discursivas empregadas para tornar uma narrativa coerente, tanto em termos de unidades do conteúdo das estruturas, quanto na base ideológica de seu discurso, será usado no processo de reflexão e na busca do entendimento de como se se projetam os processos de escolha profissional de duas professoras de inglês.

Para analisar narrativas, Linde se apoia nos modelos canônicos anteriormente descritos por Labov & Waletzky (1967) e Labov (1972). A crônica é semelhante à narrativa, porém não possui um ponto de avaliação, ela é geralmente usada para dar alguma informação e pode também ser considerada uma espécie de índice de eventos. A explicação pode ser entendida como forma de estabelecer uma proposição inicial e subsequente comprovação do que foi dito, através da organização de uma sequência de razões. A explicação pode ser identificada quando um falante (1) apresenta marcadores discursivos, como “porque” e “portanto”, (2) apresenta uma sequência de exemplos ilustrativos de que sua proposição é verdadeira e/ou (3) elimina todas as possibilidades que poderiam ser consideradas justificáveis ou relevantes para qualquer proposição apresentada. Ainda segundo a autora, as explicações são usadas por dois motivos: validar uma fala que possa ter sido questionada pelo ouvinte ou defender proposições que também possam vir a ser questionadas pelo ouvinte.

A sequência que damos às nossas histórias de vida é subjacente a sistemas que tornam coerentes situações específicas da vida, tal como o porquê da escolha de determinada profissão (LINDE, 1993; MISHLER, 1999; ROLLEMBERG, 2015). Os sistemas de coerência nos quais podemos encaixar nossas histórias de vida propõem uma ordenação discursiva dos fatos na história e fornecem ao narrador vocabulário específico para que este possa expressar suas crenças, convicções, concepções e ações, criando e recriando suas próprias identidades no ato de contar e recontar histórias (ROLLEMBERG, 2015). Além disso, os sistemas de coerência podem ser definidos como um aparato cultural que serve para

estruturar a experiência em uma narrativa, de forma que esta possa ser aceita e compartilhada (Linde, 1993).

Como os sistemas de coerência funcionam de maneira a estabelecer que uma pessoa, ao narrar eventos de sua vida, justifica suas escolhas apresentando razões adequadas e apropriadas, de acordo com o senso comum, traço minhas próprias impressões de como Judith e Noa articulam suas narrativas e fazem uso sistemas do senso comum, especialistas ou semi-especialistas (LINDE, 1993), para construir, avaliar e entender os eventos narrados.

Linde (1993) e Mishler (2004), também observam que no estudo das narrativas, ou das histórias de vida, em situação de conversa pode se dar a criação e manutenção de justificativas de escolhas. Nesta forma de discurso, contamos histórias para, de alguma forma, estabelecer uma adequação identitária a determinada estrutura social e escolha profissional. Essas colocações se alinham a Biar (2015, p.122 e 123) que coloca:

Re-arrumar eventos do passado em função de uma nova compreensão destes ou em função de propósitos interacionais diversos tem consequências claras para a forma como entendemos os processos de construção identitária.

Assim, a construção das escolhas profissionais se projetam discursivamente através de adequada concatenação de elementos para o estabelecimento da coerência, de forma contínua e concatenada. Noa e Judith fazem uso de diversos recursos sintáticos e lexicais para o estabelecimento da causalidade, como, por exemplo, marcadores formais, ou seja, as conjunções, do tipo “porque”, “pois”. Muitas outras visões ou estratégias de estabelecimento de coerência seriam possíveis de acordo com Linde (ibidem). Percebo que Noa e Judith usam de suas criatividade para formular histórias convincentes. Além disso, ambas fazem uso de um sistema de coerência que funciona como um mecanismo cultural que me parece aceito como justificativa para uma escolha profissional.

Passo então agora à descrição do processo de co-construção desta pesquisa, que percorre o caminho desde a escolha e do convite feito às professoras que participaram desta pesquisa, como atores sociais envolvidos em interações, até os procedimentos adotados e as escolhas feitas ao longo do processo de escrita deste texto.

### 3.3

#### Etapas da pesquisa

Para melhor me situar ao longo do processo desta pesquisa, e também para melhor situar o leitor, passo agora à divisão das etapas da pesquisa. Esta divisão se deu para a minha melhor organização, não tendo a escolha do primeiro e segundo momento qualquer valor de superioridade, apenas me atendo a cronologia dos eventos.

#### 3.3.1

##### Os convites

Já sabendo um pouco da história de vida de Judith e Noa, principalmente de que se tornaram professoras através de solavancos e turbulências, desvios e hiatos, contatei-as via aplicativo de mensagem para marcarmos nosso primeiro encontro e conversar sobre três perguntas que eu tinha em mente: Como se deu sua formação profissional? Como foi sua escolha de estar em sala de aula? Como você vê a profissão de professor no contexto da sua atuação?

Falei com Judith no dia 20/07/2017 e marcamos nosso encontro para o dia 22/07/2017, como pode ser visto em fragmento da cópia da mensagem via aplicativo em anexo (anexo VIII). O contato com Noa foi feito em meio a troca de mensagens sobre viagens de férias, no dia 17/07/2017, e nos encontramos no dia 19/07/2017, como pode ser visto em fragmento da cópia da mensagem via aplicativo em anexo (anexo II)

Foram omitidas informações pessoais, nomes de lugares e o horário em que as mensagens foram trocadas, alguns *emoticons* desapareceram no processo de cópia das mensagens. Como os nomes foram trocados e os telefones pessoais e fotografias aparecem nas telas de troca de mensagens, fiz a opção de excluí-los, para preservar a identidade das participantes.

### 3.3.2

#### **Eu e elas: a escolha**

Nesta seção, descrevo o processo pelo qual cheguei à identificação dessas duas participantes, bem como a forma em que foi feito o convite a elas e as suas participações nesta pesquisa. Para que isso seja feito, sinto a necessidade de falar de mim, delas e de nós.

O falar de mim se faz importante, pois também sou participante desta pesquisa, e o falar delas é o meu olhar sobre elas. Através deste falar de mim, delas e de nós, busco entender a construção das nossas escolhas profissionais e como nos (re)(des)construímos neste processo. Importante colocar aqui novamente a subjetividade que cerca esta evolução e também colocar que, no desenrolar do movimento reflexivo da pesquisa, amplia-se nossa leitura acerca da construção da nossas escolhas profissionais, das nossas práticas cotidianas e das nossas relações micro e macro (BORGES, 2017).

### 3.3.3

#### **Porquê elas?**

Como já citado anteriormente, o interesse por histórias de vida e construção de escolhas profissionais de professores de inglês começa com a minha própria história. E a escolha destas professoras se deu por termos tido pontos de encontro profissionais e pontos em comum na construção das nossas histórias e experiências como professoras de inglês. A opção por trabalhar com elas, e com suas histórias, é então uma maneira pela qual posso refletir sobre mim mesma, através da reflexão sobre e junto a elas. Esta auto reflexividade pode ser entendida como um instrumento que nos move, ao longo de um processo crítico-reflexivo, a fazer mais, difíceis e melhores perguntas acerca dos saberes e conhecimentos pré-estabelecidos socialmente.

Acredito ser de valor informar ao leitor que elas são representadas pelos nomes Judith Tahan e Noa Kanu, nomes que elas mesmas escolheram para preservar suas identidades.

### 3.3.4

#### Eu por mim mesma

Para falar da minha história de vida e da construção da minha escolha profissional, volto aos tempos da escola. Sempre estudei em escolas particulares, fiz curso de inglês e, na adolescência, fui morar nos EUA por um ano. Voltei com a ideia de que adolescentes deveriam trabalhar e ganhar seu próprio dinheiro e, assim, comecei a dar aulas de inglês em cursos livres.

Letras não foi minha opção inicial de escolha profissional, mas, ao mesmo tempo em que cursava a faculdade de Fisioterapia, fazia o TTC (*Teachers' Training Course*). Ao final da faculdade de Fisioterapia, engravidei e decidi continuar somente com as aulas de inglês. Então, alguns anos depois, cursei Letras Português/Inglês e agora curso o mestrado em Estudos da Linguagem.

Vale dizer que, durante todo esse caminho, trabalhei como professora de inglês como língua estrangeira em cursos livres e escolas particulares na educação infantil, no ensino fundamental I e no Ensino Médio e também com aulas particulares. Hoje, trabalho como coordenadora de linguagem do Ensino Fundamental I em uma escola particular bilíngue (onde também leciono) e também dou aulas particulares de inglês.

### 3.3.5

#### Como vejo Judith Tahan

Judith cresceu em uma família de classe média no Rio de Janeiro, e na adolescência foi morar no Japão, voltou ao Brasil para terminar o Ensino Médio. Quando estava na escola, se dizia ambiciosa e, assim, decidiu estudar Direito, pois pensava em ser uma advogada internacional. Durante o início do curso, não estava feliz e decidiu mudar para o curso de Letras, com habilitação em Tradução.

Durante anos, Judith trabalhou em empresas como tradutora, até que resolveu fazer o curso de Especialização Pedagógica para obter a licença e ter um plano B para poder dar aulas. A empresa em que Judith trabalhava faliu e ela então começou a dar aulas de inglês como língua estrangeira em cursos livres e também

aulas particulares. Alguns anos depois, fez seu mestrado em Estudos da Linguagem e Tradução.

Hoje em dia, Judith trabalha como professora de inglês como língua estrangeira em cursos livres e também como professora universitária na área de Tradução, além disso, Judith é tradutora e intérprete juramentada concursada.

Judith e eu nos conhecemos há cerca de 16 anos em um curso livre. Trabalhamos juntas na mesma instituição, onde ela foi minha supervisora pedagógica. Durante esses anos, e por diversas vezes, trabalhamos em diferentes tipos de colaborações como, por exemplo, o desenvolvimento de material didático e programas de ensino e, também, apresentações de trabalhos em congressos nacionais e internacionais.

Durante o tempo em que convivemos, criou-se uma relação de afeto. Percebo que, em nosso reencontro para a presente pesquisa, consegui aprofundar e (re)construir meus entendimentos acerca de Judith nos encontros que tivemos ao longo do processo de pesquisa.

### **3.3.6**

#### **Como vejo Noa Kanu**

Noa cresceu em uma família de classe média no Rio de Janeiro e sempre gostou de ensinar. Dava aulas para suas bonecas quando criança. Quando optou pelo curso de Letras, achou que estava certa de sua vocação, mas não se encontrou no que fazia. Foi procurar se achar e, neste caminho, foi morar nos EUA, trabalhou com design, deu aulas em cursos livres e então, de volta ao Brasil, foi estudar Pedagogia. Seu interesse pessoal e profissional está na Educação e na Antropologia.

Hoje em dia, Noa trabalha como professora de inglês como língua estrangeira em duas escolas particulares, na educação infantil, e no Ensino Fundamental I e também com aulas particulares.

Noa e eu nos conhecemos em uma escola particular há cerca de quatro anos, trabalhávamos em segmentos diferentes da instituição (ela na Educação Infantil e

no Ensino Fundamental I e eu no Ensino Médio), mas nos encontrávamos semanalmente em reuniões pedagógicas.

Durante o tempo em que trabalhamos juntas, não construímos um grande vínculo, mas após a minha saída desta instituição e um encontro casual em um congresso, desenvolvemos um vínculo de afeto forte e, desde então, nossos encontros têm sido frequentes e de bastante envolvimento, tanto pessoal quanto de trocas profissionais.

Enfatizo, novamente, que muito da minha visão acerca de Noa foi (re)construída nos encontros que tivemos ao longo do processo de investigação.

### **3.3.7**

#### **Elas e eu**

Onde está esse ponto de encontro, essa interseção, e porquê escolhi estas duas pessoas para fazerem parte da pesquisa? Bem, inicialmente com histórias de vida bastante diferentes, temos em comum o fato de termos tido algumas outras incursões profissionais, entrecortadas por outras escolhas. Não houve, nas nossas histórias, um momento de certeza e manutenção da escolha de uma carreira.

Todas essas escolhas que nos constituem no que somos hoje em dia, em algum momento de nossas histórias de vida, nos trouxeram ou nos levaram a um lugar de uma possível quebra, de um desvio ou hiato, um tempo na nossa história de vida e no processo de construção das nossas escolhas profissionais.

### **3.4**

#### **TCLE**

Ao se falar de um tipo de trabalho como descrito aqui, é essencial que haja a presença de um termo de consentimento livre e esclarecido antes de iniciar a pesquisa propriamente dita.

A importância do TCLE foi a de notificar os participantes sobre o meu estudo, dar detalhes do que estaria envolvido em suas participações e quais eram os

objetivos e a metodologia da pesquisa. Também vale frisar que a assinatura do TCLE seria feita somente depois de estarem informadas e que suas decisões seriam tomadas com autonomia e informação sobre o processo. O termo de consentimento livre e esclarecido, que se encontra no Anexo 1, foi preenchido e também houve a gravação do consentimento da participação nos áudios de pesquisa.

Assim, começamos nossos contatos por meio de troca de mensagens em aplicativo de celular para que houvesse um momento para que pudéssemos conversar sobre a formação profissional delas. Vale ressaltar que, quando do início do estudo, somente um primeiro momento de entrevistas estava programado, mas no desenrolar das reflexões, sugeri um segundo momento de encontro.

### 3.5

#### O Primeiro momento

Ambas as conversas aconteceram em ambientes familiares para as participantes e posso destacar que não começaram e nem terminaram com a entrevista propriamente dita, foram também conversas bastante informais em cafés da zona sul do da cidade do Rio de Janeiro.

Na primeira conversa participativa de pesquisa, encontrei com as participantes em cafés e fiz três perguntas: “Como se deu sua formação profissional?”; “Como foi sua escolha de estar em sala de aula?”; “Como você vê a profissão de professor no contexto da sua atuação?”, que se desenvolveram em um diálogo. O encontro com Judith teve 29min10s de duração (anexo IX) e a conversa com Noa, 21min27s de duração (anexo III).

Após as conversas, o próximo passo foi a escuta dos áudios e recorrente reflexão acerca do que foi dito. Por vezes, ao escutar os áudios, me questioneei se a minha escolha acerca do que tinha sido dito por elas, ou a minha visão do que foi falado sobre suas histórias de vida, poderia ser enriquecida se eu as envolvesse em um subsequente momento de escolha: a escolha dos recortes dos dados a serem analisados. Foi então que decidi por um segundo momento que não estava planejado no início da pesquisa. Via nesse segundo momento, e em uma colaboração na

escolha dos recortes dos dados, uma maneira mais ética e mais compromissada com as próprias histórias de vida de Judith e Noa.

Desta forma, me aproximo mais uma vez da LAC, pois, na minha concepção, este segundo momento pode ser considerado um momento crítico (PENNYCOOK, 2004, p.04 apud BORGES, 2017), uma vez que seria “um momento de significância, um instante quando as coisas mudam”, um momento em que “nós aproveitamos a chance de fazer algo diferente, quando percebemos que um novo entendimento está se formando”. Embora suas reflexões tenham sido acerca da prática pedagógica e mais especificamente relacionadas ao mundo das salas de aula, penso que posso fazer uso desse construto para refletir sobre qualquer situação discursiva que tenha em si a possibilidade de mudança, a possibilidade de um agir crítico, através de um movimento de questionamento de uma prática social que possa provocar ou fomentar outras reflexões que sirvam como oportunidades para novas formas de construir conhecimento, bem como para um pensar e um agir críticos.

### 3.6

#### O Segundo Momento

Assim, inspirada pelo artigo de Kristin M. Langellier “*You’re marked*” – *Breast cancer, tattoo, and the narrative performance of identity* (LANGELLIER, 2001), no qual a autora faz um mapeamento do áudio de conversa/entrevista onde marca \* em pontos específicos do mapeamento e excertos analisados, decidi fazer uma adaptação deste mapeamento como ferramenta para um segundo encontro. Minha ideia foi que este segundo momento de encontro e esta segunda conversa pudessem se tornar um momento de colaboração deste trabalho, pois se desejo investigar a história de vida delas, por que não elas decidirem o que vale a pena ser discutido do que falaram, ou por que não terem a oportunidade de se envolverem na reflexão sobre suas primeiras histórias, que poderiam então virar segundas histórias, de acordo com suas próprias leituras acerca do que disseram?

Para este segundo momento, foi mais difícil estabelecer uma data de encontro e a passagem de tempo entre eles foi maior, como pode ser observado nas trocas de mensagem .

Neste segundo encontro, também gravado em áudio, com durações de, respectivamente, Judith 37min33s (anexo XIII) e Noa 53min07s (anexo VII),

comecei apresentando o mapeamento baseado no modelo de Langellier e pedi que o lessem (em voz alta ou em silêncio) e então que comentassem o que achassem relevante daquilo que foi dito no primeiro momento, e o que/ se houvesse qualquer coisa que gostariam de esclarecer, reiterar ou mudar, que se colocassem.

Por fim, pedi que escolhessem o que achavam relevante estar presente em minha dissertação – relevante para elas, relevante para mim e relevante para outros possíveis leitores. Assim, pedi que escolhessem dois ou três trechos do que foi apresentado no mapeamento para serem transcritos (anexos V e VI, Noa e anexos XI e XII, Judith). Interessante notar como os encontros tiveram maior duração e como as participantes se sentiram motivadas a contar mais sobre suas histórias de vida de posse do mapeamento.

### 3.7

#### Os recortes escolhidos

Após o segundo momento de conversas, me debrucei então sob a transcrição do diálogo e só então passei à transcrição dos excertos (GARCEZ, 2014), definidos pelas participantes acerca do primeiro momento escolhido por elas mesmas. Esses momentos então foram transcritos e definidos, na ordem cronológica dos trechos, com a marcação das convenções de transcrição baseadas no modelo de convenções fundamentado nos estudos de Análise da Conversação (SACKS, SCHEGLOFF & JEFFERSON, 1974 apud BASTOS & BIAR, 2015). É importante lembrar, a mim mesma e ao leitor, que o ato de transcrição por si só já é um ato interpretativo, no qual me propus estar atenta ao que se tornava relevante, dentro das escolhas das participantes, para vislumbrar um possível entendimento da co-construção de significados que fazíamos nós, por nós e entre nós.

Nos anexos IV e X, também estão os mapeamentos das conversas dos dois primeiros momentos escolhidos pelas participantes para transcrição.

A seleção dos dados em momentos de coautoria ou coparticipação faz com que me afilie às ideias apresentadas por Ewald com relação à entrevista exploratória<sup>5</sup> - que prefiro aqui chamar de conversa exploratória - que, alinhada ao conceito de

<sup>5</sup> Alinho-me às colocações de Ewald (2015, p. 30) que usa os termos conversa e entrevista exploratória de forma intercambiável, não dando ao termo conversa seu sentido inscrito em metodologias de análise do discurso como a Análise da Conversa (Sacks, 1984; Psathas, 1995; Sacks et al. 2003).

qualidade de vida da Prática Exploratória, encara os indivíduos participantes deste processo como praticantes colaborativos que co-constróem conhecimentos e entendimentos com o entrevistador (GIEVE & MILLER, 2006). Assim, juntas pudemos refletir como co-construímos nossas ideias sobre nossa profissão a partir de conversas que revisitaram o processo de construção da nossa escolha profissional, através das nossas histórias de vida, assim como propõe Miller (2013, p. 334).

Esta seção teve por objetivo informar o leitor, mas também permitiu que eu refletisse sobre os pormenores deste trabalho. Assim, trouxe informações mais detalhadas acerca das decisões, abordagens, participantes, geração e seleção de dados para análise, com a intenção de co-construir possíveis entendimentos acerca das construções das nossas escolhas profissionais. A seguir passamos para a análise de dados.

## Análise dos Dados

Com base na transcrição dos dados, focalizo primeiro algumas propriedades e elementos bastante delimitados, de acordo com o modelo canônico de Labov. Pretendo identificar os elementos do modelo de Labov que estão presentes nas histórias contadas (nem sempre de acordo com o cânone). Por minha livre escolha de delimitação do escopo de análise, me ateno apenas à identificação dos elementos e da forma como a narrativa se constrói nas categorias do modelo.

Nesse sentido, apresento as narrativas como momentos de organizar e socializar a experiência do ser humano em suas várias dimensões. Através de um posicionamento teórico claro e um olhar sobre a materialidade do discurso, posso buscar entender, em uma perspectiva micro-interacional da análise discursiva, como se moldaram as escolhas profissionais das duas professoras. Dentre as muitas possibilidades de análise de narrativa, meu olhar privilegiou a escolha dos sistemas de coerência como ferramenta (LINDE, 1993).

Assim, pretendo tomar os princípios de coerência de Linde para analisar as narrativas como meios através dos quais a vida social e cultural emergem. Muitas outras possíveis visões ou estratégias de estabelecimento de coerência seriam possíveis, de acordo com a própria autora. Basta levar em conta a criatividade que os indivíduos têm em formular uma história convincente. Um sistema de coerência funciona primordialmente como um mecanismo cultural global, através do qual um sistema de crenças e valores estabelece o que pode ou não ser aceito como justificativa para uma escolha profissional.

Quando me proponho a analisar os recortes dos dados das histórias de vida, que tem como parte integrante as projeções de suas escolhas profissionais, concordo com as ideias de Mishler (2012), quando ele propõe que nossas teorias e métodos para a pesquisa narrativa precisam incluir movimentos que vão além de um trajeto progressivo e linear. Entendo que tais movimentos são estruturados na busca da compreensão de que

Nem as trajetórias de nossas vidas, nem as histórias que construímos para entender a nós próprios e aos outros são serenas, contínuas e progressivas, cada uma é marcada por solavancos e turbulências, desvios e hiatos (Mishler, 2000, p.112).

Assim, busco na estruturação da narrativa, com especial atenção à linguagem como forma de possibilitar entendimentos de questões humanas acerca da história de vida e de escolha profissional, olhar para momentos de solavancos, turbulências, desvios e hiatos nas trajetórias que se seguem.

#### **4. 1**

##### **A primeira escolha de Noa Kanu**

Dentro das perspectivas apresentadas, me parece importante pontuar que as escolhas dos momentos narrativos que entram no corpo de dados da minha pesquisa foram feitas pelas participantes, que julgaram quais das suas falas apresentadas em um esqueleto narrativo (como proposto por Langellier, 2001) seriam importantes para a minha pesquisa. Além disso, as participantes puderam também refletir sobre quais das suas falas julgavam importantes para si próprias e o que gostariam que fosse visto e construído como parte das suas histórias de vida de escolha profissional.

É relevante trazer aqui uma questão de formatação da apresentação dos dados. Não é comum que trechos de mais de uma página estejam no corpo do texto de uma dissertação. Assim, destaco que os trechos selecionados para análise aparecem como excertos (GARCEZ, 2014) transcritos de acordo com as convenções de transcrição sugeridas por Bastos & Biar (2015). Entretanto, em se tratando de histórias de vida, na minha leitura, contínuas ao serem contadas, penso ser de extrema importância que sejam lidas na sua totalidade. Logo, sugiro que, antes de passar à próxima seção, o leitor aprecie o anexo V.

### Excerto 1 –Aquele<sup>6</sup> da infância

6	que desde pequena eu >brincava de dar aula, de ter a
7	minhas, tinha diário de classe, xerocava prova,
8	corrigia prova, dava aula, tinha os meus alunos, fazia
9	mapa de sala<era realmente uma coisa que eu acho que

Analiso, nesta primeira escolha de Noa, que podemos identificar certas marcas do modelo de Labov (1972), presentes no que considero uma sequência de narrativas. Vale ressaltar que esta não deveria ser considerada uma narrativa em modelo canônico, pois nem todos os pontos elaborados neste modelo estão presentes em todas as sequências narrativas.

Nas linhas 3 e 4, é não foi muito uma decisão porque pra mim era muito complicado eu ... bancá essa decisão eu eu na verdade, identifico um sumário, ou abstract, quando Noa coloca que a decisão de se tornar professora não foi bem uma decisão, porque era complicado. As orientações surgem a cada momento em que uma nova sequência narrativa se apresenta. Um resultado, na linha 73, sempre dando aula de inglês, que surge como justificativa de que apesar das várias narrativas, Noa sempre fez a mesma coisa: foi professora de inglês. Por fim, a coda está presente nas linhas 80 e 81, eu tinha muito preconceito com isso então eu acho que eu sempre tive ↑muito preconceito com a minha profissão, no momento em que a narrativa tem também sua síntese avaliativa final, quando Noa justifica sua atitude preconceituosa com relação à profissão docente.

Vale ressaltar que sequências narrativas são consideradas aqui como sequências de frases no passado ordenadas temporalmente, que se seguem até o final da narrativa. Para melhor identificar estes momentos, me propus a nomear estas sequências, como pode ser identificado nos Excertos 1-8, a seguir, e convido quem lê este texto a percorrer comigo os caminhos que encontrei como possíveis articulações de análise do sistema de coerência (Linde, 1993).

<sup>6</sup>Todos os Excertos que se apresentam ao longo da análise trazem como título inicial “aquele”. Esta escolha foi inspirada nos títulos dos episódios da série de televisão *Friends*. A decisão dos autores da série foi de não dar um nome especial a cada episódio e sim nomeá-lo de acordo com algo que acontecia. Com exceção do episódio piloto e do *finale*, todos começam com o título “*The One With/Where*” traduzidos para português como Aquele do/da. Assim, escolho privilegiar o assunto que realmente me interessa no Excerto.

Parece que Noa começa a dar conta de sua história de construção profissional na infância (linhas 6-9, Excerto 1), quando coloca que desde pequena ser professora fazia parte do seu imaginário. Existe, neste momento, um encadeamento lógico das ideias que perpassam o trabalho de uma professora no imaginário infantil, e a quantidade de razões enumeradas faz com que o relato de Noa ganhe riqueza (a enumeração de tudo que Noa fazia que uma professora faz, como o brincar de dar aula estivesse em ter um diário, xerocar e corrigir provas, dar aulas, ter alunos e até um mapa de sala) . Pode-se dizer que esta visão do fazer profissional de uma professora está marcada dentro de um sistema de coerência do senso comum, pois está marcada em um conhecimento social pré-estabelecido e dado como praticado dentro de uma certa cultura.

### Excerto 2 – Aquele da escola

13	Maíra	[você sentiu isso]
14		dentro de casa assim na [primeira escolha]
15	Noa	[dentro de casa não] porque eu
16		↑nem levei essa possibilidade pra dentro de casa porque
17		eu acho que no colégio que eu estudei era muito "ah
18		você vai fazer direito, você vai fazer"... eu me formei
19		há sei lá há quin- vinte e cinco anos atrás não sei
20		quanto tempo atrás... não ↑menos, mas numa época
21		em que essas profissões não eram muito...>as né
22		profissões novas que não é o caso do professor< mas
23		ser chefe, ser antropóloga, nada disso era muito
24		possível, ninguém falava "ah eu vou ser professora",

Quando entra na sequência narrativa seguinte (linhas 13-24, Excerto 2), Noa parece tentar se desfazer das ideias que tinha na infância. Não é claro se Noa, por si própria, não acredita mais na possibilidade que vislumbrava na infância, ou se sua visão foi corrompida por um imaginário social maior que ela. Quando ela coloca que nada disso era muito possível, ninguém falava "ah eu vou ser professora" (linhas 23 e 24) ela parece estar ancorando sua ideia em um sistema de coerência do senso comum. O uso da palavra ninguém aparenta reforçar a ideia de um conjunto social (o senso comum), e ela também confere mais dramaticidade à sua fala, ao usar a fala reportada. Esta sequência pode ser entendida como uma descontinuidade no processo de formação profissional de Noa, pois ser professora não poderia, naquele momento, ser uma possibilidade considerada por ela (nem na escola, nem dentro casa).

### Excerto 3 – Aquele do início do trabalho

28		foi muito difícil reconhecer >chegar nesse
29		reconhecimento da minha vontade< mas eu acho que ela
30		sempre existiu eu comecei a ser professora quando eu
31		tinha dezessete anos eu fui trabalhar no curso de
32		inglês como professora de inglês então [é]

Entretanto, quando termina a escola, Noa coloca que a vontade de ser professora sempre existiu, mas que só quando assume a escolha profissional de professora teve a possibilidade de reconhecê-la (linhas 28-32, Excerto 3). Por meio da sua entrada na profissão, e o uso do verbo ser, existe o reconhecimento eu comecei a ser professora quando eu tinha dezessete anos. O fato de marcar a decisão como escolha pessoal, e dessa decisão fazer parte de quem ela é, ser professora, apontam novamente para o uso de um sistema de coerência do senso comum, onde o reconhecimento de uma profissão existe quando se começa a exercê-la.

### Excerto 4 – Aquele do trabalho

35	Noa	↑totalmente antes da formação e quando eu entrei lá eu
36		tinha... a dona do curso de inglês achava que eu tinha
37		muito jeito apesar de ter que melhorar no inglês
38		melhorar em ↑outras áreas, mas ela achava que eu tinha
39		um bom domínio de turma e tudo mais >eu era muito nova
40		tinha dezessete anos<trabalhei lá dos dezessete aos..
41		vinte é e aí ↑já tinha muito ↑claro assim lembro d'eu

Quando coloca mais descritivamente seu trabalho (linhas 35-41, Excerto 4), Noa usa um artifício de valorizar qualidades pessoais que tem muito jeito, bom domínio, e que precisava desenvolver, melhorar no inglês, como forma de validar sua escolha. Como visto por Linde (1993), esta é uma maneira bastante forte de se usar o sistema de coerência do senso comum. Novamente, a presença da riqueza de relato e da justificativa de ser jovem ou nova, o que pode levar a entender que este tipo de profissional não é bom e que precisa de experiência, tempo de trabalho, ou sala de aula para melhorar, tornam sua narrativa mais coerente.

### Excerto 5 – Aquele do primeiro hiato

46		eu fui morar fora fui melhorar o meu inglês e tudo mais
47		e quando eu voltei...eu entrei na faculdade pra fazer
48		letras e aí quando eu fui fazer letras eu não gostei

Então, parece relevante pontuar que, como dito por Mishler (2012), as trajetórias nem sempre são homogêneas e lineares. Assim, se apresenta o primeiro hiato (ou pausa) na sua história de vida profissional (linhas 46-48, Excerto 5). Esta pausa pode, inicialmente, ser vista como uma descontinuidade (deixar de ser professora para viajar), porém, as duas razões usadas para justificar o hiato fui melhorar o meu inglês e quando voltei entrei na faculdade são presentes na narrativa e também podem ser consideradas uma forma de encadeamento lógico, pois é como se houvesse uma razão louvável para a pausa .

Entretanto, o hiato é logo seguido de um desvio, eu não gostei, o que pode nos sinalizar que a pausa pode não ser tão bem estruturada quanto parece. Conforme ela desenvolve sua história, é como se buscasse nas justificativas elementos de ligação entre o motivo do hiato e o seu ingresso na universidade.

#### Excerto 6 – Aquele do desvio

48	Noa	letras e aí quando eu fui fazer letras eu não gostei
49		eu queria transferir pra psicologia e aí não tinha
50		aberto transferência interna pra psicologia e eu mudei
51		pra pedagogia e quando eu lembro do primeiro semestre
52		que eu fiz eu falei ↑peraí mas estudar pode [ser bom]
53	Maíra	[hh]
54	Noa	eu posso significar o que estudo eu posso ↑gostar do
55		que estudo e eu lembro que eu fiz uma matéria da
56		professora A que era é aí eu tirei ↑dez eu assim eu
57		falei ↑caramba faço... e gosto agora eu me encontrei

Na sua busca profissional, Noa traça novos rumos de estudo (linhas 48-57, Excerto 6). Se ela fosse considerada uma mudança de área, poderia ser vista como uma quebra, entretanto, ambas as possibilidades de escolha profissional, tanto Letras quanto Pedagogia, são possíveis formações para professores. É possível atentar para uma quase quebra ou descontinuidade quando ela coloca que queria transferir pra psicologia, se houvesse vagas no curso de psicologia. Mas não me atenho aqui ao que poderia ter sido, e sim ao que ela conta sobre como foi, esse passado, essa história, de como emerge nessa narrativa. Mais uma vez, Noa usa de elementos relacionados às suas características pessoais, eu posso ↑gostar do que eu estudo, com ênfase no uso da palavra ↑gostar, como se ela lhe garantisse, junto à eu posso, alguma forma de autoridade sobre suas próprias escolhas. Conforme ela relata suas qualidades eu

tirei ↑dez, e reforçar que é boa no que faz, ela parece justificar o seu pertencimento a esta nova categoria. Cabe sublinhar que, essas características, também estão ancoradas em um sistema de causalidade, conferem maior coerência ao relato de Noa.

### Excerto 7 – Aquele do segundo hiato

57	falei ↑caramba faço... e gosto agora eu me encontrei
58	eu tô gostando do que eu >aí fui morar fora voltei
59	voltei pra pedagogia já tinha trabalho< sempre tive

Há novamente uma pausa (linha 58, Excerto 7), que é quase justificada como um acidente >aí fui morar fora voltei voltei pra pedagogia já tinha trabalho<, dita de forma rápida, e encadeada com o que poderia ser entendido como uma continuidade, a volta e o fato de ter trabalho. Observo, que a este segundo hiato poderia ser visto como uma forma causalidade inadequada, por apresentar uma descontinuidade. Entretanto, entendo que não há, na história de Noa, nem motivo, nem justificativa claros para que isso tenha acontecido.

### Excerto 8 – Aquele da turbulência

63	querendo que eu acho que uma um reconhecimento maior
64	da minha profissão pelos outros eu acho que tava um
65	pouco perdida... e aí comecei a ficar ↑muito...
66	desgostosa assim da sala de aula >tava muito envolvida
67	na academia queria fazer mestrado pra antropologia
68	fazia pesquisa na antropologia da educação< queria
69	começar a seguir por esse lado aí fiquei um tempo em
70	↑crise porque não passei no mestrado... fui pra outra
71	escola trabalhei lá e aí...

Como pode ser observado nas linhas 63-71, Excerto 8, este segundo hiato é seguido de um momento de turbulência, de busca eu tava um pouco perdida..., de tentativa de encontro >tava muito envolvida na academia, de frustração profissional fiquei um tempo em ↑crise porque não passei no mestrado... e de reencontro com a sala de aula e com a trajetória profissional de professora fui pra outra escola. Considero que essas justificativas, colocadas continuamente e encadeadas,

conferem causalidade adequada ao relato de Noa, tendo ela feito uma escolha pessoal.

Todas essas sequências narrativas apresentadas fazem parte da construção da história de vida e da escolha profissional de Noa e podem ser consideradas coerentes e contínuas, através de lentes distintas do que Linde (1993) apresenta como um sistema de coerência e causalidade.

O uso de indexadores lexicais, que podem servir como marcadores de causalidade e como marcas explicativas de cada sequência narrativa (como conjunções), pode ser visto todas as vezes que aparecem palavras como *porque* (linha 16), *mas* (linha 29), e *aí/ aí* (linhas 41, 49, 56, 69, 71). Também nas sequências de uso de adjetivos e advérbios, muitas vezes com entonação subida, que enfatizam as ações, como *nem* (linha 16), *muito* (linhas 28 e 66), *sempre* (linha 30), *totalmente* (linha 35), *bom* (linhas 39 e 52). O uso destes mecanismos discursivos faz com que uma narrativa se torne aceitável e, além disso, aponta que justificativas adequadamente construídas e discursivamente eficazes estejam presentes nela.

Além disso, proponho que a protagonista exerce suficiente agência nas situações descritas, o que pode ser visto no uso da primeira pessoa, conferindo à narrativa maior coerência.

Outro ponto a se observar nas questões relacionadas à causalidade estabelecida por características pessoais da narradora Noa é que elas estão sempre atreladas ao sucesso profissional e nunca ao fracasso profissional (LINDE, 1993, p.127-128). Escolhas profissionais que se baseiam em ser bom, ter segurança financeira, agradar ou satisfazer uma pressão familiar são motivos externos, não diretamente relacionados às características pessoais. No entanto, estão atrelados ao sucesso profissional. Outro modo em que a narrativa de Noa se adequa ao que é coerente é quando diz, implícita ou explicitamente, que é boa no que faz, que gosta do que faz. Isso pode ser claramente observado nas linhas 36-37 e 38-39, quando fala *eu tinha muito jeito, eu tinha um bom domínio de turma*, respectivamente. Mesmo que tais falas tenham sido atribuídas a outra pessoa (a dona do curso de inglês), são carregadas de juízo de valor, descrevendo traços das características pessoais de Noa no que toca sua habilidade pessoal.

Ainda refletindo sobre fatores que influenciam a escolha profissional, Linde (1993, p. 129) pontua que, normalmente, falantes da classe média, como Noa, não usam fatores determinantes como falta de escolha profissional. Normalmente, podem ter múltiplas escolhas ou oportunidades de escolha – não estão de forma alguma fadados a um único caminho. A crença de que as escolhas profissionais não estão limitadas a questões externas, a saber, gênero, classe social, raça ou etnia, parece comum em falantes da classe média. Este traço do sistema de coerência do senso comum pode ser visto nas sequências narrativas do primeiro hiato, do desvio, do segundo hiato e da turbulência de Noa. Destaco que, nesses momentos, Noa relata sua busca pela formação profissional podendo ser feita através de Letras, Psicologia, Antropologia ou Pedagogia, o que pode ser considerado um traço não limitante e, portanto, de continuidade, que também confere à narrativa de Noa mais coerência.

Reitero que uma narrativa pode ser considerada rica quando se estende por um longo período. Na minha impressão, fica evidente, por exemplo, que a escolha profissional pode estar localizada no passado, na vida de Noa (brincava de ser professora). Além disso, diferentes narrativas, não necessariamente contraditórias, podem ser usadas como forma de fortalecer a coerência de uma certa explicação. Pode haver múltiplas razões para uma escolha profissional. Uma possível ligação seria dar aula desde cedo e se tornar professora, numa idade mais adulta. Essa profundidade temporal (cf. *temporal depth*, Linde, 1993) pode ser uma forma forte de se estabelecer causalidade.

## 4.2

### A segunda escolha de Noa Kanu

Respeitando a ideia de que Noa aceitou o convite dela escolher as partes que julgasse importantes para minha análise, sigo com a segunda escolha de Noa (anexo VI). No momento em que me debrucei sobre esta escolha, fiquei temerosa por achar que, talvez, eu poderia encontrar ou não um recorte de material rico para minha análise, nas escolhas feitas por minhas entrevistadas. Nesta articulação de ideais, entendo que estou sendo crítica e transgressiva, e também me vejo criando oportunidades de desaprendizagem para mim mesma. Sigo um caminho que me

leva de encontro aos ganhos que tal decisão ofereceu, para mim e para elas, pois acredito que a pesquisa pode ser entendida como uma oportunidade ainda mais rica e autêntica de (auto)reflexão coletiva.

Parto desse segundo momento para a constatação de não ter reconhecido sequências narrativas no modelo de Labov (1972). As sequências de frases no passado, que aparecem nas linhas 18 até 22, 28 até 32 e 53 até 60, grifadas na transcrição, não me parecem constituir um corpo de narrativas canônicas, mesmo se apresentando como uma sequência de frases no passado. No entanto, a sequência que se inicia na linha 71 e vai até a linha 87 me salta aos olhos, não pelo modelo canônico de narrativas, mas por nesta sequência estar presente uma parte da história de vida de Noa que, de uma maneira diferente da primeira, justifica sua escolha profissional. Quando lhe foi pedido que pontuasse um momento de sua vida em que ser professora começou a fazer parte de sua escolha profissional, surge outra justificativa, diferente da construída na primeira conversa.

### Excerto 9 – Aquele da (des)valorização

66	Maíra	e de você começar do momento que você começou a dar a
67		sua primeira aula pra suas passagens por diferentes
68		momentos profissionais você tem um momento em que
69		você pontue assim aqui foi a minha escolha eu
70		↑escolhi ser professora aqui
71	Noa	ah ↑total, foi >quando <b>eu comecei</b> a ganhar dinheiro<
72		porque o que que acontece é o dinheiro não veio só
73		como uma questão do dinheiro físico <b>o dinheiro veio</b>
74		como um ↑empoderamento no sentido do que ↑eu posso me
75		bancar com o que eu escolhi fazer porque eu acho que
76		<b>eu também desvalorizava</b> muito a minha profissão
77		porque <b>eu falava</b> assim "porra será que um dia eu vou
78		conseguir me bancar com o que eu faço? "e por eu não
79		valorizar <b>eu valorizava</b> o que eu fazia <b>eu era</b> uma boa
80		profissional mas <b>eu não valorizava</b> >do tipo assim< eu
81		essa é a minha escolha <b>eu não era</b> uma coisa que tinha
82		acontecido meio assim:: meio assim <b>eu nunca</b> ↑banquei,
83		eu fui bancar essa escolha acho que com uns vinte e
84		sete anos uns vinte e oito aí que eu fui bancar essa
85		escolha ↑aí eu fui entender >porque <b>eu fui</b> morar em
86		nova iorque< que se <b>eu não tivesse</b> morado lá <b>eu não</b>
87		<b>seria</b> professora de[inglês]
88	Maíra	[um hum]

A narrativa que começa na linha 71, quando Noa diz >quando **eu comecei** a ganhar dinheiro<, e inicia uma sequência narrativa com frases

no passado (linhas 73, 76, 77, 79-82 e 85-87), com um encadeamento lógico, pois a compreensão de que Noa constrói ser professora surge quando a mesma aponta que começou a ganhar dinheiro. Entretanto, no meu entendimento, o mesmo encadeamento pode ser observado quando Noa destaca, nas linhas 86 e 87, que se **eu não tivesse** morado lá **eu não seria** professora de[inglês]. Me parece relevante pontuar, então, que dois momentos distintos de encadeamento lógico, podem se configurar tanto como uma riqueza de relato, quanto como um ponto de descontinuidade.

Na minha leitura, destaco que Noa faz uso do sistema semi-especialista da economia e estabilidade financeira, pois, das linhas 73 até 78, Noa narra que o dinheiro serviu como empoderamento financeiro a partir do momento em que consegue se sustentar financeiramente ↑eu posso me bancar com o que eu escolhi fazer. Ao mesmo tempo, o sistema do senso comum parece estar presente quando diz que sua escolha profissional aconteceu meio assim (linha 82), sem que ela tenha tido agência suficiente sobre esta decisão em sua vida.

Neste Excerto, me parece interessante pontuar que Noa usa duas acepções diferentes da palavra *bancar*. Se *bancar* (financeiramente) e *bancar* uma escolha (assumir responsabilidade por) ambas relacionadas a como ela encontra algum tipo de valor na sua escolha profissional.

Outro ponto marcante desta narrativa me parece ser a questão da (des)valorização (uso o prefixo *des* entre parênteses, pois em momentos da narrativa ela menciona a valorização e em outros momentos a desvalorização). Na minha interpretação, Noa se valorizava enquanto professora, nos traços de suas características pessoais (sistemas de coerência e do senso comum), como nas linhas 79-80 eu era uma boa profissional, mas não valorizava a sua escolha profissional eu não valorizava (...) a minha escolha, nas linhas 80 e 81.

Em linhas gerais, me parece que Noa chega em um momento de sua carreira profissional em que tem estabilidade financeira, mas ainda tem dúvidas em reconhecer-se professora, principalmente quando coloca que somente se tornou professora de inglês por ter ido morar em Nova Iorque (linhas 86,87), trazendo à tona a questão da legitimidade da experiência no exterior para poder se tornar

professora, quando sabemos que esta necessidade é apenas mais um estigma do senso comum sobre o professor de inglês (aquele em que o bom professor é o nativo, é o que morou fora), desqualificando a formação do professor não nativo que se profissionaliza. Parece que, somente desta forma, Noa consegue “fazer as pazes” com sua escolha profissional de ser professora não-nativa de inglês como língua estrangeira.

### 4.3

#### A Primeira Escolha de Judith Tahan

Pautada pelas mesmas ideias apresentadas para as narrativas de história de vida de Noa Kanu, sigo para a análise da primeira escolha de relevância de Judith Tahan (anexo XI).

Novamente, me debruço sobre a análise da primeira escolha de Judith, atentando para a identificação de certas marcas do modelo de Labov (1972). Mais uma vez, considero que a história de vida e de escolha profissional de Judith se dá em sequências narrativas. Relembro que as narrativas apresentadas nesta pesquisa não se enquadram no modelo canônico de Labov, uma vez que nem todos os pontos elaborados neste modelo estão presentes em todas as sequências narrativas.

No entanto, quando considero as sequências narrativas, posso identificar vários deles, como sequências de frases no passado que serão apreciadas entre os Excertos 11 a 19.

Além disso, identifico também a presença de um sumário, ou *abstract* quando Judith coloca que sabia que isso era uma profissão >essa profissão de professora< era uma profissão que eu ↑ não queria de jeito nenhum (linhas 22-24). Quando Judith declara que a profissão de professora era uma profissão que ela não queria, entendo que este é o início do desenrolar da sua escolha profissional.

Diversos momentos de avaliação conferem dramaticidade à história de vida de Judith. Nesses trechos ocorrem adjetivos e advérbios, bem como um contorno entoacional de subida de entonação. Esses momentos podem ser observados quando Judith aborda a diferença salarial entre seu pai e sua mãe entre ela e meu pai existia um::um::: vácuo né uma distância ↑ enorme na

parte financeira, (linhas 37-38); no que ela toca na questão da ambição que tinha, que não a permitia enxergar a profissão de professora como possível como eu era muito ambiciosa eu sempre vi que ah é uma profissão legal eu dava aula pras minhas ↑bonecas e tudo mais >mas não era uma profissão que eu queria ter< é verdade que a minha mãe (linhas 52-55); nas quais aparece mais uma vez a questão da ambição eu era uma pessoa ↑muito ambiciosa >hoje em dia eu não acho que eu seja não< é:: mas nessa época eu era demais de atropelar mesmo as coisas e as (nas linhas 68-70); em que ela relata ter detestado o curso de direito, repetindo a palavra detestei e usando a subida de entonação como ênfase escritório de direito marítimo e ↑detestei tudo>detestei absolutamente tudo< e aí no ano seguinte eu fui fazer letras na faculdade b e amei, (linhas 75-77); e também onde a presença do adjetivo difícil confere dramaticidade à trama narrativa construída por Judith faculdade c que é bem pertinho ali da empresa anoite né >nessa época eu já tinha as meninas<minhas duas filhas [foi difícil] (linhas 100-102).

Entendo que também existe a presença de um resultado ou desfecho em >me mandaram embora< eu fui demitida ↑né? e eu tinha ↑acabado de fazer a complementação (linhas 120-122), nas quais se constrói a mudança de profissão de maneira passiva pelo fato do desligamento de uma outra situação profissional, mas também com a justificativa de que ela tinha uma solução para lidar com o inesperado, sendo ela protagonista de seu destino final.

A síntese avaliativa final da história de vida de Judith, que narra como se tornou professora, está no que entendo ser a coda, aí eu falei "tã esse é o momento de dar uma guinada boa e trabalhar como professora vou ver qual é" (linhas 122-124), onde ela constrói uma decisão de troca de profissão.

Me parece relevante pontuar que os momentos de orientação, não estão claros em um único momento na narrativa. Personagens e locais surgem

entrecortados ao longo de várias narrativas que se cruzam para arquitetar uma história de vida de escolha profissional.

Outro momento marcante que emerge através de uma análise do modelo de Labov (1972) é que noto que os fragmentos selecionados e pertencentes ao modelo são, também, os trechos de onde emergem os sistemas de coerência e seus diferentes níveis, como aponta Linde (1993).

Para melhor interpretação dos sistemas de coerência, os segmentos selecionados para esta parte da análise são novamente apresentados como excertos de dados (Garcez, 2014).

#### Excerto 10- Aquele da certeza

9	Judith	então é:: eu pensei um pouco sobre isso né que
10		você tinha me falado, então é:: eu cresci com a
11		minha mãe >minha mãe é professora pública< ensino
12		fundamental então eu cresci com a minha mãe
13		envolvida nisso de dar aula >pra cima e pra baixo
14		né< então eu:: sempre tive [a certeza]
15	Maíra	[ela dava aula de que?]

Neste primeiro momento, Judith coloca, de maneira encadeada, que sempre teve uma certeza, relacionada a observação do fato de sua mãe ser professora. Isso pode ser observado na sequência de três verbos, quando diz: eu pensei (linha 9); eu cresci (linha 10); eu cresci (linha 12) e eu:: sempre tive [a certeza] (linha 14).

Parece-me um encadeamento lógico o fato dela ter crescido vendo a profissão da mãe e isto lhe causar alguma certeza. Neste momento, no entanto, não está claro qual a certeza que Judith diz ter. Até porque Judith é interrompida por mim neste instante de sua fala. Posso apontar também para o fato desta certeza estar relacionada à traços primitivos de escolha, conferindo coerência à sua fala, por estarem em uma memória do passado de Judith.

#### Excerto 11 – Aquele da negação

21	Judith	de tudo né< todas as disciplinas então eu:: cresci
22		com isso e eu sabia que isso era uma profissão
23		>essa profissão de professora< era uma profissão

24		que eu ↑não queria de jeito nenhum
----	--	------------------------------------

Ao analisar o Excerto 11, percebo que a certeza que Judith apresentou no Excerto 11 era a certeza de não querer a profissão que a mãe dela tinha. Esse desejo aparece de forma reforçada na linha 24, com a subida da entonação em ↑não queria de jeito nenhum, e a ênfase que ela coloca na palavra ↑não.

Também me parece relevante pontuar que, neste Excerto, observo o uso de um sistema do senso comum quando Judith coloca de forma encaixada na sua narrativa >essa profissão de professora< (linha 23), um determinante da profissão de professora. Entendo que o uso do essa possa ser interpretado como de valor pejorativo, visto que, muitas vezes, a profissão de professora é vista como uma profissão desvalorizada socialmente, traço que poderia ser encaixado em um sistema de coerência do senso comum.

### Excerto 12 – Aquele do “afinal, o que é?”

27	Maíra	porque? o que que te vinha <que te incomodava> que
28		te afastava disso?
29	Judith	não sei:: eu acho que era a falta de ↑prestígio e
30		mesmo eu via minha mãe muito dedicada ↑muitíssimo
31		dedicada como eu sou né e você sabe que eu sou é::
32		eu via o reconhecimento dela nas ruas com os alunos
33		que vinham e falavam com ela "dona maria eu lembro
34		da senhora" aluno que já era grande que ela foi
35		professora quando eles eram pequenos e via o
36		reconhecimento dela >mas na verdade< eu via assim
37		que entre ela e meu pai existia um:: um:: vácuo né
38		uma distância ↑enorme na parte financeira [é]

Na minha leitura, as questões da certeza e da negação, que apareceram nos Excertos 10 e 11, começam a ser esclarecidas no Excerto 12. Judith consegue, através do encadeamento de ideias, como em era a falta de ↑prestígio (linha 29), ao descrever características pessoais de sua mãe como uma mãe muito dedicada (linha 30), e que via o reconhecimento dela (linha 32), colocar uma visão de algum tipo de prestígio relacionado à profissão de professora.

Além disso, observo uma maior riqueza de relato quando Judith coloca falas reportadas em sua narrativa "dona maria eu lembro da senhora" (linhas

33 e 34), faz uso de subidas de entonação, como em ↑ muitíssimo, (linha 30), e ↑enorme, (linha 38). Vale também ressaltar que a visão de Judith acerca do porquê não ver a profissão de professora como um possível futuro para si própria se estabelece ao passo que ela faz uso de outro sistema de coerência do senso comum, atrelar o desejo profissional a um desejo financeiro. Nas linhas 37 e 38, quando Judith coloca que entre ela e meu pai existia um:: um:: vácuo né uma distância ↑enorme na parte financeira, analiso que surge a razão pela qual ela desenvolverá sua narrativa de recusa pela profissão de professora, o fato de esta não ser uma profissão de grande satisfação financeira.

### Excerto 13 – Aquele que era, mas não era

47	Judith	meu pai começou a trabalhar com dezesseis anos, aí
48		depois trabalhou na empresa x e na empresa y ele
49		tinha, assim, duas aposentadorias, na época podia
50		ter, e o salário dele >pelo que você via pelo
51		dia-a-dia< né que ele que sustentava <tudo> então
52		como eu era muito ambiciosa eu sempre vi que ah é
53		uma profissão legal eu dava aula pras minhas
54		↑bonecas e tudo mais >mas não era uma profissão
55		que eu queria ter< é verdade que a minha mãe
56		↑nunca reclamou não ela sempre disse que se ela
57		fizesse outra coisa ela iria fazer a ↑mesma coisa
58		ela ↑amava o que ela fazia mas assim:: em termos
59		salariais era impressionante diferença ... e aí

O discurso de Judith aponta para momentos de dualidade, quando, no Excerto 13, ela assume uma característica pessoal ambiciosa, (linha 52), resgata uma memória de infância, dava aula pras minhas ↑bonecas, (linhas 53 e 54), mas ainda não vislumbra a possibilidade de ser professora não era uma profissão que eu queria ter, (linhas 54 e 55).

Parece relevante pontuar que ela usa alguma justificativa positiva para ser professora ah é uma profissão legal, (linhas 52 e 53), sempre acompanhada de outra justificativa que se sobreponha à primeira não era uma profissão que eu queria ter, (linhas 54 e 55). Isto parece apontar para uma sequência textual descontínua. Contudo, proponho que esta dualidade possa ser entendida não como uma descontinuidade, mas como uma dificuldade de assumir um caminho para sua escolha profissional. O que fica marcado quando ela

traz o dava aulas para bonecas (linhas 53 e 54) como uma coisa legal e possível de ser feita como brincadeira, mas não a ser levado a sério.

Um ponto marcante desta sequência narrativa é a comparação profissional que Judith faz entre seu pai e sua mãe. A descrição que ela faz da vida de trabalhador digno de seu pai meu pai começou a trabalhar com dezesseis anos, aí depois trabalhou na empresa x e na empresa y (linhas 47 e 48), o fato do pai ter um salário alto e sustentar a família, e o salário dele >pelo que você via pelo dia-a-dia< né que ele que sustentava <tudo> (linhas 50, 51), em oposição ao fazer profissional de sua mãe professora que ↑amava o que ela fazia (linha 58) e que ↑nunca reclamou disso (linhas 55 e 56). A fala de Judith ainda pontua que mas assim:: em termos salariais era impressionante diferença (linhas 58 e 59) entre seu pai e sua mãe. Mais uma vez, aponto para a construção de coerência através de um sistema do senso comum, de um pai provedor da casa e de uma mãe que é colocada em segundo plano, talvez apontando para traços de uma sociedade machista à época. Também entendo que Judith é coerente no que busca se distanciar deste modelo social ao desejar uma vida parecida com a do pai no que toca a independência financeira.

#### Excerto 14 – Aquele do futuro calculado

60		quando eu saí do ensino médio né que eu estudei no
61		colégio a desde o nono ano ao ensino médio, eu
62		falei:: eu pensei assim >o que que eu tenho forte<
63		português e inglês né então vou fazer direito ↑né
64		na minha cabeça eu almejava assim uma carreira de
65		direito internacional né >com toda aquela pompa e
66		circunstância<

Assim, Judith dá sinais de que, projetando uma característica pessoal de ambição, segue a calcular um futuro, uma escolha profissional. Ao trazer a sua força acadêmica, eu pensei assim >o que que eu tenho forte< português e inglês (linhas 62 e 63), e novamente usando como base um sistema do senso comum, que versa sobre como bons alunos na área de humanas devem seguir a prestigiosa carreira de direito >com toda aquela pompa e

circunstância< (linhas 65 e 66), Judith parece ter definido sua escolha profissional uma carreira de direito internacional, (linhas 64 e 65).

### Excerto 15 – Aquele do primeiro desvio

68		eu era uma pessoa ↑muito ambiciosa >hoje em dia eu
69		não acho que eu seja não< é:: mas nessa época eu
70		era demais de atropelar mesmo as coisas e as
71		pessoas então eu fui fazer direito na faculdade x
72		que naquela época era ↑a o curso de ↑direito né na
73		década de oitenta aí fui fazer direito na faculdade
74		a e:: fiz também um estágio eu fiz estagio num
75		escritório de direito marítimo e ↑detestei tudo
76		>detestei absolutamente tudo< e aí no ano seguinte

No entanto, como Mishler (2000, p. 112) coloca em seu texto *Narrativa e Identidade: a mão dupla do tempo*, nem todas as histórias que contamos sobre nossas vidas são serenas, contínuas e progressivas. Parece ser assim também a história de vida de Judith. Assim, ela se encontra com o primeiro desvio de sua história de vida de escolha profissional.

Opto por usar a noção de desvio, pois ela dá sinais de que o fato não foi calculado. No Excerto 15, destaco que Judith novamente usa traços de sua característica pessoal como justificativa para suas escolhas como em ↑muito ambiciosa (linha 68), e de atropelar mesmo as coisas e as pessoas (linhas 70 e 71).

E, finalmente, coloca com riqueza de relato, que houve um desvio em sua narrativa, pelo uso da subida da entonação, da repetição da palavra detestei e, ainda, pelo uso do advérbio absolutamente, ↑detestei tudo>detestei absolutamente tudo< (linhas 75 e 76). Vale esclarecer que, neste momento, não está evidente se o desvio foi somente de expectativas, ou se de fato houve um desvio profissional.

### Excerto 16 – Aquele do segundo desvio

77		eu fui fazer letras na faculdade b e amei ... me
78		encontrei e falei essa é área que eu quero seguir
79		mas em letras você tem vários segmentos possíveis

80		né e aí eu descobri, >quando eu estava lá porque eu
81		não conhecia< descobri a tradução e falei "essa é
82		a minha praia né?" eu adoro dicionário e:: aí me
83		formei com bacharel em tradução e trabalhei com
84		Isso desde então né eu tive duas empresas trabalhei
85		no mercado como autônoma, trabalhei no mercado
86		como funcionária e >em outras coisas também<
87		e depois de sei lá uns dez quinze anos de atuação
88		no mercado eu fui trabalhar já no ano dois mil na
89		empresa de consultoria b que né que na época era

Abordo o Excerto 16 como aquele do segundo desvio, por entender que o desvio de relevância na história de vida de Judith está narrado nesse recorte. Observo uma sequência de frases no passado, que destaco como uma estratégia de encadeamento e continuidade na história de vida de Judith.

Observo isto em eu fui fazer letras (linha 77), e amei (linha 77), me encontrei (linhas 77 e 78), eu descobri (linha 80) me formei (linhas 82 e 83) trabalhei (linha 84), tive duas empresas (linha 84) trabalhei no mercado como autônoma (linhas 84 e 85), trabalhei no mercado como funcionária (linhas 85 e 86), fui trabalhar na empresa de consultoria (linhas 88 e 89). Também noto a riqueza de relato, como pode ser considerada pelas várias ações colocadas como formas diferentes de sua atuação profissional no campo da tradução. Tanto a sequência de frases no passado, encadeadas temporalmente, quanto a riqueza de relato conferem coerência ao que Judith conta.

### Excerto 17 – Aquele da volta às aulas

99	Judith	[que eu não tinha feito] e:: >aí eu fiz ali na
100		faculdade c que é bem pertinho ali da empresa a
101		noite né >nessa época eu já tinha as meninas
102		<minhas duas filhas [foi difícil]
103	Maíra	[foi um plano b] mas não foi
104		pensando estrategicamente numa mudança de carreira
105	Judith	não:: seria uma segunda opção vamos ver:: >porque
106		eu sempre gostei de estudar né< e eu e eu sou uma
107		pessoa muito ↑inquieta eu >não gosto de fazer a
108		mesma coisa sempre<então eu pensava que:: eu sempre
109		dei aula pra todo mundo né? no ensino médio eu dava
110		aula de biologia geometria >you name it< eu dava
111		aula pra todo e qualquer um que quisesse eu
112		↑ensinava alguma coisa, eu dei aula de informática
113		pra você ter ideia , eu ↑sempre na verdade ↑fui uma
114		professora e sempre neguei isso né:: bom aí >fiz lá

115		meu plano b< no que eu terminei a complementação
116		pedagógica o que que acontece a empresa a essa

Ao trazer o Excerto 17 para esta análise, pontuo mais um momento na construção que Judith faz da sua história de vida profissional. Ela começou pelo Direito, desistiu, fez Letras e se formou como Tradutora. Na sequência narrativa presente neste recorte, Judith retoma a questão da sala de aula e de ser professora sob outra ótica.

Judith conta sobre a decisão de voltar a estudar e fazer a complementação pedagógica (o que de fato lhe daria o reconhecimento legal para poder ser professora). Inicialmente, Judith justifica este momento, novamente, ao pontuar características pessoais como fatores de escolha para a mudança, como podemos observar em *eu sempre gostei de estudar* (linha 106), *eu sou uma pessoa muito ↑inquieta,* (linhas 106 e 107), e *>não gosto de fazer a mesma coisa sempre<* (linhas 107 e 108).

Um ponto a destacar deste Excerto é como percebo uma mudança da ressignificação sobre a questão de dar aula. Isso aparece, inicialmente, em nossa conversa quando Judith era criança, e ela retoma esta ideia de dar aula na sua adolescência *eu sempre dei aula pra todo mundo né?* (linhas 108 e 109), *aula de biologia geometria >you name it<* eu dava aula pra todo e qualquer um que quisesse eu (linhas 109, 110 e 111). Dessa forma, Judith confere uma profundidade temporal à sua narrativa, pois sinaliza que a rotina de dar aulas sempre esteve presente em sua vida.

A parte mais marcante deste trecho, ao meu ver, é quando Judith parece chegar a uma conclusão, quando narra que *eu ↑sempre na verdade ↑fui uma professora e sempre neguei isso né::* (linhas 113 e 114). Me parece que, neste momento, Judith junta todas as narrativas anteriores de nossa conversa em um grande sistema de coerência, em que finalmente a escolha pessoal dela, bem como seu desejo, se encontram com traços de suas características pessoais que justificam uma escolha – a de ser professora.

Ainda refletindo sobre como Judith molda sua história de vida profissional de maneira bastante coerente, apesar dos desvios descritos, até este momento de sua

narrativa, ela ainda não exercia a profissão de professora. Trago o próximo Excerto como um ponto final (ou inicial, ou ainda, de reticências) de como Judith se tornou professora de fato.

### Excerto 18 – Aquele do solavanco

116		pedagógica o que que acontece a empresa a essa
117		empresa ↑multinacional fechou ela teve um
118		escândalo de corrupção nos estados unidos a empresa
119		era americana e a empresa no mundo inteiro ↑fechou
120		... >me mandaram embora< eu fui demitida ↑né? e eu
121		tinha ↑acabado de fazer a complementação pedagógica
122		e minhas filhas pequenas né aí eu falei "tã esse é
123		o momento de dar uma guinada boa e trabalhar como
124		professora vou ver qual é"

Como vemos no Excerto 18, Judith se tornou professora apesar da sua vontade, com um solavanco da vida. Analiso que existia sim um caminho que apontava para a licenciatura, a complementação pedagógica. No entanto, o ponto de virada desta narrativa me parece ser o fato de Judith ter sido demitida. É interessante trazer a forma discursiva de como ela constrói este momento de duas maneiras diferentes. Primeiro em >me mandaram embora< (linha 120), e depois em eu fui demitida ↑né?, na mesma linha. Noto que Judith se constrói positivamente mesmo frente a uma situação potencialmente negativa, quando coloca em uma fala reportada que "tã esse é o momento de dar uma guinada boa e trabalhar como professora vou ver qual é" (linhas 122, 123 e 124), e desse modo, na minha leitura, transforma um evento desfavorável em oportunidade de exercer uma nova atividade profissional.

Trago, novamente, o uso de indexadores lexicais como marcas de causalidade e como marcas explicativas das sequências narrativas. Estes podem ser observados na transcrição, no uso das palavras: então (linhas 10, 21, 50, 63, 71, 84 e 108); mas (linhas 36, 41, 42, 58 e 69); porque (linhas 45 e 105); aí (linhas 47, 59, 76, 80, 82, 99, 114 e 122), entre outros. Também pude observar o uso de adjetivos e advérbios, como, por exemplo, muito ou muitíssimo (linhas 30, 52, 68 e 107) e sempre (linhas 14, 52, 56, 106, 107, 108 e 113). Vemos ainda que o uso de uma entonação de subida, representada por (↑), confere maior dramaticidade às narrativas de Judith. O uso destes marcadores evidencia que as justificativas

presentes nas narrativas foram construídas adequadamente e, além disso, confere a elas maior eficácia discursiva (Linde, 1993).

Destaco, ainda, que o protagonismo de Judith, ao narrar sua história de vida na primeira pessoa, e o modo como exerce agência sobre as situações vividas e narradas, conferem maior coerência à sua narrativa.

#### 4.4

#### A segunda escolha de Judith Tahan

Da segunda escolha de Judith (anexo XII), selecionei dois pontos que, na minha impressão, retomam a questão de como Judith pensa a profissão de professora. Nesses recortes, não identifiquei trechos que possam ser considerados uma narrativa canônica, de acordo com o modelo proposto por Labov (1972) ou uma sequência de frases no passado. No entanto, este Excerto, interessa à análise, no que Judith articula razões que podem ser entendidas como uma retificação, ou uma retomada do que ela pensa ser de extrema importância sobre a sua profissão de professora. Cabe destacar, que a atualização dos fatos, feita por Judith, pode ser compreendida como uma prática de ressignificação da sua história de vida profissional.

#### Excerto 19 – Aquele do professor muito bom e excelente

1	Judith	é o que eu posso ↑só complementar é dizer que eu
2		acho que o professor <b>de</b> é como você falou do ensino
3		<b>particular</b> de inglês ele tem um amplo mercado pela
4		frente >se ele for bom< se for ↑muito bom e
5		excelente eu acho que existe ↑muitos <b>espaços</b> pra
6		ele atuar não é uma profissão:: que <b>não tenha vaga</b>
7		professor acho que ↑nunca vai ficar desempregado
8		porque >se ele for muito bom e excelente< ele tem
9		↑sempre emprego mesmo em crise então é uma
10		profissão ↑boa né? porque tem algumas profissões
11		que por exemplo, você é engenheiro você <b>só quer</b>
12		<b>começar</b> com o salário lá de cima, não, o professor
13		ele tem↑ sempre emprego, tudo bem que talvez você
14		tenha que baixar um pouco seu nível né? numa
15		questão de crise, mas sendo muito bom e excelente
16		a vaga é ampla agora a concorrência também é ampla
17		né?

Entendo que Judith chega a um momento de valorização da sua profissão de professora de inglês no Excerto 19. Proponho, também, que Judith atrela esta valorização com a qualificação deste sujeito professor, quando se refere, a um professor muito bom e excelente (linhas 4, 5, 8 e 15). Ela aponta que existe um amplo mercado para a atuação do professor de inglês na rede particular de ensino (linha 3), e afirma ainda que se este tiver qualidade ele ↑nunca vai ficar desempregado (linha 7), e repete a mesma ideia em ele tem ↑sempre emprego (linhas 8 e 9). Judith, conclui seu pensamento colocando, finalmente que é uma profissão ↑boa né? (linhas 9 e 10).

Ao que me parece, a articulação de pensamentos de Judith acerca da importância que se revela no Excerto 19 está intrinsecamente conectada ao que se apresenta no Excerto 20.

#### Excerto 20 – Aquele do sucesso

132	Judith	eu acho que que <i>what it boils down to</i> é que você
133		tem que fazer aquilo que você gosta e aquilo que
134		você faz bem, ↑só assim, >é isso que sempre falaram
135		pra gente né?<
136	Maíra	É
137	Judith	e ↑ só assim você vai ter sucesso e pode sim um de
138		professor ter sucesso <b>até financeiro</b> eu acho que é
139		↑claro que:: >eu acho que sim que pode pode ser
140		dono uma escola pode ter< um:: eu acho que tudo que
141		você ↑quer, eu acho que você tem que fazer o que
142		você ↑gosta buscar <b>sempre</b> se atualizar::
143		academicamente e não <b>fugir</b> da academia, porque o
144		professor <b>precisa</b> ser um aluno, pra ele entender
145		Como é o outro lado.

Mais uma vez, Judith, traz em sua fala as características de um professor de sucesso, que pode ter sucesso financeiro, como ela coloca pode ser dono uma escola (linhas 139 e 140). Este sucesso pode também estar na Academia, como uma forma de progressão profissional e de outra possível medida de sucesso, como narra em se atualizar:: academicamente (linhas 142 e 143 ). Percebo aqui, a existência do uso de um sistema de coerência do senso comum, onde o sucesso profissional se encontra na realização financeira ou em uma carreira acadêmica, com a valorização da titulação de um profissional.

Mas, destaco que, neste caso, percebo que o sucesso está, pela primeira vez, atrelado à uma realização pessoal. Quando Judith comenta que tem que fazer aquilo que você gosta e aquilo que você faz bem (nas linhas 142 e 143) e tem que fazer o que você gosta (linhas 141 e 142). Novamente surge um sistema de coerência do senso comum que reflete que, quando se é feliz no que se faz, o fazemos bem, ou, fazemos algo bem, pois gostamos de fazê-lo.

Analisando que, no decorrer da conversa com Judith, ela pôde falar da evolução do processo de se construir e de se entender como professora. Através da análise das histórias de vida profissional contadas por Judith, está colocada uma ressignificação de uma profissão, antes vista de maneira negativa, na sua infância, a professora que é, passa agora a ser ressignificada de modo positivo.

Concluo entendendo que nem todas as sequências apresentadas podem ser consideradas narrativas, mas todas elas fazem parte da construção da história de vida e da projeção da escolha profissional de professora de Judith. Percebo que essa construção se dá ao passo que Judith estabelece que suas características pessoais estão conectadas às conquistas profissionais e à sua resiliência, vista sempre através de lentes positivas. Sendo assim, podem ser consideradas coerentes e contínuas, como Linde (1993) afirma ser possível em um sistema de coerência e causalidade.

## 4.5

### O meu olhar sobre as reflexões e escolhas de Noa e Judith

Mais uma vez, em busca de um processo de reflexão, que não se esgota nesta pesquisa, entendo que optei por “formas solidárias de pesquisar – formas inovadoras e híbridas na construção colaborativa de um trabalho” (MILLER, 2013 p. 320). Penso, também, que o que abordei até agora sobre as narrativas das histórias de vida de Noa e Judith, tal qual Miller (2013, p. 329) propõe, como uma “prática reflexiva, investigativa, crítica, que busca momentos de aprofundamento de entendimentos”, uma forma de co-pesquisa que entende que esta forma de pesquisa é mais rica por causa da partilha que promove entre as partes.

Por questões de afinidade metodológica, vistas anteriormente, opto por trabalhar com Noa e Judith por acreditar que foi possível desenvolver uma forma mais solidária e ética de pesquisa que prioriza a inserção de todas as vozes no trabalho. Nos instantes que antecedem o recorte estreito do Excerto 21, expliquei a ela como pensei em realizar o segundo momento desta pesquisa, então ouvimos a voz de Judith a respeito dessa decisão metodológica.

### Excerto 21 – Aquele da pesquisa ética

4	Judith	↑caramba:: tá bom achei uma política ↑muito ética
---	--------	---

Entendo que existe, de fato, uma limitação do escopo desta dissertação, que não me possibilitou prosseguir para uma análise mais detalhada dos segundos momentos de encontro com Noa (anexo VII) e Judith (anexo XIII), e vislumbro que os dados gerados neste trabalho possibilitariam outros caminhos e desdobramentos analíticos, além dos que foram apresentados até aqui. No entanto, vejo a importância da inserção destes momentos como o início de mais um processo de reflexão e uma tentativa de trazer uma sensação de desfecho à minha pesquisa.

Desta forma, passei à seleção de trechos dos segundos momentos dos encontros com Noa e Judith. No meu entendimento, quando fizeram suas escolhas, ambas acabaram revisitando suas narrativas e recontaram, ressignificaram e atualizaram o que haviam colocado no primeiro momento.

### Excerto 22 – Aquele do reconhecimento e valorização

305	Noa	que que eu acho? assim que aparece acho é assim um
306		achismo eu acho que isso aqui aparece muito a
307		↑dificuldade de reconhecer a própria vontade por isso
308		eu acho >até que você tem essa proposta desse título
309		de caminhos tortuosos< por um lado por que eu acho que
310		é ↑difícil a gente bancar essa vontade de início
311		então eu acho que isso fez parte de mim e eu acho que
312		isso foi importante pra eu hoje é <b>bater o pé</b> e falar
314		que eu tenho ↑orgulho do que eu faço mas assumir que
315		eu já não tive >que eu tive dificuldade de assumir
316		isso< e também não me <b>culpar</b> por que eu acho que é
317		social então eu acho que é a dificuldade de reconhecer
318		a própria vontade eu acho que nisso aqui ((aponta
319		para mapeamento)) aparecem duas coisas que perpassaram
320		isso Por que? por uma ↑má remuneração e por uma ↑falta
321		de reconhecimento social são coisas que apareceram aí
322		

323		muito ↑fortes então acho que isso tem que entrar tá
324		acho que é <b>reconhecimento e valorização</b> aí junto a
325		isso se a gente tá falando por que aí eu acho que tem
326		essa questão do ↑estigma né do preconceito com a
327		profissão

No momento em que Noa se depara com o mapeamento, faz várias considerações acerca do que foi apresentado. Noa, reconta suas histórias, se surpreende com algumas de suas colocações e esclarece dúvidas. Ela escolheu os momentos que julgou importantes de “entrarem” na pesquisa. Eu escolhi o momento no qual ela comenta a construção de sua escolha de ser professora, pois acredito que neste momento ela reconstrói o que foi dito anteriormente, ressignificando a sua escolha profissional.

Observo que Noa se realinha com a dificuldade da escolha profissional quando coloca a ↑dificuldade de reconhecer a própria vontade, como era ↑difícil a gente bancar essa vontade de início e também sua dificuldade de assumir (linhas 307, 310 e 315, respectivamente)

Ao mesmo tempo, Noa constrói uma fala de dificuldade ancorada em razões advindas do senso comum ↑falta de reconhecimento social (linha 321), como em questões que, para ela, parecem mais objetivas, como a ↑má remuneração (linha 320). Ao meu ver, Noa ainda elabora a justificativa de que as questões que apresenta como justificativas da sua dificuldade têm origem em outra construção presente no sistema do senso comum, como a questão do ↑estigma né do preconceito com a profissão (linhas 336 e 327).

Por fim, considero que Noa desenvolve sua narrativa justificando não atribuir algo de negativo à sua construção passada, principalmente quando expressa o desejo de não se culpar pelas considerações anteriores não me **culpar** (linha 316). Nesse sentido, vemos Noa ressignificar sua postura diante de sua escolha profissional. Noa mostra como ela resiste, com orgulho, ao preconceito social que alimenta o sistema do senso comum sobre a profissão docente no Brasil. Ela ainda elabora que sua relação com a escolha profissional que construiu e assumiu é muito positiva ao dizer que hoje o que faz é **bater o pé** e falar que eu tenho ↑orgulho do que eu faço (linhas 312 e 313).

Ainda refletindo sobre os segundos momentos, trago minha escolha da narrativa de Judith.

### Excerto 23 – Aquele dos caminhos possíveis

109	Judith	>só olhando aqui a primeira página< é nesse caso aqui
110		da ambição que <b>eu acho</b> que os jovens hoje têm isso
111		né >e esse meu descaso< com a profissão porque eu
112		vinha de um ambiente de ↑muito estudo né estudo na
113		minha família e estudo meu né
114	Maíra	hum hum
115	Judith	então eu queria alguma coisa que fosse hhh ↑maior
116		que o mundo <b>que imbecil</b> hhh e na verdade <b>não</b> é assim
117		que a gente escolhe uma profissão né? >a gente
118		escolhe< uma profissão que vai:: nos trazer
119		felicidade completa né? satisfação completa como
120		pessoa como profissional né? então:: eu acho que tem
121		a ver com eu acho interessante as pessoas lerem
122		porque eu acho que ↑muita gente deve se identificar
123		com isso né? devem pensar assim “↑nossa não vou
124		seguir essa carreira porque essa carreira não vai
125		sustentar minha casa” e hoje em dia eu vejo que ↑há
126		caminhos e posso ou podia ter seguido nessa área
127		profissional

Como vemos, no trecho destacado, Judith reconstrói a questão da ambição através do descaso como relata que ambição que **eu acho** que os jovens hoje têm isso né >e esse meu descaso< com a profissão (linhas 110 e 111). Por meio desta conexão, não entendo se está claro, ainda, qual a ligação que ela faz entre sua ambição e seu descaso pela profissão. Futuramente, talvez eu pudesse pedir a ela que elabore essa questão. Me parece que Judith usa de uma justificativa do senso comum que vê em jovens pensamentos de grandeza, quando ela coloca que eu queria alguma coisa que fosse hhh ↑maior que o mundo **que imbecil** hhh (linhas 115 e 116). Na minha leitura, ela parece se dar conta do que disse no primeiro momento e, de alguma maneira, se coloca ridicularizada, quando ri, se diz imbecil, e ri novamente.

Judith então indica o que parece ser sua opinião atual sobre uma escolha profissional, quando oferece um contraponto à maneira como pensava no passado, como observo em na verdade **não** é assim que a gente escolhe uma profissão né? (linhas 116 e 117). Ainda refletindo sobre como deve se dar uma escolha profissional, Judith coloca >a gente escolhe< uma

profissão que vai:: nos trazer felicidade completa né? satisfação completa como pessoa como profissional né? , (linhas 117 a 120). Neste momento, parece se aproximar mais de uma ressignificação do que projeta como sua escolha profissional reflexiva quando, hoje, se diz feliz e satisfeita com as suas escolhas. Contudo, Judith afirma ainda que, em uma história de vida, o processo de escolha profissional pode não ser único, e pode ser variado também, como fica evidente em ↑há caminhos e posso ou podia ter seguido nessa área profissional (linhas 126 e 127).

Proponho que Judith vê, neste segundo momento de construção de significados acerca do que foi dito no primeiro momento, uma finalidade outra que não só a narrativa de sua história de vida. Percebo que ela verbaliza seu entendimento de que, quando nossas histórias de vida são contadas, as compartilhamos com outras pessoas que poderiam estar passando pelas mesmas situações, ao lerem sobre elas, poderão ser tocadas e também refletir acerca de suas próprias escolhas, afinal, as histórias parecem se repetir. Isto pode ser ilustrado quando ela diz ↑muita gente deve se identificar com isso né? (linha 122).

Entendo, nesse momento, que a análise dos recortes dos dados, somente pôde ser feita da maneira que se apresentou, pois, tanto Noa quanto Judith, foram minhas coautoras nesta pesquisa, ao trazerem suas próprias reflexões sobre suas narrativas de história de vida profissional. Finalizo, assim, a seção de análise de dados com a convicção de que, como coloca Miller (2013, p. 334):

É preciso reforçar que todos os envolvidos nas ações investigativas integradas ao cotidiano escolar ou profissional são verdadeiros coautores no trabalho de reflexão coletiva.

## Considerações

*People shape their own identities through the influence of other stories. Learning the valued stories of the past, learning how to tell one's own story is part of the intimate work of the creation of identity. (Linde, 2009)*

Chego ao ponto final com uma volta ao início. O desfecho? Será que ele existe? Penso que nossas histórias não têm um ponto final, acredito que estamos infinitamente a recontar e a ressignificar nossas histórias de vida. Desse modo, proponho que as reflexões que apresentarei nesta seção podem não ser as mesmas construídas pelos meus leitores. Finais, como começos, podem ter várias formas. Nesse sentido, penso que esta conclusão pode servir como um ponto de início para outras pessoas entrarem neste diálogo e nesta reflexão sobre narrativas e histórias de vida.

Durante a pesquisa, parti em busca do entendimento de como se dá o processo de construção da escolha profissional através de narrativas de história de vida produzidas em conversas participativas de pesquisa. Com isso, procurei analisar as narrativas geradas e selecionadas pelas participantes desta pesquisa e então partilhar entendimentos sobre as reflexões geradas ao longo do presente trabalho.

De maneira geral, trago um ponto de dificuldade que encontrei em todo o processo. Contemplando o tipo de pesquisa que optei por fazer e o discurso que emergiu das narrativas, que foi selecionado pelas próprias participantes na pesquisa, me alinho a Miller (2013, p.333) quando ela coloca que a construção de dados em contextos naturais de trabalho ainda é vista como um processo difícil. Essa dificuldade consiste tanto em achar tempo quanto em construir uma pesquisa com credibilidade que leve as pessoas a refletir sobre o próprio trabalho.

O fato de eu ter escolhido trabalhar com elas, Noa e Judith, dentre outras possibilidades que poderiam ser vislumbradas, se apresenta como uma escolha mais difícil, com certeza. No entanto, somente assim, tendo optado por fazer a pesquisa

de forma conjunta, acredito desenvolver uma forma mais solidária de pesquisa que busca dialogar verdadeiramente com as pessoas investigadas.

Todo esse processo de reflexão me permitiu ver que os solavancos, turbulências, desvios e hiatos presentes na minha própria formação, me possibilitaram olhar para outras histórias de vida que também foram construídas de maneira similar. Vale dizer que isso ilustra histórias que são individuais e situadas, e que esta pesquisa não busca generalizações sobre possíveis histórias de vida de construção profissional, apenas as de Noa Kanu e Judith Tahan.

Não quero propor uma comparação, buscar por similaridades e diferenças construídas nos discursos de Noa e Judith. Nessa linha de pensamento, entendo que trouxe reflexões individuais acerca de como elas se constroem profissionalmente ao narrarem suas histórias de vida.

Um aspecto que emerge na narrativa de Noa é a estratégia de coerência através de quebra aparente entre hiatos, desvios e turbulências. Neste caso, Noa justifica similaridades entre escolhas profissionais que são descontínuas. É uma maneira que se tem de mostrar que suas estratégias para manutenção de sequência são contínuas e, quando usadas como justificativa da sua história de vida profissional, são coerentes, para ela. Não é uma questão de se achar uma verdade presente na história de vida que se constrói na narrativa, mas sim da importância de Noa ter criado alguma forma coerente de dar continuidade à sua narrativa.

Outro aspecto que percebo na narrativa de Noa é uma maneira bastante lógica de se reconciliar carreira com desejo e coerência emocional. Na verdade, o esforço narrativo de Noa consiste em reconciliar a descontinuidade entre as profissões, ao mostrar que há uma quebra que é aparente, mas que também há uma conexão entre as mesmas.

Outro ponto, mencionado anteriormente, e que também observo na trama discursiva que Judith tece, é que os sistemas de coerência e causalidade estabelecidos por características pessoais de Judith estão sempre atrelados ao seu sucesso profissional e à sua capacidade adaptativa, vistos sempre através de lentes positivas (LINDE, 1993, p.127-128). A narrativa de Judith também se adequa ao que é coerente, quando ela coloca que é forte no que faz (linha 62), o que pode ser apreendido como um traço de sua característica pessoal, visto através de seu juízo

de valores sobre suas próprias habilidades pessoais. Outro ponto marcante é como Judith parece estar sempre se antecipando a possíveis questões, potencialmente negativas, com seu discurso de ter um plano A, um plano B e um plano Y, enquadrando experiências potencialmente negativas de maneira positiva.

Judith percorre um caminho de mudança de escolha de profissional (de Direito para Letras) e de uma mudança profissionais dentro de uma área de atuação afim (da tradutora para também professora). Como refleti anteriormente, Linde (1993, p. 129) pontua que, normalmente, falantes da classe média, como Judith, não usam a falta ou mudança de escolha profissional como fatores determinantes de oportunidades de escolha, pois, como a autora coloca, não estão, de forma alguma, limitados a um único caminho.

Ainda, refletindo sobre outras formas de se estabelecer causalidade, entendo que Judith traz da sua infância a memória de brincar de professora, mesmo que a recusa pela profissão também estivesse presente quando criança. Este fato, por se apresentar há muito tempo atrás, faz com que sua narrativa possa ser considerada rica e com maior profundidade temporal, o que se sugere uma maneira forte de se estabelecer causalidade.

Por fim, proponho que outro aspecto que emerge como estratégia de coerência é a aparente quebra entre a certeza, a dúvida e a negação, futuros calculados, desvios e solavancos. Judith constrói sua história de vida profissional de forma aparentemente calculada, apesar de descontínua. Contudo, entendo que nas sequências narrativas que emergem no seu discurso, Judith constrói a coerência em sua história de vida, reconciliando as quebras e adicionando conexões entre as mesmas.

O uso de um sistema de coerência e causalidade foi importante para, principalmente, pontuar a existência de sistemas do senso comum nas construções de Noa e Judith. Ainda assim, entendo que estes sistemas não dependem somente dos marcadores linguísticos que foram apresentados. Interpreto que o uso de um sistema de coerência informa, principalmente, como os narradores de uma história trabalham, de forma social e cultural, para interpretarem suas próprias falas e destas falas fazerem sentido.

Aponto que, a ressignificação do que representa a vida profissional de uma professora, está presente em ambas as histórias que se construíram aqui. Sugiro, neste momento, como apontam os recortes dos dados, que isso possa ser conectado com a ideia de que a escolha da profissão de professor pode, muitas vezes, não ser bem vista ou bem quista socialmente. Sendo, por esta razão, considerada por nós uma profissão estigmatizada. Proponho ainda que a construção de uma escolha profissional, social e culturalmente situada, é também de um enorme esforço performativo e, portanto, sempre instável (Langllier, 1999, p. 30-31, apud Mishler 1999).

No entanto, através da reflexão acerca de suas próprias histórias de vida profissional, percebo que ambas colegas atualizam suas narrativas e se colocam não de maneira negativa, mas com orgulho e felicidade sendo as professoras que são. Dessa forma, entendo, como afirma Linde, que identidade e memória são atos de construção (2009, p. 222). Fazer memória através do relato de uma história de vida profissional possibilita uma (re)(des)construção do processo de nossas escolhas profissionais.

No meu entendimento, o segundo momento trouxe a possibilidade de as participantes recontarem suas histórias. Esses relatos foram importantes, pois podem ser considerados uma forma direta de trazer novos entendimentos para o presente e para o futuro, ao revisitar o passado (Linde, 2009, p. 222).

Concluo entendendo que as trajetórias pelas quais construímos nossas histórias de vida de fato não são lineares (Mishler, 2002) e entendo que a contribuição desta pesquisa está em uma proposta do emprego de formas solidárias, inovadoras, híbridas e colaborativas de trabalho investigativo entre os participantes da pesquisa (Miller, 2013).

Quando nos propomos a olhar para os solavancos e turbulências, desvios e hiatos presentes nas histórias de vida de professores de inglês participantes desta pesquisa (e também presentes na minha própria história de vida), nos permitimos uma nova possibilidade de estruturar as nossas histórias de vida e as nossas escolhas profissionais, sejam elas quais forem.

## Referências bibliográficas:

ALIANÇA, P. **Pesquisa (Auto) biográfica e (Auto)Formação Crítica do Professor de Língua Inglesa**. HOLOS, Ano 27, Vol 4, p.201-214, 2011.

ALLWRIGHT, D. Six promising directions for applied linguistics. In: GIEVE, S.; MILLER, I. K. (Orgs.). **Understanding the language classroom**. Hampshire: Palgrave Macmillan, p. 11-17, 2006.

\_\_\_\_\_. Epilogue. In: ALLWRIGHT, D.; BAILEY, K. **Focus on the language classroom: an introduction to classroom research for language teachers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. **Developing principles for practitioner research: the case of Exploratory Practice**. The Modern Language Journal, v. 89, n. 3, p. 353-366, 2005.

\_\_\_\_\_. Social and Pedagogic Pressures in the Language Classroom: The Role of Socialisation. In: COLEMAN, H. (ed): **Society and the Language Classroom**. Cambridge, Cambridge University Press, Chapter 10, p. 209-228, 1996.

\_\_\_\_\_. Six Promising Directions in Applied Linguistics. In: GIEVE, S. & MILLER, I. K. (Ed.) **Understanding the language classroom**, Hampshire, United Kingdom: Palgrave Macmillan, p.11-17, 2006.

ALLWRIGHT, D. & HANKS, J. (Eds). Going Beyond experiments: Descriptive and Qualitative Classroom Research. In: **The developing language Learner: An introduction to Exploratory Practice**. Hampshire, United Kingdom: Palgrave Macmillan, p.122-139, 2009.

ALLWRIGHT, D. & HANKS, J. (Eds) . The Research We Now Need: Principled and Inclusive Practitioner Research. In: **The developing Language Learner: An introduction to Exploratory Practice**. Hampshire, United Kingdom: Palgrave Macmillan, p.140-161, 2009.

BAMBERG, M. & GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. In: SARANGI, S. (Ed.). **Text and Talk: an interdisciplinary journal of language, discourse and communication studies**, v. 28, n. 3. Mouton de Gruyter- Berlin- New York, 2008.

BASTOS, L. C. **Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa**. Caleidoscópio, v. 3, n. 2, p. 74-87, maio/ago, 2005.

\_\_\_\_\_. **Diante do sofrimento do outro: narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho**. Caleidoscópio, v. 6, n. 2, p. 76-85, 2008.

\_\_\_\_\_. **Narrativa e vida cotidiana**. Scripta, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 118-127, 1. sem. 2004.

BASTOS, L.C. & BIAR, L. A. **Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social**. Delta, n. 31, especial, p. 97-126, 2015.

BASTOS, L. C. & SANTOS, W. S. Entrevista narrativa e pesquisa. In: BASTOS, L. C. & SANTOS, W. S. (Orgs.). **A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e interação**. Rio de Janeiro: Quartet/ Faperj, p. 9-18, 2013.

BIAR, L. A. **“Realmente as autoridade veio a me transformar nisso”: narrativas de adesão ao crime e a construção discursiva do desvio**. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), 2012.

BOHN, H. I. As exigências da pós-modernidade sobre a pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. In: Freire, M. M., Vieira-Abrahão, M. H. & Barcelos, A. M. (orgs.) **Linguística Aplicada & Contemporaneidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, p.11-23, 2005.

BORGES, T.R.S. **Por um sentir Crítico: um olhar feminista interseccional sobre a socioconstrução de identidades sociais de gênero, raça/etnia e classe de professores de línguas**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), 2017.

BRUNER, Jerome. **Acts of meaning**. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

CELANI, M. A. Afinal, o que é a Linguística Aplicada? In: Paschoal, M. S. Z. & Celani, M. A. (Eds.) **Linguística aplicada: Da aplicação da Linguística à Linguística transdisciplinar**. São Paulo: EDUC, p. 15-23, 1992.

COSTA, F.H. & BIAR, L. A. **“Já era uma perseguição velada”: narrativas de discriminação homofóbica no contexto militar em perspectiva interacionista**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 19, n. 36, p. 409-435, 1º sem. 2015.

DE FINA, A. **Narratives in interview: the case of accounts**. Narrative inquiry, v. 19, n. 2, p. 233-58, 2009.

DENZIN, N. K. & LINCOLN Y. S. (Ed.). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2000.

DENZIN, N. & LINCOLN, Y. S. Introdução à disciplina e à prática da pesquisa qualitativa. In: Denzin, N. & Lincoln, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed Bookman, p. 15-41, 2006.

EDGE, J. & RICHARDS K. **May I see your warrant, please?: Justifying outcomes in qualitative research**. Applied Linguistics, 19, 3: 334-356, 1998.

ELLIS, R. **Second Language Acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

EWALD, C.X. **“Eu não tô só participando. Tô usufruindo também.” Prática Exploratória na formação do professor-pesquisador.** Orientadora: Inés Kayon de Miller. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2015.

FABRÍCIO, B.F. "Transcontextos educacionais: gêneros e sexualidades em trajetórias de socialização na escola". In: SILVA, D.N., FERREIRA, D.M.M., ALENCAR, C.N. (orgs) **Nova Pragmática: modos de fazer.** São Paulo: Cortez, 2014.

\_\_\_\_\_. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, p. 45-65, 2006.

\_\_\_\_\_. O processo de negociação de novas identidades profissionais. In: SZUNDY, P. T. C.; ARAÚJO, J. C.; NICOLAIDES, C. S.; SILVA, K. A. (Orgs.). **Linguística aplicada e sociedade: ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro.** Campinas: Pontes Editora, p. 137-157, 2011.

FREIRE, M. M. & LEFFA, V. J. A Auto-heteroecoformação tecnológica. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Linguística aplicada da modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani.** São Paulo: Parábola, p. 59-78, 2013.

GARCEZ, P. M. **A organização da fala-em-interação na sala de aula: controle social, reprodução de conhecimento, construção conjunta de conhecimento.** Caleidoscópio, v. 4, n. 1, p. 66-80, 2006.

\_\_\_\_\_. Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena. In: MOITA LOPES, L. P. & BASTOS, L. C. (Orgs.). **Identidades: recortes multi e interdisciplinares.** Campinas: Mercado de Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico de narrar na conversa cotidiana.** In: RIBEIRO, B.; LIMA, C.; DANTAS, M. T. (Orgs.). Narrativa, identidade e clínica. Rio de Janeiro: Edições IPUB, 2001.

GEORGAKOPOULOU, A. **Thinking big with small stories in narrative and identity analysis.** Narrative Inquiry, v. 19, p. 122-130, 2006.

GIEVE, S. & MILLER, I. K. What do we mean by quality of classroom life? In: GIEVE, S. & MILLER, I. K. (Orgs.). **Understanding the language classroom.** Hampshire: Palgrave Macmillan, p. 18-46, 2006.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** 17. ed. Petrópolis: Vozes. 233 p, 2009.

GOFFMAN, E., LEMERT, C.C., BRANAMAN, A. **The Goffman Reader.** Cambridge: Mass: Blackwell, 1997.

KRAMSCH, C. Social discourse construction of self on L2 learning. In: LANTOLF, J. P. (Org.). **Sociocultural theory and second language learning.** Oxford: Oxford University Press, p. 133-153, 2000.

KUMARAVADIVELU, B. Deconstructing Applied Linguistics: a postcolonial perspective. In: GIMENEZ, T. (Org.). **Ensinando e aprendendo inglês na universidade: formação de professores em tempo de mudança**. Londrina: ABRAPUI, p. 25-37, 2005.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. (Ed.). **Language in the inner city: studies in Black English Vernacular**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p. 345-396, 1972.

LABOV, W. & WALETSKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967.

LANTOLF, J. P. (Org.). **Sociocultural theory and second language learning**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

LINCOLN, Y. S. & GUBA, E. G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. e colaboradores (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: ARTMED, p. 169-192, 2006.

LINDE, C. **"Life Stories: The Creation of Coherence"**. New York: Oxford University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. **"Working in the past: Narrative and Institutional Memory"**. New York: Oxford University Press, 2009.

MILLER, I. K. Formação de professores de línguas: da eficiência à reflexão crítica e ética. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola, p. 99-121, 2013.

\_\_\_\_\_. A prática exploratória na educação de professores de línguas: inserções acadêmicas e teorizações híbridas. In: Silva, Kleber; Daniel, Fátima G.; Kaneko-Marques, Sandra M.; Salomão, Ana Cristina B. (Orgs.). **A formação de professores de línguas: Novos olhares – Volume II**. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 317-339, 2013.

MISHLER, E. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita; BASTOS, Lílíana Cabral (Org.). **Identities: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Research interviewing: context and narrative**. USA: Harvard University Press, [1986] 1991.

\_\_\_\_\_. **Storylines: craftartists' narratives of identity**. USA: Harvard University Press, [1999] 2004.

MOITA LOPES, L. P. Fotografias da linguística aplicada brasileira na modernidade recente: contextos escolares. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Linguística aplicada da modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola, p. 15-37, 2013.

\_\_\_\_\_. A vida sociocultural em construção: interação, situacionalidade, alteridade e ética. In: PEREIRA, M. G. D.; BASTOS, C. R. P.; PEREIRA, T.

C. (Orgs.). **Discursos socioculturais em interação – Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração**. Rio de Janeiro: Garamond, p. 11-20, 2009.

\_\_\_\_\_. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 85-107, 2006.

\_\_\_\_\_. Práticas narrativas como espaço de construção de identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, B.; LIMA, C.; DANTAS, M. T. (Orgs.). **Narrativa, identidade e clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB, 2001.

\_\_\_\_\_. Uma visão contemporânea de Linguística Aplicada. In Moita Lopes, L. P. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 17-33, 1996.

NUNAN, D. Action Research in language education. In: EDGE, J.; RICHARDS, K. (Eds.). **Teachers develop teachers research**. London: Heinemann, p. 39-50, 1993.

PALMER, P.J. The Hidden Wholeness (Chapter III). In: **The courage to teach: Exploring the Inner Landscape of a Teacher's Life**, 61-113. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1998.

PENNYCOOK, A. **Critical Applied Linguistics: A Critical Introduction**. Chapter 1. Lawrence Erlbaum Associates Publishers, Mahwa: New Jersey, 2001.

\_\_\_\_\_. Uma linguística aplicada transgressiva. In: In: Moita Lopes, L. P. (Org.), **Por uma linguística aplicada indisciplinar**, São Paulo: Parábola Editora, pp. 67-84, 2006.

PONTECORVO, C; AJELLO, A. M.; ZUCCHERMAGLIO, C. **Discutindo se aprende: interação social, conhecimento e escola**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PRABHU, N. S. "There is no best method – why?" TESOL Quarterly, v. 24, n. 2, p. 161-176, 1990.

REIS, B. M. **Quem sou eu? Quem éramos nós?: (a história de) uma pesquisa sobre identidades de professores**. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), 2013.

RICHARDS, K. **Qualitative inquiry** in TESOL. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

RIESSMAN, C. K. **Narrative Analysis**. London: Sage Publications, 1993.

ROLLEMBERG, A. T. V. M. **Dedicação, frustração, sucesso, dúvidas: construção de identidades profissionais nas trajetórias de professores de inglês**. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Estudos da

Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), 2008.

SACKS, H. On doing “being ordinary”. In: ATIKSON, J; Heritage, J. (Orgs.). **Structures of social action**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. **A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation**. *Language*. v 50, n. 4, p. 696-735, 1974. Tradução de: Maria Clara Castellões de Oliveira e Paulo Cortes Gago et al. In: VEREDAS - Rev. Est. Ling, Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e n. 2, p. 9-73, jan./dez. 2003.

SCHIFFRIN, D. **Approaches to discourse**. Oxford: Blackwell, 1994.

SCHÖN, D. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2000.

\_\_\_\_\_. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Ed.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

\_\_\_\_\_. **The reflective practitioner: how professionals think in action**. New York: Basic Books, 1983.

SETTE, M. de L. **A vida na sala de aula: ponto de encontro da Prática Exploratória com a Psicanálise**. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) , 2006.

SILVERMAN, D. **Interpreting qualitative data: methods for analyzing talk, text and interaction**. 2. ed. London: Sage Publications, [1993] 2001.

VAN LIER, L. Educational linguistics: field and project. In: ALATIS, J. E. (Org.). Georgetown University round table on language and linguistics. Washington: Georgetown University Press, p. 199-209, 1994.

\_\_\_\_\_. **The classroom and the language learner: ethnography and second language classroom research**. Londres: Longman, 1988.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WENGER, E. **Communities of Practice: learning, meaning and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

## Anexo I: TCLE

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidada(o) a participar como voluntária(o) da pesquisa XXX. Este estudo será realizado em minha pesquisa de Mestrado na PUC-Rio e tem como objetivo entender histórias de vida de professores através da análise de narrativa.

Este projeto segue as normas éticas estabelecidas na **Resolução de N° 510 de 7 de abril de 2016. De acordo com o artigo 9° dessa resolução, se você aceitar participar deste trabalho, são seus direitos:**

- I - ser informado sobre a pesquisa;
- II - desistir a qualquer momento de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo;
- III - ter sua privacidade respeitada;
- IV – ter garantida a confidencialidade das informações pessoais;
- V – decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública;
- VI – ser indenizado pelo dano decorrente da pesquisa, nos termos da Lei; e
- VII – o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa.

Se você aceitar participar deste estudo, você e eu iremos conversar sobre assuntos relacionados às suas experiências acerca da construção da sua escolha profissional e essas conversas serão gravadas em áudio.

#### Dúvidas e reclamações:

Pesquisadora: Maíra Peixoto Timbó

Telefone: 998091574

E-mail: mairaptimbo@gmail.com

Orientadora: Inés Kayon de Miller

Telefone: 3527-1770

E-mail: inesmiller@hotmail.com

**Declaração:**

Declaro que li, ou que foram lidas para mim, todas as informações deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Tive a oportunidade de discutir e entendi todas as informações deste termo. Todas as minhas perguntas foram respondidas e estou satisfeita(o) com as respostas. Concordo em participar voluntariamente deste estudo e sei que poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou penalidade. Entendo que vou receber uma via deste documento assinada e datada e que outra via assinada e datada ficará com a pesquisadora responsável.

**Dados da(o) participante da pesquisa:**

Nome: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

Rio de Janeiro, julho de 2017.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

## Anexo II: Conversas Via Aplicativo de Mensagens com Noa

[10:40, 17/7/2017] Maíra: Cheguei! Vamos marcar? Posso abusar de você? Você poderia fazer parte da minha pesquisa de mestrado e me responderia duas perguntas gravadas em áudio?🎧

[12:39, 17/7/2017] Noa: Claro

[12:39, 17/7/2017] Noa: Como você esta amanhã?

[12:40, 17/7/2017] Maíra: Tenho oftalmo 14.30 em copa

[12:46, 17/7/2017] Noa: Ainda estou trabalhando esta semana

Vou ver que horas término e te aviso

[13:20, 17/7/2017] Maíra: Beleza! Posso ir encontrar onde for melhor pra você

[13:34, 17/7/2017] Noa: Ok

Te aviso já

[15:08, 17/7/2017] Noa: Passa o contato da pousadinha

[15:08, 17/7/2017] Maíra: Kafundo

[15:08, 17/7/2017] Maíra: são joaquim de bicas

[15:08, 17/7/2017] Maíra: Fiz pelo booking

[15:09, 17/7/2017] Maíra: Saiu 440 dois dias

[15:23, 17/7/2017] Noa: Ótimo

[16:29, 17/7/2017] Noa: E a cidade é fofa?

[16:30, 17/7/2017] Noa: Rola de ficar lá e relaxar?

[16:30, 17/7/2017] Maíra: A cidade não tem nada!

[16:31, 17/7/2017] Maíra: Mas a pousada é gostosa. Tem piscina e uma vista legal.

[16:31, 17/7/2017] Noa: E rola caminhada e cachoeira?

[16:32, 17/7/2017] Maíra: Nope

[16:32, 17/7/2017] Noa: Ok

[16:32, 17/7/2017] Noa: Você foi de avião?

[16:32, 17/7/2017] Maíra: É um lugar pra ficar...

[16:33, 17/7/2017] Maíra: Sim sdu confins e aluguei 4x4 na localiza

[16:33, 17/7/2017] Maíra:

[16:29, 19/7/2017] Noa: Na Gávea

[16:29, 19/7/2017] Noa: Quer tomar um café na tata?

[16:29, 19/7/2017] Noa: Ou você está mais para caminha?

[16:30, 19/7/2017] Maíra: Tô de carro. Vou tentar estacionar

[16:30, 19/7/2017] Noa: Te encontro lá

[16:30, 19/7/2017] Noa: Ok?

[16:41, 19/7/2017] Maíra: Ok

[16:41, 19/7/2017] Noa: Ok

[16:41, 19/7/2017] Noa: Peguei uma mesa

[17:12, 25/9/2017] Maíra: Oi querida! Queria marcar com você a volta da entrevista, um momento de co-autoria e te apresentar o mapeamento da sua entrevista. Qdo podes? Acho que em 30 minutos a gente consegue. Bjo

[17:14, 25/9/2017] Noa: Vou ver que horas eu posso essa semana e te aviso

[17:14, 25/9/2017] Noa: Bjs

[17:14, 25/9/2017] Maíra: Super!!!

[17:14, 25/9/2017] Maíra: Bjo

[09:20, 27/9/2017] Maíra: Flor, amanhã vou estar na Gávea na PUC até umas 17hs. Se funcionar pra você depois te levo em casa! ☺ - falando a pessoa que está precisando continuar a pesquisa... ☺☺☺☺

[09:30, 27/9/2017] Noa: Amada

[09:30, 27/9/2017] Noa: Amanhã não consigo

[09:30, 27/9/2017] Maíra: No worries!

[09:30, 27/9/2017] Noa: Acho que só na semana que vem

[09:30, 27/9/2017] Noa: À noite

[09:30, 27/9/2017] Maíra: Só tentando aqui

[09:30, 27/9/2017] Noa: Segunda, terça ou quarta

[09:30, 27/9/2017] Noa: Quarta eu acabo na lagoa as 8

[09:31, 27/9/2017] Maíra: Blz

[09:31, 27/9/2017] Noa: Quer juntar entrevista com papo e chopp no bar lagoa?

[09:31, 27/9/2017] Maíra: Muito barulho pra entrevista

[09:31, 27/9/2017] Maíra: 🙅🙅🙅

[09:31, 27/9/2017] Noa: Entendi

[09:31, 27/9/2017] Maíra: Segunda você esta onde

[09:31, 27/9/2017] Maíra: ?

[09:31, 27/9/2017] Noa: Termina na escola

[09:32, 27/9/2017] Noa: As 8

[09:32, 27/9/2017] Maíra: Terça?

[09:33, 27/9/2017] Maíra: E quarta termina que horas?

[11:18, 27/9/2017] Noa: Terça 8.30 no jb e quarta as 8 na lagoa

[12:24, 27/9/2017] Maíra: O que você acha de eu te buscar na escola na 2a ou na Lagoa na 4a e a gente vai pra algum lugar em Laranjeiras mais tranquilo?!

[14:56, 27/9/2017] Noa: ☺

[14:56, 27/9/2017] Noa: Saio segunda e quarta as 8

[14:56, 27/9/2017] Noa: O que você prefere?

[15:00, 27/9/2017] Maíra: Vamos segunda???

[15:00, 27/9/2017] Maíra: Te pego às 8 na escola!☺

[15:05, 27/9/2017] Noa: Ok

[15:08, 27/9/2017] Noa: Oba

[14:50, 1/10/2017] Noa:

[14:50, 1/10/2017] Noa: Você me busca na escola?

[14:50, 1/10/2017] Maíra: Te busco na escola

[14:50, 1/10/2017] Maíra: 20hs na porta

[14:50, 1/10/2017] Noa: Oba

[14:50, 1/10/2017] Maíra: carro cinza

[14:50, 1/10/2017] Noa: Arrasa

[14:50, 1/10/2017] Noa: Bjs

[14:51, 1/10/2017] Maíra: 🙅🙅🙅

[14:51, 1/10/2017] Maíra: ☺

[12:05, 2/10/2017] Noa: Oi querida. A gente vai jantar?

[12:23, 2/10/2017] Maíra: Tomar um chá? Café?

[12:24, 2/10/2017] Noa: Ok

[12:24, 2/10/2017] Noa: Estou perguntando para me organizar com o meu jantar pre ou pos reunião

[12:25, 2/10/2017] Maíra: KKK eu tô de dieta!!!

[12:25, 2/10/2017] Noa: Eu quero entrar

[12:25, 2/10/2017] Maíra: Podemos ir pra algum lugar calmo...  
[12:25, 2/10/2017] Maíra: Café  
[12:25, 2/10/2017] Maíra: Chá  
[12:25, 2/10/2017] Maíra: Suco  
[12:25, 2/10/2017] Noa: Ok  
[12:26, 2/10/2017] Noa: Qualquer coisas dessas funciona para mim  
[12:26, 2/10/2017] Noa: Até mais  
[12:26, 2/10/2017] Noa: Bjs  
[12:26, 2/10/2017] Maíra: Até!!  
[12:26, 2/10/2017] Maíra: Bjo

### Anexo III: Transcrição Crua do Primeiro Momento de Noa

1	Maíra	então minha primeira pergunta é como é que foi sua
2		decisão é pela profissão professora
3	Maíra	como é que foi sua decisão pela profissão professora
4		
5	Noa	é não foi muito uma decisão porque pra mim era muito
6		complicado eu banca essa decisão eu eu eu na verdade
7		é eu reconhecer isso como uma decisão era uma coisa
8		que desde pequena eu brincava de dar aula de ter a
9		minhas, tinha diário de classe, xerocava prova dava
10		aula, tinha os meus alunos, fazia mapa de sala, era
11		realmente uma coisa que eu acho que eu queria ser,
12		mas num momento em que escolher ser professora era
13		muito não reconhecido, era pra pessoas que
14	Maíra	you sentiu isso dentro de casa assim na primeira
15		escolha
16	Noa	dentro de casa não porque eu nem levei essa
17		possibilidade pra dentro de casa porque eu acho que
18		no colégio que eu estudei era muito ah você vai fazer
19		direito, você vai fazer, eu me formei há sei lá há
20		quin... vinte e cinco anos atrás não sei quanto tempo
21		atrás não menos, mas numa época em que essas
22		profissões não eram muito.. as profissões novas né,
23		que não é o caso do professor, mas ser chefe ser
24		antropóloga, nada disso era muito possível, ninguém
25		falava a eu vou ser professora, não existia isso
26		porque as pessoas olhavam pra sua cara e falavam ué
27		mas a sua família tem escola? você vai morrer de
28		fome? mas como é isso? então pra mim foi muito
29		difícil reconhecer, chegar nesse reconhecimento da
30		minha vontade, mas eu acho que ela sempre existiu,
31		eu comecei a ser professora quando eu tinha 17 anos
32		eu fui trabalhar no curso coo professora de inglês
33		então é
34	Maíra	então é antes da formação?
35	Noa	totalmente antes da formação e quando eu entrei lá
36		eu tinha a dona do curso achava que eu tinha muito
37		jeito apesar de ter que melhorar no inglês, melhorar
38		em outras áreas, mas ela achava que eu tinha um bom
39		domínio de turma e tudo mais , eu era muito nova
40		tinha dezessete anos trabalhei lá dos dezessete aos
41		vinte é e aí já tinha muito claro assim, lembro deu
42		voltando pra casa da primeira aula assim com um
43		sorriso e canto a canto da boca, com saudade dos meus
44		alunos tipo assim não acredito eu sempre tive vontade
45		de ser professora e aí mesmo depois do curso eu fui
46		morar fora, fui melhorar o meu inglês e tudo mais e
47		quando eu voltei eu entrei na faculdade pra fazer
48		letras e aí quando eu fui fazer letras eu não gostei
49		eu queria transferir pra psicologia e aí não tinha
50		aberto transferência interna de psicologia e eu mudei
51		pra pedagogia e quando eu lembro do primeiro semestre
52		que eu fiz de pedagogia eu falei perai mas estudar
53		pode ser bom,
54	Maíra	Risos
55	Noa	eu posso significar o que estudo eu posso gostar do
56		que eu estudo e eu lembro que eu fiz uma matéria da
57		professora x que era e eu tirei dez assim eu falei
58		caramba eu gosto agora eu me encontrei eu tô gostando
59		do que eu faço e aí fui morar fora, voltei voltei

60		pra pedagogia já tinha trabalho, sempre tive, sempre
61		trabalhei aí fui trabalhar na escola de educação
62		infantil, trabalhava com algumas turmas mas aí já
63		tava meio numa idade que eu acho que eu tava querendo
64		uma um reconhecimento maio da minha profissão pelos
65		outros eu acho que eu tava um pouco perdida e aí
66		comecei a ficar muito desgostosa da sala de aula tava
67		muito envolvida na academia queria fazer mestrado
68		pra antropologia, fazia pesquisa na antropologia da
69		educação a i comecei queria começar a seguir por esse
70		lado aí fiquei um tempo em crise porque não passei
71		no mestrado, fui pra parque trabalhei na parque e
72		aí
73	Maíra	sempre dando aula de inglês
74	Noa	sempre dando aula de inglês, sempre a aí voltou essa
75		história de início não fiquei ah não acho que não é
76		isso, acho que não é mais isso e aí voltou essa
77		história da aula, aí depois tinha a demanda de
78		dinheiro real né agora eu preciso de dinheiro eu
79		quero morar sozinha eu preciso me bancar como é que
80		eu vou fazer e aí eu comecei a dar aula particular
81		porque eu tinha muito preconceito com isso então eu
82		acho que eu sempre tive muito preconceito com a minha
83		profissão
84	Maíra	mas você acha que esse preconceito que você teve é
85		um preconceito social que você
86	Noa	eu acho que ele é um preconceito social no sentido
87		de uma falta de reconhecimento da profissão
88	Maíra	Hum hum
89	Noa	que é uma coisa que eu vivo ainda hoje, eu acho que
90		a gente tá passando um momento muito complicado
91		enquanto professor no lugar de professor porque você
92		já é enquadrado como de esquerda mesmo você sendo ou
93		não você eu acho que a gente tá sendo muito policiado
94		e eu acho que a gente tá num lugar muito vulnerável
95		hoje em dia
96	Maíra	e você acha que esse preconceito por você trabalhar
97		com criança é ainda maior, assim, você ser professora
98		ah coitada é professora agora você é professorzinho
99		de criancinha
100	Noa	pois é, então pra mim como eu comecei a trabalhar
101		com criança muito pequena e apesar de ter que ralar
102		pra reconhecer o meu é o meu valor a minha escolha
103		eu nunca tive essa questão com a criança, <b>Monica</b> , eu
104		pessoalmente, eu sempre achei que professor de
105		criança era um professor especialista era um
106		professor é tipo quando você dá aula pra criança de
107		dois anos você dá aula pra qualquer pessoa ,né
108		
109	Maíra	hum hum
110	Noa	eu sempre tive isso muito claro e quando as pessoas
111		vinham com essa história ah mas você dá aula pra
112		criança o que que você faz, você da aula pra criança
113		você ensina o que cat dog nanana, então eu falava
114		não eu ensino o que eu planejei, eu ensino
115		catterpillar eu não sei eu ensino o projeto que eu
116		tô trabalhando e ah e você mas você brinca não a
117		gente não brinca e aí eu transito com todos os meus
118		conhecimentos em relação a essa faixa etária né é
119		mas eu acho que existe essa esse preconceito, não
120		preconceito , mas essa discriminação um pouco de

121		achar que professor tá ali pra brincar com criança
122		pequena e eu acho que isso muda um pouco de figura
123		quando essas pessoa tem filho pequeno porque aí eles
124		se colocam numa posição de ir pra escola e escutar o
125		que a professora tem pra falar do filho dele
126		
127	Maíra	um hum um hum
128	Noa	e aí eles entendem que o que ela tão fazendo lá é
129		muito mais do que brincar com as crianças porque se
130		fosse brincar já tava ótimo né, porque o brincar é
131		muito importante mas a gente faz muita coisa né a
132		gente é esses primeiros anos ali são muito
133		importantes pra formação do ser humano né e da
134		criança pra consolidação de personalidade enfim mas
135		eu nunca tive isso e até quando eu entrei na puc
136		quando eu continuei de voltar de morar fora pra
137		trabalhar pra estudar na [REDACTED] a educação infantil era
138		colocada em um lugar de especialização então eu
139		sempre achei a educação infantil realmente uma
140		especialização é então eu nunca comprei esse
141		preconceito, eu até comprei outros, mas esse eu nunca
142		comprei sempre, eu sempre achei é
143	Maíra	válida é
144	Noa	não sempre achei primordial assim é o início de tudo
145		né e eu acho eu lembro dos meus professores eu
146		pequena sabe então é
147	Maíra	e de você começar do momento que você começou a dar
148		a sua primeira aula pra suas passagens por diferentes
149		momentos profissionais você tem um momento em que
150		você pontue assim aqui foi a minha escolha eu escolhi
151		ser professora
152	Noa	ah total, foi quando eu comecei a ganhar dinheiro,
153		porque o que que acontece é o dinheiro não veio só
154		como uma questão do dinheiro físico o dinheiro veio
155		como um empoderamento no sentido do que eu posso me
156		bancar com o que eu escolhi fazer porque eu acho que
157		a eu também desvalorizava muito a minha profissão
158		porque eu falava assim porra será que um dia eu vou
159		conseguir me bancar com o que eu faço e por eu não
160		valorizar, eu valorizava o que eu fazia eu era uma
161		boa profissional mas eu não valorizava do tipo assim
162		eu essa é a minha escolha eu não era uma coisa que
163		tinha acontecido meio assim meio assim eu nunca
164		banquei, eu fui bancar essa escolha acho que com uns
165		vinte e sete anos uns vinte e oito aí eu fui entender
166		porque eu fui morar em nova iorque que se eu não
167		tivesse morado lá eu não seria professora de inglês
168		
169	Maíra	um hum
170	Noa	eu fui entender tudo isso entendeu? e hoje em dia eu
171		tenho muito orgulho de ser professora muito e tanto
172		que quando as pessoas vêm pra mim com essa história
173		de escolinha eu falo escola porque eu e eu falo
174		porque não é legal falar escolinha né? tipo eu não
175		pergunto da sua empresinha tipo
176	Maíra	Risos
177	Noa	tipo eu sempre dou esse eu sempre tento
178	Maíra	(? esse)
179	Noa	eu puxo muito uma sardinha pro nosso lado da
180		educação, mesmo assim porque eu acho que as pessoas
181		são muito ignorantes né e eu acho que eu acho

182		professor muito pouco reconhecido a minha crise atual
183		é essa porque eu acho que a gente trabalha muito a
184		gente trabalha muito em casa e isso é tipo ok default
185		sabe mas você sabia que você ia ter que trabalhar em
186		casa mesmo ninguém levanta nenhuma bandeira pela
187		gente sabe assim, todo mundo passa em algum momento
188		ou muitos momentos por professores
189		
190		
191	Maíra	por professores
192	Noa	né? isso não é reconhecido quando eu digo do
193		reconhecimento não é reconhecimento assim assim ah
194		as pessoas acham que a minha profissão não vale a
195		pena não não é isso não mas assim gente olha como
196		esse país trata um professor
197	Maíra	um humum hum
198	Noa	é isso
199	Maíra	o reconhecimento político
200	Noa	é nesse sentido, exatamente
201	Maíra	econômico,
202	Noa	É
203	Maíra	é o valor da hora aula
204	Noa	ou do tipo assim eu não acredito que as pessoas acham
205		que elas tem o direito de mandar esse tipo de bilhete
206		para o professor ou fazer determinado apontamento
207		prum professor eu acho que as coisas tão muito sem
208		limite nesse sentido, não é? então eu fico achando
209		que as pessoas tinham que se mobilizar também pela
210		gente, por exemplo, essa questão do da paixão, ah tá
211		mas e porque que um médico não tem que ter paixão
212		pelo que ele faz por ele ganha dez, quinze, vinte
213		cem mil um milhão? por que que o engenheiro não tem
214		que ter paixão pra construir o prédio, então assim,
215		fica muito na conta da paixão do professor
216		
217	Noa	né? isso não é reconhecido quando eu digo do
218		reconhecimento não é reconhecimento assim assim ah
219		as pessoas acham que a minha profissão não vale a
220		pena não não é isso não mas assim gente olha como
221		esse país trata um professor
222	Maíra	um hum
223	Noa	esse salário baixo que a gente ganha, que num que,
224		se você for ver é em relação a hora/aula muitas vezes
225		não é um salário baixo comparado a outras profissões,
226		mas
227	Maíra	Sei
228	Noa	mas se você vê todo o trabalho que a gente tem
229		embutido e que muitas vezes não é contabilizado ele
230		acaba sendo menos porque a gente inevitavelmente tem
231		que trabalhar em casa, tem que planejar em casa
232	Noa	É o antes, o durante e o depois
233	Noa	é sempre a gente tá sempre em formação sempre em
234		formação
235	Maíra	sempre em formação
236	Noa	né você trabalha se você tem um comprometimento com
237		é a educação mesmo né? o que que você vai falar quais
238		valores você pode passar ou não né dentro de sala de
239		aula é então eu acho que é um trabalho que hoje em
240		dia eu gosto muito do que eu faço eu não sei se eu
241		me vejo fazendo uma outra coisa assim, na atual

242		circunstância tá difícil porque eu acho que com a
243		entrada dessas empresas na educação nesses grupos de
244		investimento na educação eu não sei como é que é que
245		isso vai ficar , eu não tenho um posicionamento
246		
247		(telefone toca)
248	Noa	em relação a isso
249	Maíra	ah ham
250	Noa	é eu acho complicado eu pessoalmente acho complicado,
251		mas eu não sei se algum dia vai trabalhar, quer dizer
252		atualmente eu até já trabalho
253		
254	Maíra	Risos
255	Noa	mas não foi uma opção
256	Maíra	é que aconteceu que você já estava
257	Noa	é aconteceu, é um lugar que eu admiro muito é um
258		lugar que eu queria trabalhar é um lugar que eu
259		encarei como uma reformação né? acho que a gente tá
260		sempre, mas eu acho que a gente é muito cobrada, eu
261		acho que a gente é cobrada por é
262	Maíra	você acha que a formação te prepara pra realidade?
263	Noa	Humm
264	Maíra	a formação de professor meio formal
265	Noa	muitas vezes não eu acho que existem eu acho que
266		tanto a faculdade quanto muitas reuniões de formação
267		elas tratam muito duma teoria e eu acho que tem muito
268		teórico que não entra em sala de aula, então por
269		exemplo, eu já tive situações tipo assim ah noa, você
270		falou assim com o aluno você fez isso, você fez
271		aquilo, e aí teve um dia que eu levei de volta pra
272		minha orientadora eu falei eu gostaria de saber o
273		que que vocês vão fazer pra gente lidar com essas
274		crianças? qual vai ser o tipo de formação que a gente
275		vai ter? e artifícios, eu quero que vocês me deem
276		artifícios de como lidar com essas crianças .
277		
278	Maíra	Hum
279	Noa	então vamo lá vamo lá disso porque senão fica muito
280		só na conta do professor , né? eu que que o professor
281		tá ali eu acho que por exemplo oito horas que você
282		dá aula por dia não equivale a um trabalho de oito
283		horas qualquer equivale a onze horas de um trabalho
284		qualquer e no caso eu também dou aula particular
285		então tem a minha locomoção, tem o meu lidar com os
286		pais, tem o meu cobrar , né? é nesse sentido é bom
287		porque eu dou o preço da minha aula quando eu quero
288		dar desconto eu dou, mas tem gente que quem quer
289		pagar paga quem não quer pagar não fica mas é bom
290		porque te dá uma sensação de poder mesmo de você
291		cobrar o quanto que você acha que a sua hora aula
292		vale
293	Maíra	um hum
294	Noa	né? é eu acho que a aula particular, eu tinha muito
295		preconceito com a aula particular também, porque eu
296		falava que eu vou fazer da vida vou ser uma
297		professora de aula particular de inglês, ou seja, eu
298		tinha muito preconceito com tudo relacionado a
299		educação eu tinha e eu só consegui
300	Maíra	de ser professor

301	Noa	e eu só consegui, e eu só consegui é ter uma plenitude
302		na minha profissão e consegui ganhar algum dinheiro
303		pra eu me bancar quando eu assumi e aceitei o que eu
304		sou
305	Maíra	um hum
306	Noa	entendeu? aceitar a minha escolha porque eu achei
307		que tinha sido uma escolha ah assim
308	Maíra	acidental
309	Noa	acidental e na verdade eu acho que não, não vejo
310		fazendo nada, não me vejo assim eu tentei trabalhar
311		em outras coisas quando me deu uma super crise, eu
312		tentei trabalhar com outras coisas é e eu tava assim,
313		não acredito que eu tô aqui há seis horas sem fazer
314		nada e aí eu tava conversando com uma amiga minha e
315		ela falou mas noa todo trabalho é assim, eu falei
316		não se você tá dentro de uma sala de aula e olha
317		cinco minutos pro lado a criança pode enfiar a mão
318		na tomada é uma adrenalina, você tá ali o tempo
319		inteiro ocupada, você tá ali o tempo inteiro fazendo
320		alguma coisa né, então assim quando você tá doente e
321		dá aula é muito difícil porque demanda, você tá
322		lidando com crianças que demandam né? hoje em dia a
323		gente tem uma quantidade de criança em ala de aula
324		que eu acho também complicado mas
325		
326	Maíra	muita criança pro pro
327	Noa	sim uma vinte vinte e cinco né? eu acho que
328		pra um professor e um assistente normalmente
329	Noa	um professor e um assistente, normalmente, quando eu
330		dou aula eu geralmente dou aula sozinha ou então tem
331		um assistente ali pra me ajudar numa escola, na outra
332		sou eu sozinha, mas são crianças um pouco mais velhas
333		é mas é difícil porque tem essa demanda de um como é
334		que você fala isso em inglês como é que fala isso
335		aqui como é que você nanana, ah porque ela não me
336		responde ah porque ela ...então assim, em essa
337		dificuldade, né?
338	Maíra	é intenso, o trabalho é intenso
339	Noa	é um trabalho muito intenso m é um trabalho que eu
340		gosto, eu acho na verdade eu vou falar por mim, eu
341		acho que que é o professor ele é um ser pedagógico,
342		na vida no dia-a-dia dele, entendeu? Eu acho que
343		muitas vezes a gente a gente a maneira com a que a
344		gente lida com os outros entendeu? muitas vezes ao
345		invés da gente é falar , dar uma resposta a gente as
346		vezes mostra um caminho, as vezes sabe, é bem, não
347		sei, pra mim, pessoalmente, as vezes é muito difícil
348		ver que uma pessoa tá num lugar batendo cabeça e eu
349		não conseguir ajudar, sabe assim, e muitas vezes eu
350		acho que é um ato pedagógico você virar e falar pra
351		pessoa até o eu não gostei disso, acho que isso não
352		foi legal acho que você pode fazer por aí, é coo se
353		você desse uma chance da pessoa refazer aquilo sabe,
354		eu chamo isso de ato pedagógico assim, uma coisa que
355		pra mim seria muito mais prático se eu pegasse e
356		fizesse ou se eu não falasse nada
357		
358	Maíra	am ham
359	Noa	mas é como se você acreditasse no potencial das
360		pessoas sabe então eu vejo isso um pouco no me dia-
361		a-dia

362	Maíra	dá chance dá coisa acontecer
363	Noa	é sabe eu acho que isso é uma coisa um pouco
364		professor
365	Maíra	você gostaria de falar mais alguma coisa
366	Noa	no momento eu tô assim...
367	Maíra	Risos
368	Noa	muito feliz bem resolvida com a minha escolha espero
369		que assim continue por algum tempo
370	Noa	risos é eu acho que , vou falar da profissão de, vou
371		falar em relação a profissão de professor de inglês
372		que eu acho as vezes muito solitária, eu acho que as
373		vezes as pessoas tem dificuldade de trocar, quando
374		você não tá numa instituição bilíngue né, eu sempre
375		trabalhei em colégios que não foram bilíngues então
376		eu era sempre a professora de inglês eu acho que tem
377		um pouco essa coisa da
378	Maíra	solidão
379	Noa	é porque e eu acho como você dá, no caso eu que dou
380		aula em escola eu acho que as vezes tem uma
381		dificuldade da instituição entender que tem coisas
382		que você não pode adaptar numa aula e inglês,
383	Maíra	tipo, diz
384	Noa	porque porque eu acho que as vezes eles tem pouca
385		empatia em relação a será que esse aluno não gosta
386		da aula porque não entende , sabe assim, de entender
387		que aquilo é uma língua diferente que aquilo ali pode
388		trazer um incomodo sim pra algumas crianças então
389		acho que fica simplesmente fica um lugar meio hiato,
390		sabe é uma aula de língua mas não é português e eu
391		quero que ela faça mas entende
392	Maíra	não tem muito tempo
393	Noa	não tem muito tempo, são só duas vezes por semana,
394		tem vínculo, mas não tem o vínculo do dia-a-dia, eu
395		quero que todo mundo faça, mas como é que seria isso
396		em inglês? será que funcionaria? será que esse menino
397		num tá gostando da aula porque ele não entende nada,
398		as vezes aparece isso, entendeu, tá então eu acho
399		que as vezes a escola coloca o inglês como uma
400		demandada dos pais , por uma demanda da família, ou
401		por uma demanda social, mas entende pouco
402		
403	Maíra	o que que é
404	Noa	a natureza da língua, duma língua inglesa pra criança
405		
406	Maíra	e de quais maneiras você tem pra ensinar essa língua
407		né, existem diferentes maneiras né? e qual a maneira
408		que você vai escolher, vai adotar, ou vai mesclar,
409		ou vai fazer
410	Noa	sim e aí é tipo a gente vai trabalhar festa junina,
411	Maíra	num dá pra trabalhar em inglês
412	Noa	ah a gente vai trabalhar floresta amazônica, ok dá,
413		dá pra trabalhar, mas tipo é saci Pererê
414	Maíra	são questões culturais que você num
415	Noa	então assim, as vezes é difícil nesse sentido né?
416		mas fora isso,
417	Maíra	estamos aí
418	Noa	é estamos aí vamos nos adaptando né

## **Anexo IV: Mapeamento Primeiro Momento Noa**

### **Mapeamento Entrevista Noa Kanu**

Inspirado pelo Apêndice de "You're Marked" de Kristin M. Langllier

#### **1. Consentimento**

#### **2. Decisão pela profissão professora**

- Não foi decisão, reconhecimento
- Brincadeira de criança
- Escolher ser professora é não reconhecido
- Dificuldade de reconhecer a vontade

#### **3. Formação**

- Início sem formação
- Sempre teve vontade de ser professora
- Morar fora melhorar o inglês
- Letras para pedagogia
- Posso gostar do que eu estudo
- Tirar dez me encontrei
- Sempre trabalhei
- Idade, reconhecimento profissão pelos outros
- Desgostosa da sala de aula
- Não passar no mestrado, em crise
- Sempre dando aula de inglês
- Demanda de dinheiro
- Aula particular

#### **4. Estigma**

- Preconceito com a sua profissão
- Preconceito social
- Falta de reconhecimento
- Momento complicado de professores
- Enquadramento político
- Policiamento
- Vulnerabilidade

#### **5. Professor de criança**

- Trabalho com crianças
- Professor de criança é professor especialista
- Trabalho com projeto
- Brincar com criança? Conhecimento
- Discriminação professor brincar com criança pequena
- Formação do ser humano
- [REDACTED] Educação infantil no lugar de especialização
- Primordial

#### **6. Profissão professora**

- Escolha de ser professora foi quando começou a ganhar dinheiro sentir empoderamento, eu posso me bancar com o que eu escolhi fazer - valorização

- Bancar - essa é a minha escolha
- Entender o morar fora entender
- Orgulho de ser professora
- Escolinha - escola empresinha-empresa educação
- Professor é muito pouco reconhecido
- Muito trabalho em casa default
- Ninguém levanta bandeira pelo professor, reconhecimento, olha como o país trata o professor
- Relações com professor sem limites
- Paixão pelo ensinar - porque o médico não tem paixão
- Salário baixo, h/aula, não é baixo comparado as outras profissões
- Sempre em formação, comprometimento com educação
- Trabalho, gosto do que faço

#### **7. O futuro da profissão**

- Entrada de grupos de investimento na educação, como vai ficar?
- Trabalhar em um lugar tocado por grupo de investimento
- Cobrança
- Formação muito teórica, teóricos que não entram em sala de aula
- Equivalência do tempo de trabalho
- O valor preço da sua aula - poder cobrar o quanto você acha que vale...
- Plenitude na profissão e dinheiro - assumir e aceitar o que se é
- Escolha accidental - na verdade não
- Tentei trabalhar com outras coisas, estar ocupada na sala de aula
- Crianças demandam - quantidade de crianças em sala de aula - complicado - pra um professor e um assistente, como é que...? como é que? Trabalho intenso

#### **8. O professor é um ser pedagógico**

- Maneira como a gente lida com os outros, dar uma resposta, ajuda com um caminho, atos pedagógicos - uma chance das pessoas se refazerem
- Ajudar uma pessoa é um ato pedagógico
- Acreditar no potencial das pessoas - uma coisa de professora
- Muito feliz, bem resolvida, espero que continue por algum tempo
- Professor de inglês é uma profissão muito solitária, dificuldade de trocas
- A professora de inglês na escola tem uma dificuldade da instituição entender a não adaptação - pouca empatia pra entender a diferença e o incomodo, um hiato. Pouca troca quando em uma instituição não bilíngue
- Escola coloca inglês por demanda social, mas entende pouco da natureza da língua
- A gente vai trabalhar festa junina em inglês
- Estamos adaptando sempre

## Anexo V: A primeira escolha de relevância para Noa Kanu

1	Maíra	então minha primeira pergunta é como é... que foi sua
2		decisão é pela profissão professora
3	Noa	é não foi muito uma decisão porque pra mim era muito
4		complicado eu ... bancá essa decisão eu eu na verdade
5		é... eu reconhecer isso como uma decisão era uma coisa
6		que desde pequena eu >brincava de dar aula, de ter a
7		minhas, tinha diário de classe, xerocava prova,
8		corrigia prova, dava aula, tinha os meus alunos, fazia
9		mapa de sala<era realmente uma coisa que eu acho que
10		eu queria ser mas num momento em que escolher ser
11		professora era muito <b>não</b> reconhecido, era pra pessoas
12		[que...]
13	Maíra	[você sentiu isso]
14		dentro de casa assim na [primeira escolha]
15	Noa	[dentro de casa não] porque eu
16		↑nem levei essa possibilidade pra dentro de casa porque
17		eu acho que no colégio que eu estudei era muito "ah
18		você vai fazer direito, você vai fazer"... eu me formei
19		Há sei lá há quin- vinte e cinco anos atrás não sei
20		quanto tempo atrás... não ↑menos, mas numa época
21		em que essas profissões não eram muito...>as né
22		profissões novas que não é o caso do professor< mas
23		ser chefe, ser antropóloga, nada disso era muito
24		possível, ninguém falava "ah eu vou ser professora",
25		não ↑existia isso porque as pessoas olhavam pra sua
26		cara e falavam "ué a sua família tem ↑escola? você vai
27		morrer de ↑fome? mas como é isso? "então pra mim...
28		foi muito difícil reconhecer>chegar nesse
29		reconhecimento da minha vontade< mas eu acho que ela
30		sempre existiu eu comecei a ser professora quando eu
31		tinha dezessete anos eu fui trabalhar no curso de
32		inglês como professora de inglês então [é]
33	Maíra	[então é] antes
34		da formação?
35	Noa	↑totalmente antes da formação e quando eu entrei lá eu
36		tinha... a dona do curso de inglês achava que eu tinha
37		muito jeito apesar de ter que melhorar no inglês
38		melhorar em ↑outras áreas, mas ela achava que eu tinha
39		um bom domínio de turma e tudo mais >eu era muito nova
40		tinha dezessete anos<trabalhei lá dos dezessete aos..
41		vinte é e aí ↑já tinha muito ↑claro assim lembro d'eu
42		voltando pra casa da primeira aula assim com um sorriso
43		de canto a canto da boca com saudade dos meus alunos
44		>tipo assim< não acredito "eu ↑sempre tive vontade de
45		ser professora" e ↑aí mesmo depois do curso de inglês
46		eu fui morar fora fui melhorar o meu inglês e tudo mais
47		e quando eu voltei...eu entrei na faculdade pra fazer
48		letras e aí quando eu fui fazer letras eu não gostei
49		eu queria transferir pra psicologia e aí não tinha
50		aberto transferência interna pra psicologia e eu mudei
51		pra pedagogia e quando eu lembro do primeiro semestre
52		que eu fiz eu falei ↑perai mas estudar pode [ser bom]
53	Maíra	[hh]
54	Noa	eu posso significar o que estudo eu posso ↑gostar do
55		que estudo e eu lembro que eu fiz uma matéria da

56		professora A que era é aí eu tirei ↑dez eu assim eu
57		falei ↑caramba faço... e gosto agora eu me encontrei
58		eu tô gostando do que eu >aí fui morar fora voltei
59		voltei pra pedagogia já tinha trabalho< sempre tive
60		Sempre trabalhei aí fui trabalhar na escola de educação
61		infantil, trabalhava com algumas turmas, mas aí já
62		tava ↓meio ...que numa idade que eu acho que eu tava
63		querendo que eu acho que uma um reconhecimento maior
64		da minha profissão pelos outros eu acho que tava um
65		pouco perdida... e aí comecei a ficar ↑muito...
66		desgostosa assim da sala de aula >tava muito envolvida
67		na academia queria fazer mestrado pra antropologia
68		fazia pesquisa na antropologia da educação<queria
69		começar a seguir por esse lado aí fiquei um tempo em
70		↑crise porque não passei no mestrado... fui pra outra
71		escola trabalhei lá e aí...
72	Maíra	sempre dando aula de inglês?
73	Noa	sempre dando aula de inglês, ↑sempre, a aí voltou essa
74		história...de início não fiquei ah não acho que não é
75		isso, acho que ↓não é mais isso e aí voltou essa
76		história do...da aula aí depois tinha a demanda de
77		dinheiro real né agora eu preciso de dinheiro eu quero
78		morar sozinha eu preciso me bancar como é que eu vou
79		fazer e aí >eu comecei a dar aula particular< porque
80		eu tinha muito preconceito com isso então eu acho que
81		eu sempre tive ↑muito preconceito com a minha profissão

## Anexo VI: A segunda escolha de relevância para Noa Kanu

1	Maíra	mas você acha que esse preconceito que você teve é um
2		preconceito ↑social que [você]
3	Noa	[>eu acho que] ele é um
4		preconceito social< no sentido de uma falta de
5		reconhecimento da [profissão]
6	Maíra	[humhum]
7	Noa	[que é uma coisa] que eu vivo
8		↑ainda hoje, >eu acho que a gente tá passando um
9		momento muito complicado enquanto professor< no
10		↑lugar de professor porque você já é enquadrado como
11		de esquerda mesmo:: você sendo ou não você::>eu acho
12		que a gente tá sendo muito policiado< e eu acho que a
13		gente tá num lugar muito ↑vulnerável hoje em dia
14	Maíra	e você acha que esse preconceito por você trabalhar
15		com ↑criança é ainda maior, assim, >você ser
16		professora< "↑ah coitada" é professora agora você é
17		↑professorzinho de ↑criancinha
18	Noa	pois é, então pra mim como ↑ <b>eu comecei</b> a trabalhar
19		com criança ↑muito pequena e apesar deu ter que ralar
20		pra reconhecer:: o meu... é o meu ↑valor a minha
21		escolha> <b>eu nunca tive</b> essa questão com a criança< Eu
22		noa eu pessoalmente, <b>eu sempre achei</b> que professor de
23		criança era um professor especialista era um
24		professor é::tipoquando você dá aula pra criança de
25		dois anos você dá aula pra qualquer pessoa, [né?]
26	Maíra	[humhum]
27	Noa	[É...]eu
28		<b>sempre tive</b> isso muito claro e quando as pessoas
29		vinham com essa história "ah mas você dá aula pra
30		criança?" o que que você faz, você dá aula pra
31		criança você ensina o que <i>cat dog</i> nanana então <b>eu</b>
32		<b>Falava</b> "não eu ensino o que eu planejei, eu ensino
33		<i>caterpillar</i> ,>eu não Sei< eu ensino o projeto que eu
34		tô trabalhando "e::"ah e:: mas você mas você
35		brinca?" "não a gente não brinca" e ↑ aí eu transito
36		com todos os meus conhecimentos em relação a essa
37		faixa etária né é::mas eu acho que existe essa
38		esse preconceito, não é preconceito, mas essa
39		discriminação um pouco de achar que professor tá ali
40		pra brincar com criança pequena e eu acho que isso
41		muda um pouco de figura quando essas pessoas têm
42		filho pequeno porque aí eles se colocam numa posição
43		de ir pra escola e escutar o que a professora tem pra
44		falar do [filho deles]
45	Maíra	[um hum um hum]
46	Noa	[e ↑aí eles] entendem que o que ela tão
47		fazendo lá é muito mais do que brincar com as
48		crianças>porque se fosse brincar já tava ótimo né?<,
49		porque o ↑brincar é muito importante, mas a gente faz
50		muita coisa né a gente é esses primeiros anos ali são
51		muito importantes pra formação do ser humano né e da
52		criança pra consolidação de personalidade enfim <b>mas</b>
53		<b>eu nunca tive isso</b> e até quando <b>eu entrei</b> na
54		universidade quando <b>eu continuei</b> voltei de morar fora
55		pra trabalhar pra estudar na universidade a >educação

56		infantil< ela era colocada em um lugar de
57		especialização então <b>eu sempre achei</b> a educação
58		Infantil realmente uma especialização é então <b>eu</b>
59		<b>nunca comprei</b> esse preconceito, <b>eu até comprei</b>
60		outros... mas esse <b>eu nunca comprei</b> sempre, eu sempre
61		[achei é...]
62	Maíra	[válida é]
63	Noa	[não sempre] achei primordial assim é o ↑início
64		de tudo né e eu acho eu lembro dos meus professores
65		eu pequena sabe então é
66	Maíra	e de você começar do momento que você começou a dar a
67		sua primeira aula pra suas passagens por diferentes
68		momentos profissionais você tem um momento em que
69		você pontue assim aqui foi a minha escolha eu
70		↑escolhi ser professora aqui
71	Noa	ah ↑total, foi >quando <b>eu comecei</b> a ganhar dinheiro<
72		porque o que que acontece é o dinheiro não veio só
73		como uma questão do dinheiro físico <b>o dinheiro veio</b>
74		como um ↑empoderamento no sentido do que ↑eu posso me
75		bancar com o que eu escolhi fazer porque eu acho que
76		<b>eu também desvalorizava</b> muito a minha profissão
77		porque <b>eu falava</b> assim "porra será que um dia eu vou
78		conseguir me bancar com o que eu faço? "e por eu não
79		valorizar <b>eu valorizava</b> o que eu fazia <b>eu era</b> uma boa
80		profissional mas <b>eu não valorizava</b> >do tipo assim< eu
81		essa é a minha escolha <b>eu não era</b> uma coisa que tinha
82		acontecido meio assim:: meio assim <b>eu nunca ↑banquei</b> ,
83		eu fui bancar essa escolha acho que com uns vinte e
84		sete anos uns vinte e oito aí que eu fui bancar essa
85		escolha ↑aí eu fui entender >porque <b>eu fui</b> morar em
86		nova iorque< que se <b>eu não tivesse</b> morado lá <b>eu não</b>
87		<b>seria</b> professora de[inglês]
88	Maíra	[um hum]
89	Noa	[eu fui::] eu fui entender tudo isso entendeu? e hoje
90		em dia eu tenho muito orgulho de ser professora
91		↑muito e tanto que quando as pessoas vêm pra mim com
92		essa história de escolinha eu falo "escola" porque eu
93		e eu falo "porque não legal falar escolinha né?" tipo
94		eu não pergunto da sua[empresinha >tipo<]
95	Maíra	[hh]
96	Noa	[eu sempre] dou esse:: eu puxo
97		muito uma sardinha pro nosso lado da educação ↑mesmo
98		assim porque:: eu acho que as pessoas são muito
99		ignorantes né e eu acho que é:: eu acho >o professor
100		muito pouco reconhecido< a minha ↑crise atual é essa
101		porque eu acho que a gente trabalha ↑muito >a gente
102		trabalha muito em casa< e isso é tipo <i>okay default</i>
103		Sabe mas você sabia que você ia ter que trabalhar em
104		casa mesmo ↑ninguém levanta nenhuma bandeira pela
105		gente sabe assim, todo mundo passa em algum momento
106		ou muitos momentos por Professores e isso ↑não é
107		reconhecido

## Anexo VII: Transcrição Crua do Segundo Momento de Noa Kanu

1	Maíra	veja aí o que é significativo do esqueleto narrativo
2		tipo cientista manipulando dados não quero isso
3		mostrar e pedir a sua opinião como um momento de
4		coautoria e você poder se colocar perante ao que foi
5		dito numa conversa sobre a entrevista uma proposta de
6		trabalho conjunto como uma atividade de cunho
7		exploratório a gente trabalhando juntas a entrevista
8		para você escolha o que é relevante por que é a sua
9		história assim eu acho uma posição mais humanizada
10	Noa	caramba leitura dos tópicos (pausa para leitura) hoje
11		em dia já leio como uma decisão mesmo que inconsciente
12		entendo que não foi decisão mas foi sim decidi fazer
13		pra pedagogia decisão mesmo que inconsciente
14		dificuldade de reconhecer a vontade surgiu antes
15		desta escola tive muito prazer fazendo o curso de
16		pedagogia mas tive dificuldade de reconhecer minha
17		escolha o que eu vou fazer não consegui me satisfazer
18		com essa escolha logo quando eu me formei quer dizer
19		como eu trabalhei como professora antes de me formar
20		eu ser só professora eu já vinha com essa bagagem de
21		professora eu pude me transformar em professora
22		pesquisadora por que quando eu decidi que eu
23		trabalhava numa pré-escola mas eu queria mais mas eu
24		não sabia o que que era eu mudei e eu virei uma
25		professora pesquisadora então eu não trabalhava mais
26		em sala de aula mas eu trabalhava com educação e pra
27		mim era muito bom só que aí eu fui entrando dentro do
28		campo da educação e antropologia e eu achei que o
29		campo da antropologia dialogava mais com a minha isso
30		de construção de mundo de visão de mundo de
31		construção de teoria e se eu tivesse que estudar
32		alguma coisa eu me basearia por referenciais
33		antropológicos e sociológicos muito mais do que outros
34		de repente por uma falta de conhecimento de outras
35		áreas mesmo dentro das áreas que eu trabalhei na
36		pedagogia essa foi a área que mais me encantou por
37		mais que eu sempre tenha sido professora de inglês o
38		fato de eu ter feito faculdade de letras antes de ter
39		feito pedagogia ter iniciado a letras mas não ter
40		continuado eu acho que muito de eu não ter continuado
41		a letras foi por não ter significado a letras como um
42		lugar onde eu pudesse aprender a dar aula sabe? eu não
43		consegui identificar no meu curso de letras eu não
44		consegui ver nenhuma semelhança com a minha prática
45		de sala de aula e quando eu entrei pra pedagogia eu
46		falei peraí gente que isso? é possível estudar alguma
47		coisa que eu goste? eu tô... isso tem tudo a ver com
48		essa prática de sala de aula não tem a ver mas
49		dialogava com o que eu fazia enquanto que com a letras
50		eu tava trabalhando tava estudando pra...
51		possibilidade de virar tradutora né? eu fazia com
52		habilidade de tradução só que até eu chegar lá eu fala
53		assim poxa eu tô estudando pra traduzir? eu não
54		alcançava naquela época o que que era a faculdade de
55		letras então eu tive dificuldade nesse sentido de
56		investir na letras né? como assim profissão
57		professora? ah com a idade o reconhecimento da
58		profissão professor pelos outros mais com o tempo?

59		então eu acho que aqui eu colocaria com o tempo e é o
60		que eu acho que foi muito importante pra mim não era
61		nem o reconhecimento profissão professor pelos outros
62		não por que eu acho que isso não chegou mas isso não
63		é uma coisa que eu espere hoje em dia eu acho que eu
64		tenho muito mais resolvido a minha a minha admiração
65		e a minha escolha hoje em dia pelo meu ofício isso
66		pode até mudar daqui um tempo - hoje em dia eu sou
67		muito encontrada tenho vontade de continuar nesse
68		campo eu gosto do que eu faço o fato de eu estar numa
69		escola nova em que eu tô aprendendo coisas eu acho que
70		ainda é uma trajetória de aprendizagem mas eu acho que
71		o foi primordial pra mim não foi a idade foi o tempo
72		e a o é o dinheiro eu não sei como eu posso falar isso
73		eu acho que o fato de eu conseguir ganhar um salário
74		satisfatório com a minha profissão fez também eu me
75		sentir valorizada eu comecei a criar depois de um
76		tempo eu comecei salário que eu queria chegar e i ia
77		tentando chegar nesse salário justamente por eu ser
78		professora de inglês e poder dar aula é fora do colégio
79		trabalho muito mas eu tenho um salário que eu acho
80		okay eu poderia ganhar mais assim eu poderia ganhar
81		mais assim eu gostaria de ganhar mais mas eu não
82		gostaria de ganhar o triplo do que eu ganho na minha
83		profissão fazendo o que eu faço eu não acho possível
84		eu entendo o teto da minha profissão eu acho isso
85		importante senão a gente sempre fica querendo uma
86		coisa que também é inatingível eu acho que a nossa
87		profissão tem um teto sabe e eu acho que tudo bem mas
88		eu gostaria de ter um salário melhor eu acho que a
89		gente ainda mesmo ganhando bem mesmo as vezes tendo
90		uma hora aula de professora particular boa eu acho que
91		esmo assim a gente ainda ganha pouco pro que a gente
92		faz eu acho a criar um artifício de que eu pudesse é
93		eu pensava num insatisfação com a sala de aula momento
94		de crise entrada da aula particular curinga nunca
95		deixei a escola importância do lugar da escola diálogo
96		metodologias trabalho de professores particular
97		solitário sempre quis estar dentro de instituições
98		pudesse dialogar com as questões da pedagogia
99		preconceito social estigma da profissão professor
100		momento complicado vendas das escolas movimento
101		pasteurizado da vida me tira o têsão metáfora da
102		cachaça com grupos que compram escolas agregando valor
103		capital cultural compra pra dar status a sua empresa
104		muito mais do que aquilo ser uma coisa em que você
105		acredita engraçado eu tinha feito uma leitura
106		completamente diferente desse momento político
107		complicado achava que fosse uma questão política mesmo
108		de ataque daquela questão do gênero dentro da escola
109		enquadramento político do policiamento do que se pode
110		ou não falar [falas entrecortadas] não mas é isso também
111		mas é isso também é isso sim acho que eu me perdi é
112		isso sim por que isso foi uma coisa que ficou muito
113		forte eu acho que é por aí nesse sentido mas também
114		como a gente tem vivido esse outro momento e eu acho
115	Noa	venda da escola que trabalho
116	Maíra	Professor esquerda caviar
118	Noa	qualquer colocação do professor ser muito
119		desvalorizada por saberem qual o potência lugar de

120		poder do professor exemplo de atos políticos na
121		instituição de trabalho tramp e trump é a mesma coisa
122		atitude desrespeitosa posicionamento legal
123		policiamento vulnerabilidade respeito às diferença so
124		que pais vão pensar incluir no currículo os excluídos
125		não significa se posicionar por um lado ou por outro
126		de partido político significa somente incluir o que
127		você deve fazer por legislação e eu acho que a gente
128		inclui muito pouco pouco repertório e apresenta pouco
129		posição política devida será que escrevo isso ou
130		aquilo meu trabalho então vambora formação do ser
131		humano formação da criança 0-7 anos nessa idade de tudo
132		bem uma escola qualquer mas quando fizer 7 anos quero
133		colocar no CSA CSI só pereira teresiano educação
134		infantil tem um lugar de especialização e eu não tenho
135		essa formação mas mas não é qualquer trabalho quando
136		eu leio isso parece que eu fiz isso eu fiz pós-
137		graduação em mídia educação conversa sobre como
138		professor de criança é professor especialista sinto
139		falta na minha formação de ter matérias de educação
140		infantil eu tinha de empírico de experiência e o que
141		eu considero minha formação fato de conseguir ganhar
142		dinheiro fez me constituir quem eu sou fez eu poder
143		ser quem eu sou quem eu gostaria de ser quem eu queria
144		ser eu queria morar sozinha eu queria poder
145		eventualmente viajar eu queria poder me bancar com meu
146		dinheiro era isso então é eu acho que o dinheiro tem
147		esse lugar de deu me fazer independente sabe? é isso
148		de eu conseguir conquistar minha independência eu
149		sozinha sem marido eu não preciso eu não contava com
150		o salário do meu marido o eu salario não era o segundo
151		salário da casa. ele era O salário da minha casa por
152		que ele era o meu eu era sozinha e eu acho que tem
153		muita professora que é o segundo salário que as vezes
154		eu falo entre aspas que é pra comprar o Modess e o
155		desodorante entendeu pra pagar a depilação e a unha
156		pra ficar bonitinha pra comprar bolsa de grife às
157		vezes ou sim mas aquela coisa assim aquele salário que
158		é seu
159	Maíra	que é so pra você
160	Noa	que é seu e que você ganha tão pouco que o que você
161		vai pagar dentro da sua casa
162	Maíra	num dá
163		entendeu? não vive dentro do salário da escola que te
164		paga por que a escola que te paga quer um professor
165		que viaje que conheça museu que tenha um capital
166		cultural que esse valor que eles pagam não te
167		possibilita ser isso acho que eu tenho muito orgulho
168		de ter conseguido me bancar por que eu acho que eu
169		saio duma coisa que eu critico muito que a escola
170		tanto de educação infantil quanto de fund 1 ela é
171		basicamente composta por mulheres e muitas vezes essas
172		mulheres ainda continuam num lugar de serem bancadas
173		pelo marido ou com salários significativamente mais
174		baixo que o do marido ou seja é uma mulher que com
175		aquele salario que ela ganha naquela escola muitas
176		vezes ela não se banca sozinha eu acho isso simbólico
177		mas isso me incomoda por que eu acho que quem forma
178		essas pessoas são mulheres que não são independentes
179		e eu acho isso complicado pro mundo entende? acho isso
180		muito significativo e isso me incomoda não adiante

181		você falar de feminismo enquanto você tá numa escola
182		ali criança não sabe o quanto você ganha mas qual é o
183		imaginário da criança em relação ao professor? que ele
184		é sempre pobre? como assim você viaja? como assim você
185		faz? como assim você tem? né? qual é o professor que
186		tem pelo trabalho dele? eu acho que você tem eu acho
187		que eu tenho não é muita gente que tem
188	Maíra	o que é se bancar?
189	Noa	independente da situação financeira da minha família
190	Noa	pra mim era sempre o eu eu quero eu quero morar sozinha
191	Noa	eu quero me bancar o \$ foi muito importante pra mim
192	Noa	nesse momento por que eu adorava o que eu fazia mas
193	Noa	eu não conseguia chegar a lugares que eu queria na
194	Noa	minha vida com a minha profissão então a partir que
195	Noa	era ter a minha independência financeira sempre foi
196	Noa	muito almejado pra mim então eu acho que a partir do
197	Noa	momento que eu consegui isso pra mim fechou entendeu?
198	Noa	tipo ó eu trabalho com o que eu gosto com as minhas
199	Noa	crises por que tem dias que você fala caramba e tem
200	Noa	momentos em que você fala tá difícil esse lugar ou
201	Noa	tá difícil esse momento na educação mas eu trabalho
202	Noa	com o que eu gosto e com o que eu trabalho eu tô
203	Noa	conseguindo me bancar eu acho assim tem uma
204	Noa	dificuldade do professor vou falar agora do professor
205	Noa	de inglês principalmente agora por a gente ser é risos
206	Noa	principalmente por a ser ser é dar aula particular eu
207	Noa	acho que a gente as vezes tem que ficar se reinventando
208	Noa	se reinventando eu tenho um cero fantasma as vezes
209	Noa	e se eu não tiver mais aluno particular e se eu não
210	Noa	what else what's next as vezes eu fico um pouco com
211	Noa	essas perguntas o que eu acho bom por que me leva a
212	Noa	lugares mas ao mesmo tempo eu falo assim pô relaxa
213	Noa	aí eu acho que é uma certa insegurança a gente é meio
214	Noa	freela né? eu no meu caso hoje em dia é o meu modelo
215	Noa	é eu sou bem freela e eu trabalho em duas escolas as
216	Noa	escolas elas me ocupam num lugar de formação num
217	Noa	lugar de troca e as aulas particulares elas me dão um
218	Noa	bom valor mensal né? eu gosto muito delas eu aprendo
219	Noa	com elas mas tipo e se eu não tiver tanto aluno
220	Noa	particular e se acontecer alguma coisa comigo e se?
221	Noa	então são coisas que as vezes eu penso e além disso é
222	Noa	what else? e aí o que que eu quero? esse modelo que
223	Noa	eu tô é ruim? não não é ruim eu continuaria com ele?
224	Noa	continuaria mas e que mais? e o que mais eu poderia
225	Noa	estudar? e que mais que eu poderia trabalhar? por ser
226	Noa	professora de inglês e trabalhar em escola e a escola
227	Noa	que eu trabalho não ser bilingue é isso significa que
228	Noa	de uma certa maneira eu estou sempre em segundo plano
229	Maíra	engraçado isso a gente falou da dificuldade da... de
230	Maíra	ter trocas
231	Noa	é eu sinto relação com professor sem limites
232	Maíra	professor tem que dar conta de todas as demandas
233	Maíra	questão de whats app você é sugado e available o tempo
234	Maíra	todo totalmente fora de lugar
235	Noa	tenho paixão mas acho que ela é usada de maneira
236	Noa	totalmente equivocada para desvalorizar o professor
237	Noa	ah pra o professores trabalhar ele tem que ser
238	Noa	apaixonado é por que apaixonado trabalha mais e ganha
239	Noa	menos por que já que é uma paixão um dom né? eu acho
240	Noa	que esse discurso é um discurso que politicamente
241	Noa	enfraquece muito o professores e eu acho que a gente

242		cai - eu não caio mas eu acho que muita gente cai
243		fácil nesse discurso por que ele é sedutor né? quem
244		não que estar apaixonado? eu sou apaixonada mas o fato
245		de eu ser apaixonada não dignifica que a minha h/a tem
246		que ser pouca baixa não significa que eu tenha que
247		estar ai a hora que você quer o tempo todo sem ganhar
248		eu sou uma professores horista se você precisa da
249		minha hora você me paga as simple as that ou se eu
250		quiser me colocar disponível por que eu acho que vai
251		ser interessante pra minha formação eu me coloco mas
252		sem ameaças eu acho que a gente sofre muita ameaça
253		principalmente professor de escola particular né? ah
254		você não fez ah você não vai? ah mas...? e essa coação
255		tem me incomodado demais e eu tô vendo a hora que eu
256		vou fazer a louca entendeu e vou falar por que eu vou
257		falar por que eu acho que é importante a gente se
258		posicionar mesmo abe? por que a gente não se
259		posiciona e eu acho que isso pra mim é um pouco a mais
260		assim eu acho que essa é o lugar que o professor ocupa
261		na sociedade de desvalor não é o lugar que eu dou ao
262		professor mas eu acho que como a sociedade vê o
263		professores então a gente é tão desvalorizado que
264		um diretor pode nos desvalorizar releitura de alguns
265		pontos completar sobre o que eu falo sobre o
266		pasteuriza do quem produz material pra professores é
267		pós-graduação que não está em sala de aula já há muito
268		tempo acho que fica uma distância enorme. fica na
269		teoria como a orientação pedagógica?
270	Maíra	crítica; o que você me traz? por que eu tenho que vir
271		com todas as práticas
272	Noa	é claro que um prof. tem que planejar aula mas ele não
273		ganha por isso? ele nunca vai ganhar por isso? é sempre
274		é semanal é pro resto da vida eu não acho certo a
275		gente não ganhar pra planejar eu acho que a gente
276		tinha que ganhar pra planejar
277	Maíra	volta de novo a questão do dinheiro
278	Noa	tá aparecendo aqui que eu sou rica risos
279	Maíra	mas foi falado nada foi criado tudo foi dito
280	Noa	então eu só queria que essa questão do dinheiro
281		aparecesse é muito como mas essa questão do dinheiro
282		é engraçado né? é como ela vai aparecer e o que vai
283		aparecer isso eu acho que é um dos grandes é é é
284		dificuldade de escolher o momento da transcrição por
285		que o que eu vou te pedir pra me dizer é assim: disso
286		tudo aqui que a gente falou e que você comentou o que
287		que você acha relevante pra entrar numa dissertação
288		eu não posso colocar tudo eu não tenho como colocar
289		tudo então esse momento que mistura profissão com
290		dinheiro o momento que mistura dinheiro com política
291		o momento que mistura formação com dinheiro com tempo
292		por que na verdade a gente não tem um discurso limpo
293		e organizado a gente vai falando e vai se
294		entrecortando pelo nosso discurso né;/ a gente não
295		consegue fazer essa não é uma palestra né não é uma
296		coisa preparada é uma coisa natural construída
297		socialmente o que a gente tá vivenciando aqui e o que
298		foi a primeira entrevista então não necessariamente
299		ele vai reaparecer ele vai aparecer ou não pode ser
300		que você escolha um momento que você acha que é
301		interessante e que não apareça nada sobre dinheiro

302	Maíra	o que você acha que é relevante vida social práticas
303		profissionais e pedagógicas que pode ser lido por
304		futuros professores dentro dessa área de linguagem
305	Noa	o que que eu acho? assim que aparece eu acho é assim
306		um achismo eu acho que isso aqui aparece muito a
307		dificuldade de reconhecer a própria vontade por isso
308		eu acho até que você tem essa proposta desse título
309		de caminhos tortuosos por um lado por que eu acho que
310		é difícil a gente bancar essa vontade de início então
311		eu acho que isso fez parte de mim e eu acho que isso
312		foi importante pra eu hoje é bater o pé e falar que
314		eu tenho orgulho do que eu faço mas assumir que eu
315		já não tive que eu tive dificuldade de assumir isso e
316		também não me culpar por que eu acho que é social então
317		eu acho que é a dificuldade de reconhecer a própria
318		vontade eu acho que nisso aqui (aponta para
319		mapeamento) aparecem duas coisas que perpassaram isso.
320		Por que? por uma má remuneração e por uma falta de
321		reconhecimento social são coisas que apareceram aí
322		muito fortes então eu acho que isso tem que entrar
323		tá? eu acho que é reconhecimento e valorização é aí
324		junto a isso se a gente tá falando por que aí eu acho
325		que tem essa questão do estigma né do preconceito com
326		a profissão eu acho que muito do comportamento dos
327		nossos alunos as vezes desrespeitosos é por que eles
328		não tem nem a empatia de e colocar no nosso lugar por
329		que eles nunca vão ocupar aquele lugar não que ser
330		professor eu não vou ser professor mesmo entendeu? é
331		então eu acho que é isso a falta de reconhecimento e
332		eu acho que a questão do dinheiro apareceu em vários
333		aspectos por que eu acho que o dinheiro ele conseguiu
334		dá conta dessa má remuneração então isso aqui já não
335		era mais uma questão né de reconhecimento da profissão
336		né? o dinheiro fez com que eu possa ser bem sucedida
337		financeiramente com o que eu escolhi fazer ah então
338		eu posso escolher isso eu posso legitimar essa minha
339		escolha né é então eu acho que o dinheiro ele aparece
340		num caminho ele não é o fim ele é um caminho ele é
341		importante mas ele é um caminho né? e o que eu acho
342		que a gente também o que eu acho que é importante
343		também a gente falar? é professor de inglês? né?
344	Maíra	minha história de ser professores de inglês e minhas
345		duas entrevistadas são professoras de inglês acho que
346		acaba sendo focado aí nessa
347	Noa	é e aí o que eu vou falar do professor de inglês que
348		eu acho importante assim o que que eu acho relevante
349		o que eu que seria relevante eu ler o que que eu acho
350		que eu me identificaria e o que que eu acho que seria
351		relevante
352	Maíra	dentro do que você própria colocou?
353	Noa	dentro do que eu própria coloquei? isso aqui tá sendo
354		uma sessão de análise risos eu acho que é essa questão
355		de eu me encontrar é na é me encontrar me assumir me
356		legitimar a minha escolha é eu acho que tudo que eu
357		falei escolinha empresinha é importante a gente
358		colocar o excesso do trabalho do professor fora do
359		ambiente horário de trabalho é uma recorrência não só
360		do professores de inglês mas do professor isso é uma
361		coisa que me incomoda um pouco eu acredito o seguinte
362		eu acredito que o trabalho quando a gente gosta do que
363		a gente faz ele não é pesado mas eu acho que fica

364		muito fácil a gente só trabalhar só falar de trabalho
365		só falar de aluno só falar de projeto e eu acho isso
366		pouco
367	Maíra	pra vida
368	Noa	pra vida e eu acho muito fácil a gente cair nisso
369		justamente por que a gente gosta do que faz entendeu?
370		isso né?
371	Maíra	vira uma cachaça
372	Noa	vira uma cachaça então chega uma hora assim na hora
373		que eu me vejo eu falo ihhh já tô falando de trabalho
374		de novo então assim e tudo bem a gente adora o que a
375		gente faz mas tipo assim e ver um filme? e ver? todo
376		o resto que demandando esse bom profissional que você é
377		significa que você também precisa fazer outras coisas
378		tá? então eu acho que a gente tá trabalhando muito
379		acho que isso é importante também colocar essa questão
380		do... deixa eu ir por aqui (se guiando pelo
381		mapeamento)é assim pra mim a formação de pedagoga foi
382		muito importante até por trabalhar em escola eu acho
383		que pra mim isso é um diferencial mas eu sinto falta
384		hoje em dia da formação de letras por ser professora
385		de inglês então é uma coisa que eu vejo um pouco
386		defasado na minha formação
387	Maíra	eu acho que a gente encontra bem uma opinião pessoal
388		mas eu acho que a gente encontra o pedagogo que sente
389		falta de letras e quem fez letras que sente falta da
390		pedagogia
391	Noa	exatamente - eu acho que é isso
392	Maíra	acho que são duas formações que poderiam ter uma
393		conversa maior
394	Noa	eu também acho
395	Maíra	ou melhor num sei
396	Noa	então assim hoje em dia eu sinto um pouco mais dessa
397		falta eu gostaria de ter um pouco mais de repente eu
398		tenho idealizado isso mas na época em que eu estudei
399		letras eu não consegui ver por aí e também não me
400		arrependo de ter estudado pedagogia acho que tem mais
401		a ver comigo e com o momento com o meu momento é esse
402		preconceito com a profissão na verdade eu não acho que
403		é o preconceito o que eu acho que é mais importante é
404		falar sobre essa falta de reconhecimento eu acho que
405		esse momento político eu não sei se eu...eu não sei
406		se eu falaria do momento político mas eu acho que hoje
407		fica aí uma interrogação pra a compra das escolas eu
408		acho que isso é uma coisa eu acho que isso é uma
409		tendência que vai mexer muito com a gente eu acho que
410		vai mexer muito com a sociedade em geral e a gente não
411		sabe ainda o que tá por vir é eu sinto também
412		importante falar do policiamento por que hoje tá mas
413		eu não sei se é tão relevante mas eu acho esse
414		policiamento é como se o professor é como se os pais
415		quissem controlar o que o professor fala pro filho
416		deles entendeu? eu acho que isso também tem a ver com
417		o enfraquecimento com o desrespeito e com falta de
418		reconhecimento do trabalho profissional que tá ali e
419		sabe o que faz e sabe o que pode falar e o que não
420		pode falar é em relação ao professor de criança eu
421		continua achando que o professores de criança é um
422		especialista sim eu acho sempre vi como um como um
423		professores assim especialista um professor especial
424		um professor dotado de um pouco a mais eu tenho uma

425		amiga que tá fazendo um trabalho uma tese de mestrado
426		que é como se fosse esse dom que o professores de
427		educação infantil tem que ter que é uma coisa que vem
428		dele que não vem da formação só aquela coisa de saber
429		dar o colo de saber de ter aquela sensibilidade a
430		mais que o professor de criança precisa ter é orgulho
431		de ser professora né eu acho que de repente isso pode
432		entrar como uma um orgulho crescente né uma conquista
433		de orgulho né por que eu acho que é importante isso e
434		essa história da paixão também eu acho importante por
435		que dessa paixão desvalorizada né não dessa paixão que
436		a gente tem
437	Maíra	equivocada que você colocou bem
438	Noa	é entendeu não da paixão que a gente tem que a gente
439		sabe que a gente tem que a gente fica falando dessas
440		coisas que antes da gente começar a entrevista a gente
441		tava falando de educação entendeu? E quando você fala
442		ah eu vi um curso ah é então me passa ah eu tenho um
443		aluno ah eu fiz um num sei que dá gente ainda tá
444		encantada com isso né as é dessa paixão que eu acho
445		que desvaloriza a gente é.... eu acho que também o
446		que poderia entrar que eu acho importante é da
447		professora de inglês é o trabalho solitário professora
448		de inglês que trabalha em escola eu acho que é o
449		trabalho solitário por que assim você nunca é
450		prioridade quando você trabalha numa escola né
451		geralmente a prioridade é o currículo é a não ser que
452		essa escola seja bilíngue que aí é diferente e você
453		tá sempre indo ali você tá indo atrás você tá seguindo
454		então eu acho isso complicado né faz muito tempo que
455		eu não trabalho em curso então acho que quando você
456		trabalha em curso você tem outro lugar por que você é
457		professora daquele curso então tem que lidar com
458		aqueles professores e todos eles são importantes né?
459		mas acho que na escola isso fica um pouco complicado
460		eu vejo e aí em relação ao professores particular eu
461		acho ele solitário por que as vezes ele não tem muito
462		com quem trocar então eu acho que isso é uma questão
463		do professor assim pra mim é uma questão importante é
464		isso
465	Maíra	foi?
466	Noa	tadinha nunca mais vai me chamar pra porra nenhuma
467		risos
468	Maíra	foi não imagina foi só 52 minutos de entrevista
469	Noa	ainda tá?
470	Maíra	ainda tá gravando vou parar aqui deixa eu só ver se
471		tem mais alguma coisa? o que você gostaria de comentar
472		tá tá tá foi tudo check tá brigada
473	Noa	de nada

## Anexo VIII: Conversa por aplicativo de mensagens com Judith Tahan

Conversando com Judith

[19:34, 20/7/2017] Maíra:

Perguntei de você essa semana porque

😞 novamente😞

Minha dissertação mudou😞

Então agora estou fazendo umas entrevistas sobre formação/profissão professor

Não aguentei e não tive estrutura pra autobiografia 🤔

Enfim, minha pergunta: eu poderia fazer essa entrevista com você? Pode ser via skype ou similar eu posso encontrar com você onde for melhor. Em média tem tido duração de 20 a 30 minutos. Se for num café a gente aproveita pra por o papo em dia! 😊

Beijo gde!

[19:47, 20/7/2017] Judith: Oi Maíra, saudades! Obrigada pelo carinho. Pode me entrevistar sim. Prefiro um encontro. Ok?

[19:52, 20/7/2017] Maíra: Qdo é bom pra você?

[21:06, 20/7/2017] Judith: Estou de férias agora mas estou cheia de compromissos e consultas médicas...

[21:08, 20/7/2017] Judith: Talvez dia 27? Mais perto confirmamos?

[21:08, 20/7/2017] Maíra: Semana que vem estarei na AILA até às 18 mas quarta de tarde vai ser livre. 27 e 28 estarei em offsite com a escola. Mas pode ser 29 sábado?

[21:10, 20/7/2017] Judith: Vixi! 4a tenho que esperar a chegada de uma máquina de lavar no apto do recreio da minha mãe. Horário comercial de 9h às 18h...

[21:11, 20/7/2017] Judith: Esse sabado 22 pela manhã tipo café da manhã?

[21:11, 20/7/2017] Maíra: Pode ser um jantar de vovós, uma sopinha às 18:30?

[21:12, 20/7/2017] Maíra: Posso!

[21:12, 20/7/2017] Maíra: 22!

[21:12, 20/7/2017] Judith: De manhã?

[21:12, 20/7/2017] Judith: 5h.

[21:12, 20/7/2017] Maíra: 5 não 🤔

[21:12, 20/7/2017] Judith: Tô brincando ! 😊😊😊

[21:12, 20/7/2017] Maíra: 7

[21:12, 20/7/2017] Maíra: ?

[21:13, 20/7/2017] Judith: Tava brincando

[21:13, 20/7/2017] Maíra: 🤔 🤔 🤔

[21:13, 20/7/2017] Judith: Pode ser tipo 10h

[21:13, 20/7/2017] Judith: Ou 10h30

[21:13, 20/7/2017] Maíra: Pode ser antes, se você quiser... [REDACTED] sai cedo

[21:14, 20/7/2017] Maíra: A gente acorda tipo 8 no máximo

[21:15, 20/7/2017] Judith: 9h30?

[21:15, 20/7/2017] Judith: [REDACTED]? [REDACTED]?

[21:15, 20/7/2017] Maíra: Onde você preferir! 😊

[21:16, 20/7/2017] Maíra: Ótimo horário!

[21:16, 20/7/2017] Judith: [REDACTED] 9h30? Partiu?

[21:18, 20/7/2017] Judith: Obrigada pelo convite!

[21:24, 20/7/2017] Maíra: Fechado! Pode ser dentro ppr causa da gravação?

[21:27, 20/7/2017] Judith: Oh my! Gravação! Já tô nervosa...😓

[21:28, 20/7/2017] Judith: Pode ser dentro c certeza. Bjs

[21:29, 20/7/2017] Judith: Você não quer adiantar o tipo de pergunta que vai fazer p que eu possa me preparar? Vai perguntar sobre a minha formação como professora?

[21:47, 20/7/2017] Maíra: São basicamente 3 perguntas: Como se deu sua formação profissional? Como foi sua escolha de estar em sala de aula? Como você vê a profissão de professor no contexto da sua atuação?

[21:47, 20/7/2017] Maíra: Simples!

[22:03, 20/7/2017] Judith: Ok! Bjs

[17:11, 25/9/2017] Maíra: Oi querida! Queria marcar com você a volta da entrevista, um momento de coautoria e te apresentar o mapeamento da sua entrevista. Qdo podes? Acho que em 30 minutos a gente consegue. Bjo

[19:41, 25/9/2017] Judith: Vamos marcar sim. Esta semana não será possível infelizmente. QUE tal a próxima?

[19:42, 25/9/2017] Judith: Bjs😓

[19:49, 25/9/2017] Maíra: Me diga os horários que forem possíveis pra você q eu tento adaptar... Q tal?

[20:46, 28/9/2017] Judith: Oi maira, ainda não combinei c você porque tenho estado mega atarefada. Vamos ver se conseguimos nos ver na próxima semana. Bjs

[16:50, 29/9/2017] Maíra: Oi querida, vou te dar meus horários disponíveis pra você ver se encaixa. Na verdade essa seria uma conversa sobre o mapeamento da entrevista pra q a gente escolha juntas o q consideramos relevante pra entrar na dissertação, daí passo pra transcrição de dados e analise. Então acho q em 30/45 minutos conseguimos resolver. Só não dá pra ser no [REDACTED] porque ficou muito ruim o barulho no áudio. Bem veja se é BN possível pra você...

Seg entre 16:30 e 19:30

Terça entre 16:30 e 17:30

Quinta entre 15:30 e 20

Sexta após 18:30

Sab e Dom qualquer horário entre 8 e 20hs

[18:00, 29/9/2017] Judith: Ok! Vou olhar c calma à noite

[18:00, 29/9/2017] Maíra: 🙌😓

[18:19, 6/10/2017] Maíra: Oi querida, desculpa te incomodar de novo...😓

Alguma notícia ou possibilidade de encontrar esse final de semana? 😓

[18:22, 6/10/2017] Judith: Oi maira! Sorry... ainda não consegui ver... mto trabalho... vou ver agora

[18:24, 6/10/2017] Maíra: É q você q escolherá a parte a ser transcrita e analisada e eu precisava ter isso pronto até o final de outubro - no pressure. 😓Bem, qdo você puder me avise. Acho q em 30 minutos a gente resolve. Bjo

[18:38, 6/10/2017] Judith: Ok maira. Já te retorno

[20:30, 6/10/2017] Judith: Oi maira, você vai trabalhar na 6a? Podemos nos encontrar por exemplo às 10h?

[20:30, 6/10/2017] Judith: Sexta depois do feriado...

[20:32, 6/10/2017] Maíra: Perfeito! Onde é melhor pra você?

[20:32, 6/10/2017] Maíra: Sem ser no [REDACTED]...

[20:33, 6/10/2017] Máira: Se for bom pra você posso buscar ir na sua casa... Te receber aqui, enfim TD q possa facilitar pra você

[20:34, 6/10/2017] Judith: Pode ser no [REDACTED] aí perto da sua casa. O q você acha?

[20:35, 6/10/2017] Máira: Pode ser. Se estiver muito cheio a gente vai pro [REDACTED] ou no shopping... Combinado então! 6a 13/10 10hs [REDACTED]

[20:35, 6/10/2017] Judith: Ok! Bjs

## Anexo IX: Transcrição Crua do Primeiro Momento de Judith

001	Maíra	consentimento para a gravação
2	Maíra	queria que você me falasse como foi sua formação sua
3		escolha né como é que você escolheu a sua formação e
4		como foi esse percurso pra você?
5	Judith	minha formação como professora né?
6	Maíra	sua formação de faculdade e aí depois
7		seja ela qual for, entendi
8	Maíra	é seja ela qual for
9	Judith	então é pensei um pouco sobre isso que você tinha me
10		falado, então eu cresci com a minha mãe, minha mãe é
11		professora publica, ensino fundamental então eu
12		cresci com a minha mãe envolvida nisso de dar aula
13		pra cima e pra baixo né, então eu sempre tive a
14		
15	Maíra	ela dava aula de que?
16	Judith	ela dava aula de primeiro ao quarto ano né naquela
17		época, era professora de sala né, menos o ca , ca ela
18		até tentou mas ela não gostava, professora de sala
19		de aula e naquela época dava de tudo todas as
20		disciplinas então eu cresci com isso e eu sabia que
21		isso era uma profissão , essa profissão de professora
22		era uma profissão que eu não queria de jeito nenhum
23	Maíra	risos
24	Judith	né?
25	Maíra	porque? o que que te vinha que te incomodava? que te
26		afastava disso?
27	Judith	não sei eu acho que era a falta de prestígio mesmo,
28		eu via minha mãe muito dedicada muitíssimo dedicada
29		como eu sou e você sabe que eu sou é e eu via o
30		reconhecimento dela nas ruas com os alunos que vinham
31		e falavam com ela ah dona [redacted] eu lembro da senhora
32		, aluno que já era grande que ela foi professora
33		quando eles eram pequenos e via o reconhecimento
34		dela, mas n verdade, eu via que entre ela e meu pai
35		existia um um ? uma distância enorme na parte
36		financeira
37	Maíra	o que que seu pai fazia?
38	Judith	meu pai era gerente de trafego marítimo, mas ele foi
39		comandante de navio da marinha, mas não é marinha de
40		guerra não marinha mercante durante muitos anos então
41		isso tudo a gente morou fora porque ele foi gerente
42		fora e ele ocupava um cargo meio de diretor da da ele
43		trabalhou no [redacted] meu pai começou a trabalhar com
44		dezesseis anos, aí depois trabalhou na [redacted]
45		[redacted], ele tinha, assim, duas aposentadorias, na
46		época podia ter, e o salário dele, você via pelo
47		dia-a-dia, né que ele que sustentava tudo então, como
48		eu era muito ambiciosa eu sempre vi que ah é uma
49		profissão legar eu dava aula pras minhas bonecas e
50		tudo mais , mas não era uma profissão que eu queria
51		ter , é verdade que a minha mãe nunca reclamou não
52		ela sempre disse que se ela fizesse outra coisa ela
53		iria fazer a mesma coisa ela amava o que ela fazia
54		mas assim em termos salariais era impressionante a
55		diferença e aí quando eu saí do ensino médio né que
56		eu estudei no [redacted] do nono ano ao ensino
57		médio, eu falei eu pensei assim o que que eu tenho
58		forte português e inglês né eu gosto muito de ler

59		então vou fazer direito né , na minha cabeça eu
60		almejava uma carreira de direito internacional né com
61		toda aquela pompa e circunstância
62	Maíra	risos
63	Judith	eu era uma pessoa muito ambiciosa, hoje em dia eu não
64		acho que eu seja não é mas nessa época eu era demais,
65		de atropelar mesmo as coisas e as pessoas então eu
66		fui fazer direito na [redacted] que naquela época era
67		ahhh o curso de direito né aí fui fazer direito na
68		[redacted] e fiz também um estágio eu fiz estagio num
69		escritório de direito marítimo e detestei tudo,
70		detestei absolutamente tudo e aí no ano seguinte eu
71		fui fazer letras na [redacted] e amei , me encontrei e
72		falei essa é área que eu quero seguir mas em letras
73		você tem vários segmentos possíveis né e aí eu
74		descobri, quando eu estava lá porque eu não
75		conhecia descobri a tradução e falei essa é a minha
76		praia né? eu adoro dicionário e aí me formei com
77		bacharel em tradução e trabalhei comisso desde então
78		eu tive duas empresas de tradução trabalhei no
79		mercado como autônoma, trabalhei no mercado como
80		funcionaria e em outras coisas também e depois de
81		sei lá uns dez quinze anos de atuação no mercado eu
82		fui trabalhar, já no ano dois mil na
83		[redacted] né, que na época era
84		[redacted], né? e eu fui trabalhar lá e fiquei
85		lá uns dois anos e no que eu tava lá a [redacted] era
86		ali na praia de botafogo aí eu tava lá a e falei
87		porque não um y minha carreira eu fazer um plano b,
88		vai lá que a tradução não dá certo e eu ia fazer um
89		plano b que era fazer a complementação pedagógica né?
90	Maíra	que você não tinha feito
91	Judith	que eu não tinha feito e aí eu fiz ali na [redacted]
92		que é bem pertinho ali da [redacted] a noite né nessa
93		época eu já tinha as meninas, minhas duas filhas
94	Maíra	foi um plano b, mas não foi pensando estrategicamente
95		numa mudança de carreira
96	Judith	não, seria a segunda opção, vamos ver , porque eu
97		sempre gostei de estudar e eu e eu sou uma pessoa
98		muito inquieta eu não gosto de fazer a mesma coisa
99		sempre então eu pensava que eu sempre dei aula pra
100		todo mundo né? no ensino médio eu dava aula de
101		biologia geometria you name it eu dava aula pra todo
102		e qualquer um que quisesse eu ensinava alguma coisa,
103		eu dei aula de informática pra você ter ideia , eu
104		sempre na verdade fui uma professora e sempre neguei
105		isso é, bom aí fiz lá meu plano b no que eu terminei
106		a complementação pedagógica o que que acontece a
107		[redacted] essa empresa multinacional fechou ela teve
108		um escândalo de corrupção na empresa x empresa
109		americana e a empresa no mundo inteiro fechou, me
110		mandaram embora. eu fui demitida né? e eu tinha
111		acabado de fazer a complementação pedagógica e minhas
112		filhas pequenas né? aí eu falei tãã esse é o momento
113	Maíra	de dar uma guinada
114	Judith	dá uma guinada boa e trabalhar como professora pra
115		ver qual é né? meu marido tava estável no trabalho
116		dele e eu pensei assim totalmente na minha qualidade
117		de vida, trabalhar perto da minha casa porque eu já
118		trabalhei em vários locais muito longe, vou trabalhar
119		perto da minha casa e vou dar aula aí fui no [redacted]

120		e fui admitida né? porque mal ou bem eu tenho um
121		currículo em letras né? e eu tenho diplomas e
122		<b>Cambridge</b> né aí comecei, e aí me empolguei
123		completamente né? e aí invés de plano b passou a ser
124		plano a aa, né a mais, porque eu amei o que eu fazia
125		era perto da minha casa eu tinha o benefício de
126		conseguir levar e trazer minhas filhas pra escola né?
127		minhas filhas estudavam no <b>Marbon</b> , é um benefício
128		né e aí em dois mil e onze né? eu passei no concurso
129		de tradução juramentada porque nesse momento eu já
130		tinha meio que parado com a tradução né? aí resolvi
131		fazer esse concurso né que todo mundo que é da área
132		de tradução sabe que é O concurso né? aí fiz passei
133		a ter plano a, e plano a um, ou plano a um e plano a
134		dois risos que era pra complementar minha renda né?
135		que r fazer uma pergunta?
136	Maíra	você vê essa, essa, quando você foi pra sala de aula
137		né? por conta dessa interrupção que não foi uma
138		escolha necessariamente sua porque a empresa acabou,
139		mas você buscou escolher alguma coisa no sentido que
140		você acha que se encaixaria com o sentido do
141	Judith	é no sentido daquilo que eu tinha acabado de me formar
142		academicamente
143	Maíra	e aí essa essa como se dá essa volta assim? volta
144		volta pra tradução você sente alguma diferença com a
145		sala de aula, o seu ser professora, comparado ao seu
146		ser tradutora como é que isso funciona?
147	Judith	é como eu fiquei muito tempo no mercado de tradução
148		e depois fiquei muito tempo no mercado de dar aulas
149		né, de dar aulas de inglês, eu acho que eu passei no
150		concurso pra tradutor juramentado por causa claro que
151		todo o meu histórico né, minha experiência de
152		tradução, mas muito por causa das minhas aulas como
153		eu dava muita aula particular , né falava muito
154		inglês, não seis e eu já te contei isso, eu passei
155		porque quando você passa pro tradutor juramentado
156		você não passa só como tradutor, você também tem que
157		fazer, você também passa como interprete
158		juramentado e eu nunca atuei como interprete e eu
159		tive que fazer uma prova de interprete na qual eu
160		tirei nove, quer dizer eu nem atuava nisso, eu nunca
161		atuei nisso, então eu acho que uma profissão
162		complementa demais a outra porque eu tenho uma
163		bagagem muito forte né? tanto de português quanto de
164		inglês e a gente sabe que o professor de inglês tem
165		que né? interpretar aquilo que o aluno falou
166		né/? então eu interpreto talvez uma tradução que o
167		aluno faça né? de português para inglês então é uma
168		profissão completamente afim uma da outra
169	Maíra	você não vê um clash entre essas duas você vê mais
170		complementação?
171	Judith	muita complementação muita complementação uma ajuda
172		demais a outra até porque pra traduzir você as vezes
173		tem que explicar pro cliente porque que você optou
174		por aquilo então você precisa saber muita gramática
175		né? dos dois lados né? e aí começou a ser como eu te
176		falei o plano a um e a dois sendo que a tradução
177		passou a ser um pouquinho menor porque como
178		professor, professora né eu tinha um emprego né e
179		tradutor geralmente não tem empego mas é tem é como
180		complementação de renda é essencial né e foi isso

181	Maíra	e aí a gente volta a falar daquele ponto inicial da
182		não escolha da profissão professor justamente pela
183		questão financeira
184	Judith	sim e pela questão do desprestígio né?
185	Maíra	e esse desprestígio você acha que é o que? assim, é
186		uma coisa social, é uma coisa política?
187	Judith	então eu até tinha pensado nisso é eu acho que hoje
188		em dia eu me tornei especialista em educação infantil
189		né, que nem , não é nem fundamental né é educação
190		infantil então é eu vejo assim que que o lugar que
191		eu trabalho valoriza o meu trabalho e sabe que a
192		educação infantil é difícil de fazer, bom eu me acho
193		valorizada, eu acho assim que as escolas aqui na
194		zona sul que é o lugar que eu conheço valorizam sim
195		o professor dessa área mas o salário continua sendo
196		você sabe que você subindo na escala educação
197		fundamental aí vai pro ensino médio aí você já tem
198		um outro ganho né? nas escolas particulares e quando
199		você sobe então para o ensino superior tem
200		oportunidade de dar aula no ensino superior aí você
201		vê que, não sei se é o desprestígio eu acho que é um
202		desprestígio mas se o professor realmente quiser
203		ganhar mais ele vai ter que talvez, no meu caso por
204		exemplo talvez eu prefira dar aula de educação
205		infantil do que ensino superior mas a diferença
206		salarial é quatro vezes a hora aula cinco vezes a
208		hora aula entendeu
209	Maíra	é como se a valorização a valorização da educação
210		infantil é mais importante você prepara um aluno pra
211		prestar um exame pra universidade do que você
212		alfabetizar uma criança
213	Judith	com certeza
214	Maíra	o meu entendimento é esse, qual é a importância de
215		você trabalhar uma criança e trabalhar um... eu acho
216	Judith	eu acho que o leigo, o leigo né não como eu disse o
217		empregador um outro depende do empregador né? o
218		empregador que é pedagogo da área de educação ele
219		entende a sua função, mas um leigo, as vezes um leigo
220		nesse sentido da pedagogia é o próprio dono da escola
221		né, muitos deles continuam achando que a educação
222		infantil é você brincar com a criança em inglês, a
223		gente sabe que não é isso, não é um playground em
224		inglês então assim, eu me sinto prestigiada assim
225	Maíra	no seu fazer
226	Judith	no meu contexto, no meu fazer de trabalho, no meu
227		ambiente, mas eu ainda e eu me sinto super feliz eu
228		acho que eu sou privilegiada de fazer eu posso dizer
229		que faço o que gosto, eu só dou aula onde eu gosto,
230		e só trabalho com a tradução que eu gosto, então isso
231		é um privilégio né?
232	Maíra	e aí voltando pra sua formação então, você então um
233		tempo depois foi fazer o mestrado
234	Judith	é aí eu fiz o mestrado e novamente eu optei por fazer
235		, você vê que a minha formação é mais, minha formação
236		teórica ela é mais voltada pra tradução , mas aí eu
237		resolvi fazer o mestrado mas eu continuo achando que
238		várias cadeiras que eu peguei, várias disciplinas que
239		eu peguei em tradução tem muito a ver com a área de
240		educação né? e você sabe que no <b>anarbol</b> né? onde eu
241		trabalho e a gente faz sempre estudos, textos
242		teóricos, então eu diria que eu tenho

243	Maíra	tem uma uma formação continuada
244	Judith	sim, né, participação em congresso, a gente escreve
245		escreveu artigos, então eu tô muito envolvida com a
246		teoria da educação e agora mais ainda né? com a teoria
247		da tradução e eu gosto disso né? e aí eu meio que
248		abandonei um pouco essa coisa de querer ser ambiciosa
249		porque eu tenho a vida que eu quero né? num me
250		interessa muito trabalhar longe pra ganhar mais, ou
251		trabalhar em algo que eu não queira, porque eu
252		poderia por exemplo dá aula numa escola maior né? pra
253		ganhar mais, mas como eu tenho a complementação da
254		renda tenho um marido também que ganha bem né? não
255		posso deixar de falar né eu acho que a renda sua e
256		do seu marido é que faz né? eu me sinto bem com isso
257		mas agora eu voltei eu fiz o mestrado e me convidaram
258		pra dar aula na [REDACTED] ano passado aí foi sucesso
259		absoluto né? porque você unir uma pessoa que gosta
260		de dá aula e dá aula de tradução
261	Maíra	isso não te afasta do, você continua em sala de aula
262		você continua o seu fazer pedagógico, você continua
263		sendo professora
264	Judith	isso
265	Maíra	só que numa outra
266	Judith	isso numa outra esfera que é a esfera que eu atuo
267		digamos assim, plano a a dois né? porque eu não diria
268		nem mais que é b ,porque é bem paralelo mesmo, só que
269		eu não posso deixar uma coisa influenciar a outra né?
270	Judith	meu trabalho como professora eu não fico falando do
271		meu trabalho de tradutor, e vice-versa né? então esse
272		é, eu não posso deixar de fazer uma coisa como
273		professora que tem que fazer porque eu tenho que
274		atuar como tradutora , então geralmente eu elejo uma
275		que é a principal e o meu professor hoje em dia é a
276		principal, mas eu vejo que no futuro como eu tenho
277		esse veio de dar aula pra criança né ? eu vejo que
278		eu tô ficando um pouco velha, que a gente vai
279		envelhecendo, né? você perde a sua mobilidade
280		né? sua energia, então eu vejo como plano b quando
281		eu me aposentar ficar só com tradução, então eu meio
282		que caminho nesses dois mundos, mas como eu gosto de
283		desafios e gosto de coisas diferentes
284	Maíra	sei bem risos
285	Judith	eu por exemplo gostaria de fazer um doutorado em
286		educação
287	Maíra	gostaria?
288	Judith	gostaria, porque eu já fiz o mestrado em tradução
289		então eu gostaria de fazer um doutorado em talvez
290		pedagogia da tradução uma coisa assim, mas aí
291		envolve, como você sabe né? pra fazer o mestrado é
292		aquele parto né? o terceiro parto da sua vida, pelo
293		menos da minha né, porque eu tenho duas filhas,
294		porque você trabalhar, atuar como professora, atuar
295		como tradutora e ainda descolar um mestrado você
296		simplesmente se anula né? você não é mais uma pessoa,
297		você engorda você não tem tempo
298		pra? fazer uma ginastica, então imagina puxar um
299		doutorado disso
300	Maíra	e aí a gente volta também pra questão financeira
301		porque qualquer escolha que você faça é dentro dessa
302		necessidade né? a gente é horista né, a gente ganha
303		por aquele tempo de trabalho, então você investir na

304		sua formação profissional significa, como a gente tá
305		situada no setor privado de ensino, ninguém aqui tá
306		no setor público,
307	Judith	amham
308	Maíra	então quando você fez essa opção pelo setor privado
309		pelo seu conforto, por tá perto da sua casa, seja
310		qual for a escolha de estar no privado e não estra
311		no público você tem essa questão de abrir mão
312	Judith	sim
313	Maíra	da sua renda pra poder se formar
314	Judith	isso aí é muito difícil pra mim, né, porque aí vai
315		lá pra trás onde eu era ambiciosa e é muito difícil
316		abrir mão da minha renda porque eu não vou pedir pra
317		marido ficar pagando as minhas contas então é uma
318		coisa bastante complicada e aí que entra a minha
319		anulação porque eu continua fazendo a minha, eu não
320		vou, eu diminuo um pouquinho, como eu fiz no mestrado
321		eu tirei terça a tarde e quinta a tarde, mas eu
322		continuo com todo o resto, então eu diria que eu
323		tenho um salário legal
324	Maíra	amham
325	Judith	continuo com a minha supervisão completa, não posso
326		falhar, aí a tradução fica meio no final de semana
327		quando dá, então eu diminuo bastante a tradução, mas
328		diminuir a tradução quer dizer sair do mercado, sair
329		do mercado quer dizer que aquele cliente que te pediu
330		um serviço da próxima vez que ele te liga porque ele
331		gostou do seu serviço e você diz não
332	Maíra	é não liga mais
333	Judith	daí não funciona porque ele não vai ligar mais e não
334		vai falar pro outro né pode te ligar então eu fico,
335		é muito difícil estudar, se a gente tivesse no
336		público né e você continuasse recebendo tirasse uma
337		licença e continuasse recendo pra poder fazer seu
338		doutorado, seria o melhor dos mundos né?
339	Maíra	e você nunca pensou em fazer concurso público pra
340		professor?
341	Judith	eu não posso fazer um concurso público porque eu não
342		tenho licenciatura plena, eu tenho complementação
343		pedagógica, e eu não tenho nenhuma pretensão de dar
344		aula em ensino público, o que eu penso agora é talvez
345		fazer o doutorado pra fazer, pra poder fazer um
346		concurso
347	Maíra	universitário
348	Judith	pra aí universitário porque eu percebi que o salário
349		é realmente muito legal não é o que eu gostaria,
350		prefiro continuar com o ensino infantil né? dando
351		aula até o quarto ano, que é o <b>junior</b> , <b>junior high</b>
352		né?
353	Maíra	um hum
354	Judith	mas realmente como eu sempre vou moving on né? não
355		consigo ficar estacionada num lugar eu tô nesse
356		momento aí que eu não sei o que eu faço, eu sei que
357		o doutorado tem um nível de exigência né? que é muito
358		alto né? porque a gente não quer faltar aula, a gente
359		quer manter o nível dos trabalhos lá em cima, aí é
360		até uma coisa que eu queria conversar com você queria
361		que você me contasse também como é que é isso pra
362		você né, porque veja eu tenho cinquenta e um anos,
363		se eu for fazer um doutorado eu terminaria com 55,
364		aí ainda pra prestar um concurso público, acho que a

365		idade hoje não é uma questão como era antigamente né?
366		mas a verdade é que eu não vou aproveitar tanto assim
367		esse salário s é que eu consigo passar no concurso
368		né?
369	Maíra	e se é que esse salário é tão maior assim
370	Judith	se é que esse salário é tão maior assim, porque quando
371		você tá , o que eu vejo é assim, quando você tá no
372		ensino privado, é como a gente né? e a gente trabalha
373		com a classe alta da população né, a gente trabalham
374		em lugares e com pessoas que cobram mais dos alunos
375		e por isso talvez paguem melhor os professores né
376		porque se a gente for sair disso, cai muito né?
377	Maíra	um hum
378	Judith	e zona sul né, particular, zona sul
379	Maíra	zona sul, classe a né?
380	Judith	um hum e juntando a isso minha parte de tradução
381		talvez chega lá né?
382	Maíra	é
383	Judith	e eu ainda tenho o campo inexplorado que é o campo
384		da interpretação entendeu? eu posso invés de fazer
385		um doutorado
386	Maíra	você gostaria, você pensa nesse investimento da
387		interpretação profissionalmente?
388	Judith	eu já pensei né? é que também é uma coisa que falam
389		que dá muito dinheiro né? mas é tudo mito, na verdade
390		o esforço é enorme né, eu pensei bastante, mas agora
391		eu dei uma acalmada nesse sentido, mas eu não preciso
392		de uma formação pra atuar como interprete porque com
393		o título de interprete juramentada é só eu pegar a
394		primeira que alguém liga, ah faz um casamento de
395		fulano com ciclano, é só eu ir e fazer
396	Maíra	e você já teve essa demanda desse tipo de serviço?
397	Judith	já, já tive, mas eu neguei né, neguei por falta de
398		tempo, neguei porque eu sei que eu não tenho
399		experiência né porque no fundo eu sei que eu não
400		tenho né?
401	Maíra	risos acho que é isso, a gente falou um pouco da sua
402		formação é dessa questão de como você vê a profissão
403		professor na sociedade né? acho que é isso
404	Judith	é o que eu posso só complementar é dizer que eu acho
405		que o professor é como você falou do ensino
406		particular de inglês ele tem um amplo mercado pela
407		frente, se ele for bom, se for muito bom e excelente
408		eu acho que existe muitos espaços pra ele atuar não
409		é uma profissão que não tenha vaga, professor acho
410		que nunca vai ficar desempregado, porque se ele for
411		muito bom e excelente ele tem sempre emprego, mesmo
412		em crise, então é uma profissão boa né? porque tem
413		algumas profissões que por exemplo, você é engenheiro
414		você só quer começar com o salário lá de cima, não,
415		o professor ele tem sempre emprego, tudo bem que
416		talvez você tenha que baixar um pouco seu nível né?
417		numa questão de crise, mas sendo muito bom e
418		excelente a vaga é ampla agora a concorrência também
419		é ampla né?
420	Maíra	você acha que a gente tem é níveis né? você como você
421		trabalha com supervisão né e eu to olhando pra essa
422		questão da formação do professor, o que eu vejo é que
423		muitos professores que são professores de inglês, é
424		nesse cenário, né? porque quando você fala de
425		escolha você fala de uma necessidade de papel, né que

426		você tem lá o mec supervisionando e que você precisa
427		ter o papel do professor, a formação
428	Judith	sei
429	Maíra	e os professores que vão por esse início de curso de
430		inglês não precisa né?
431		
432	Judith	não precisa e muitas vezes
433	Judith	é por isso que a concorrência é enorme, mas aí o bom
434		professor que é tem essa formação
435	Maíra	ele não é necessariamente formado
436	Judith	não necessariamente assim como o tradutor, o tradutor
437		pode ser excelente e ser um médico, e não tem nada
438		demais eu acho que ótimo né? podem ter excelentes
439		profissionais
440	Maíra	mas você sente falta assim, no seu trabalho de
441		supervisora quando você tá orientando os professores
442		que você forma né? você forma os professores de
443		alguma maneira que não são professores ou que estão
444		professores enquanto
445	Judith	se eu sinto falta dessa parte acadêmica
446	Maíra	é
447	Judith	neles ou em mim?
448	Maíra	neles
449	Judith	sim, sim, sim, o que eu acho
450	Maíra	ou dessa falta de definição profissão professor,
451		porque eu vejo assim
452	Judith	sim
453	Maíra	eu só professor enquanto eu não sou ator
454	Judith	é que nem a secretária né, eu sou secretária enquanto
455		não pintar algo melhor... sinto sim, não sinto em mim
456		porque eu acho que apesar de não ter porque eu tenho
457		complementação pedagógica, porque a gente faz uma
458		série de estudos, eu tô sempre antenada acho que é
459		uma outra do profissional em geral ele tá sempre
460		estudando ele não pode parar de estudar né? em teoria
461		é essencial então eu sinto sim, por isso que agora a
462		gente tem os study groups né que é uma mistura de
463		teoria com prática até alguns falaram ah mas você tá
464		indo muito pra teoria eu não sei trabalhar sem
465		teoria, mesmo que eu não fale difícil ou não dê nomes
466		as pessoas, mas você tem que falar sobre a teoria do
467		ensino né, assim coo quando você faz tradução você
468		tem que falar sobre a teoria da tradução porque cada
469		opção de palavra na tradução tá embasada por um
470		teoria por um pensamento, se cada opção de atividade
471		em sala de aula tá embasada em uma teoria, porque
472		você vai fazer isso e não daquele outro jeito
473	Maíra	um hum
474	Judith	e as vezes você é engole sapo né, porque essa sei lá,
475		porque você faz alguma coisa, por exemplo, você
476		trazer um desenho pronto lembra quando a gente trazia
477		um desenho pronto pro aluno colorir porque não deixar
478		o desenho ser feito pelo aluno né isso tudo é embasado
479		em teoria
480	Maíra	sim
481	Judith	é embasado também, em experiência porque não adianta
482		nada você ler a teoria e ver que aquilo não funciona
483		na prática a teoria é essencial, é sim, eu sinto sim,
484		o que eu acho é que um profissional que não é dá
485		

486		área como no seu caso eu acho, mas você é formada em fisioterapia né isso
487	Maíra	a minha primeira formação foi fisio
488	Judith	você pode ser excelente, excelente profissional uma
489		excelente professora, mas você tem que também se
490		dedicar como você se dedica a parte teórica né e a
491		parte de experiência, mas a Maíra que é bióloga
492		imagino que ela tenha se dedicado também, outros
493		professores, a Maíra, que é formada em psicologia que
494		até é uma disciplina afim né?
495	Maíra	é humana né
496	Judith	é bem ligada então, mas eu sinto sim outras pessoas
497		que não tem comprometimento algum, que acham que
498	Maíra	que acham que dão aula, as não são professores
499	Judith	é fazem aquilo, você vê nitidamente quando vem te
500		reportar sobre o que fizeram em sala de aula são
501		pessoas que não tem a menor noção do que estão
502		fazendo, ah por exemplo um dos recursos né, é você
503		usar o recurso de tradução em sala de aula, professor
504		precisa tá sabendo porque que ele vai usar a tradução
505		quando ele vai usar e não simplesmente traduzir pro
506		aluno ou o professor, que dá aula particular, você
507		ouve bastante isso né, o professor falando, falando,
508		falando e a voz do aluno? ele fez algum curso pra
509		saber o que tá fazendo? ele pensou? ele refletiu?
510		sobre a prática pedagógica dele ? acho que não né,
511		porque ele não deixa o aluno falar?
512	Maíra	é complexo e aí são essas inserções profissionais de
513		que também o contrário acontece, que talvez um
514		professor de formação não consiga ter esse fazer
515		pedagógico crítico
516	Judith	não, também acho também acho
517	Maíra	né então o que eu penso hoje em dia
518	Judith	que não é aquele professor por vocação né e não tem
519		a reflexão, a criticidade, é, é eu acho que ela não
520		é necessariamente ligada a essa formação inicial
521	Maíra	não, não é
522	Judith	eu penso não sei se eu posso dizer isso que ela é
523		mais resultado de uma afinidade/habilidade
524		profissional e de uma escolha da sua ação, eu acho
525		que what it boils down to é que você tem que fazer
526		aquilo que você gosta e aquilo que você faz bem, só
527		assim, é isso que sempre falaram pra gente né?
528	Maíra	é
529	Judith	e só assim, você vai ter sucesso, e pode sim um
530		professor ter sucesso até financeiro eu acho que é
531		claro que eu acho que sim, que pode pode ser dono de
532		uma escola, pode ter um eu acho que tudo que você
533		quer, eu acho que você tem que fazer o que você gosta
534		buscar sempre se atualizar academicamente e não fugir
535		da academia, porque o professor precisa ser um aluno,
536		pra ele entender como é o outro lado,
537	Maíra	estar nesse lugar né?
538	Judith	estar nesse lugar
539	Maíra	é isso querida brigada

## Anexo X: Mapeamento do Primeiro Momento de Judith Tahan

### Mapeamento entrevista Judith Tahan

Inspirado pelo Apêndice de "You're Marked" de Kristin M. Langllier

#### 1. Consentimento

#### 2. Como foi sua escolha profissional / formação

- Cresci mãe professora pública
- Mãe envolvida em dar aulas 1o ao 4o ano, professora de sala de aula
- Sabia que era uma profissão que eu não queria de jeito nenhum por causa da falta de prestígio
- Via reconhecimento nas ruas, mas entre ela e meu pai existia uma distância enorme da parte financeira
- Pai comandante de marinha mercante, diretor, duas aposentadorias, salário do pai sustentava tudo

#### 3. Eu era ambiciosa, não queria isso pra mim

- Saí do EM, minhas forças eram o português e inglês, - vou fazer direito
- Era muito ambiciosa, eu atropelava as coisas e pessoas, fui fazer direito na [REDACTED], estágio em direito marítimo, detestei tudo

#### 4. Letras

- Fui fazer letras amei, me encontrei, descobri a tradução, adoro dicionários
- Me formei em bacharel em tradução, trabalhei em empresas, com autonomia, e como funcionária
- Decidi por um plano B - fazer complementação pedagógica na [REDACTED] sempre gostei de estudar, era um plano B, porque eu era sempre inquieta
- Sempre fui professora em diferentes momentos de vida e dei aulas particulares de todos os tipos

#### 5. Guinada

- Empresa fechou, fui demitida, tinha acabado de fazer a complementação pedagógica
- Momento de guinada, ser professora, trabalhar perto de casa
- Como tinha um bom Currículo fui admitida

#### 6. Professora e ...

- Amei o que eu fazia
- Benefícios
- 2011 passei no concurso de tradutora juramentada
- Passei a ter plano a1 e a2, complementar renda
- Volta pra tradução
- Ser professora VS ser tradutora
- Uma profissão complementa demais a outra
- Bagagem forte nas duas línguas
- São profissões afins, complementa a outra
- A tradução passou a ser menor, porque eu tinha emprego como professora apesar do financeiro e desprestígio

## 7. Hoje em dia

- especialista em educação infantil
- Trabalho valorizado, eu me acho valorizada, mas o salário continua sendo baixo
- Subida de carreira em segmentos na educação se quiser ganhar mais dinheiro tem que ir pra faculdade - 4/5 x a h/aula
- Empregador pedagogo entende a sua função
- Leigo continua achando que é playground em inglês
- Prestigiada, privilegiada
- Mestrado, formação teórica em tradução tem a ver com educação
- Estudamos no trabalho, formação continuada
- Teoria da educação e teoria da tradução
- Abandonei a ambição, porque tenho marido com renda e também a minha complementação
- Dando aulas na [REDACTED] de tradução após o mestrado
- Não posso deixar uma coisa influenciar a outra
- São dois trabalhos
- Elejo uma principal, o professor é principal

## 8. Futuro

- Velha para dar aula para crianças
- Plano b ficar só com tradução
- Gosto de desafios
- Gostaria de fazer um doutorado em educação ou pedagogia da tradução
- Investimento na formação - opção do setor privado - abrir mão da renda para poder se formar
- Difícil abrir mão da renda, salário legal, não posso falhar, tradução final de semana, sair do mercado
- Muito difícil estudar, licença no público
- Não posso fazer concurso público, não tenho licenciatura plena, concurso universitário, doutorado, talvez
- Momento não sei o que eu faço, tenho 51 anos, fazer doutorado? Concurso? Aproveitar esse salário?
- Zonal sul, particular, classe a
- Campo inexplorado - interpretação, falam que dá muito dinheiro, mito na verdade esforço enorme - Já posso atuar, sou intérprete juramentada

## 9. Formação de Profissão professor

- Complementar - ensino particular de inglês - muitos espaços de atuação, tem sempre vaga, se for muito bom e excelente tem sempre vaga, a vaga é ampla e a concorrência também
- Escola - papel - formação profissional
- Curso de inglês - não precisa de papel - grande concorrência - professor não é formado necessariamente
- Trabalho de supervisora - ser ou estar professora, profissão professor - eu sempre estudo, eu não sei trabalhar sem teoria do ensino, cada opção está embasada em uma teoria
- Por que assim e não de outro jeito? Se dedicar a parte teórica, comprometimento dos professores, sem noção do que estão fazendo
- Inserções profissionais também ao contrário - reflexão, criticidade, não ligada à formação inicial

- Fazer o que você gosta e fazer bem - só assim vai ter sucesso - até financeiro-ser dono de uma escola
- Professor precisa ser aluno

## Anexo XI: Transcrição da Primeira Escolha de Judith Tahan

1	Maíra	queria que você me falasse de como foi sua a sua
2		formação sua escolha né como é que você >escolheu
3		formação< e como foi esse percurso pra você?
4	Judith	minha formação como ↑professora né?
5	Maíra	sua formação de faculdade:: e [aí depois]
6	Judith	[seja ela qual for
7		entendi]
8	Maíra	[é seja ela qual for]
9	Judith	então é:: eu pensei um pouco sobre isso né que
10		você tinha me falado, então é:: eu cresci com a
11		minha mãe >minha mãe é professora pública< ensino
12		fundamental então eu cresci com a minha mãe
13		envolvida nisso de dar aula >pra cima e pra baixo
14		né< então eu:: sempre tive [a certeza]
15	Maíra	[ela dava aula de
16		que?]
17	Judith	ela dava aula de primeiro ao quarto ano né ca o ca
18		>naquela época< era professora de sala né, menos o
19		ela até tentou mas ela não gostava muito não
20		professora de sala de aula e naquela época >dava
21		de tudo né< todas as disciplinas então eu:: cresci
22		com isso e eu sabia que isso era uma profissão
23		>essa profissão de professora< era uma profissão
24		que eu ↑não queria de jeito nenhum
25	Maíra	Hhh
26	Judith	né?
27	Maíra	porque? o que que te vinha <que te incomodava> que
28		te afastava disso
29	Judith	não sei:: eu acho que era a falta de ↑prestígio e
30		mesmo eu via minha mãe muito dedicada ↑muitíssimo
31		dedicada como eu sou né e você sabe que eu sou é::
32		eu via o reconhecimento dela nas ruas com os alunos
33		que vinham e falavam com ela "dona maria eu lembro
34		da senhora" aluno que já era grande que ela foi
35		professora quando eles eram pequenos e via o
36		reconhecimento dela >mas na verdade< eu via assim
37		que entre ela e meu pai existia um:: um:: vácuo né
38		uma distância ↑enorme na parte financeira [é]
39	Maíra	[que que
40		seu pai fazia?]
41	Judith	meu pai era gerente de tráfego marítimo, mas ele a
42		foi comandante de navio da marinha >mas não é
43		marinha de guerra não< é marinha mercante durante
44		muitos anos então isso tudo a gente morou fora né
45		porque ele foi gerente fora e ele ocupava um cargo
46		meio de diretor da da ele trabalhou na empresa x
47		meu pai começou a trabalhar com dezesseis anos, aí
48		depois trabalhou na empresa x e na empresa y ele
49		tinha, assim, duas aposentadorias, na época podia
50		ter, e o salário dele >pelo que você via pelo
51		dia-a-dia<né que ele que sustentava <tudo> então
52		como eu era muito ambiciosa eu sempre vi que ah é
53		Uma profissão legal eu dava aula pras minhas
54		↑bonecas e tudo mais >mas não era uma profissão
55		que eu queria ter< é verdade que a minha mãe
56		↑nunca reclamou não ela sempre disse que se ela
57		fizesse outra coisa ela iria fazer a ↑mesma coisa

58		ela ↑amava o que ela fazia mas assim:: em termos
59		salariais era impressionante diferença ... e aí
60		quando eu saí do ensino médio né que eu estudei no
61		colégio a desde o nono ano ao ensino médio, eu
62		falei:: eu pensei assim >o que que eu tenho forte<
63		português e inglês né então vou fazer direito ↑né
64		na minha cabeça eu almejava assim uma carreira de
65		direito internacional né >com toda aquela pompa e
66		circunstância<
67	Maíra	hh
68		eu era uma pessoa ↑muito ambiciosa >hoje em dia eu
69		não acho que eu seja não<é:: mas nessa época eu
70		era demais de atropelar mesmo as coisas e as
71		pessoas então eu fui fazer direito na faculdade x
72		que naquela época era ↑a o curso de ↑direito né na
73		década de oitenta aí fui fazer direito na faculdade
74		a e:: fiz também um estágio eu fiz estágio num
75		escritório de direito marítimo e ↑detestei tudo
76		>detestei absolutamente tudo< e aí no ano seguinte
77		eu fui fazer letras na faculdade b e amei ... me
78		encontrei e falei essa é área que eu quero seguir
79		mas em letras você tem vários segmentos possíveis
80		né e aí eu descobri, >quando eu estava lá porque eu
81		não conhecia< descobri a tradução e falei "essa é
82		a minha praia né?" eu adoro dicionário e:: aí me
83		formei com bacharel em tradução e trabalhei com
84		Isso desde então né eu tive duas empresas trabalhei
85		no mercado como autônoma, trabalhei no mercado
86		como funcionária e >em outras coisas também<
87		e depois de sei lá uns dez quinze anos de atuação
88		no mercado eu fui trabalhar já no ano dois mil na
89		empresa de consultoria b que né que na época era
90		empresa de consultoria a né e eu fui trabalhar ↑lá
91		e fiquei lá <uns dois anos> e no que eu tava lá a
92		empresa era ali na praia de botafogo aí eu tava lá
93		né a e falei "porque não criar um y minha carreira
94		eu fazer um plano b, vai lá que a tradução não dá
95		certo e eu vou fazer um plano b que era fazer a
96		complementação pedagógica [né]
97	Maíra	[que você não tinha
98		feito]
99	Judith	[que eu não tinha feito] e::>aí eu fiz ali na
100		faculdade c que é bem pertinho ali da empresa a
101		noite né >nessa época eu já tinha as meninas
102		<minhas duas filhas [foi difícil]
103	Maíra	[foi um plano b] mas não foi
104		pensando estrategicamente numa mudança de carreira
105	Judith	não:: seria uma segunda opção vamos ver:: >porque
106		eu sempre gostei de estudar né< e eu e eu sou uma
107		pessoa muito ↑inquieta eu >não gosto de fazer a
108		mesma coisa sempre<então eu pensava que:: eu sempre
109		dei aula pra todo mundo né? no ensino médio eu dava
110		aula de biologia geometria >you name it< eu dava
111		aula pra todo e qualquer um que quisesse eu
112		↑ensinava alguma coisa, eu dei aula de informática
113		pra você ter ideia , eu ↑sempre na verdade ↑fui uma
114		professora e sempre neguei isso né:: bom aí >fiz lá
115		meu plano b<no que eu terminei a complementação
116		pedagógica o que que acontece a empresa a essa

117		empresa ↑multinacional fechou ela teve um
118		escândalo de corrupção nos estados unidos a empresa
119		era americana e a empresa no mundo inteiro ↑fechou
120		... >me mandaram embora< eu fui demitida ↑né? e eu
121		tinha ↑acabado de fazer a complementação pedagógica
122		e minhas filhas pequenas né aí eu falei "tã esse é
123		o momento de dar uma guinada boa e trabalhar como
124		professora vou ver qual é"

## Anexo XII: Transcrição da segunda escolha de Judith Tahan

1	Judith	é o que eu posso ↑só complementar é dizer que eu
2		acho que o professor <b>de</b> é como você falou do ensino
3		<b>particular</b> de inglês ele tem um amplo mercado pela
4		frente, >se ele for bom<, se for ↑muito bom e
5		excelente eu acho que existe ↑muitos <b>espaços</b> pra
6		ele atuar não é uma profissão:: que <b>não tenha vaga</b>
7		professor acho que ↑nunca vai ficar desempregado,
8		porque >se ele for muito bom e excelente< ele tem
9		↑sempre emprego, mesmo em crise, então é uma
10		profissão ↑boa né? porque tem algumas profissões
11		que por exemplo, você é engenheiro você <b>só quer</b>
12		<b>começar</b> com o salário lá de cima, não, o professor
13		ele tem↑ sempre emprego, tudo bem que talvez você
14		tenha que baixar um pouco seu nível né? numa
15		questão de crise, mas sendo muito bom e excelente
16		a vaga é ampla agora a concorrência também é ampla
17		né?
18	Maíra	você acha que a gente tem é:: <b>níveis né?</b> você como
19		você trabalha com supervisão né e eu tô olhando pra
20		essa questão da formação do professor o que eu vejo
21		é que assim muitos professores que são professores
22		de inglês é:: nesse cenário né? >porque quando você
23		fala de escola< você fala de uma necessidade de
24		↑papal né que você tem lá o mec supervisionando e
25		que >você precisa ter o papel do professor a
26		formação<
27	Judith	sei
28	Maíra	e:: os professores que vão por esse início de curso
29		De inglês ↑não precisam né? Não precisa e muitas
30		vezes
31	Judith	é por isso que a concorrência é ↑enorme, mas aí o
32		bom professor que é tem essa formação
33	Maíra	ele não é [necessariamente formado]
34	Judith	[não necessariamente] assim como o
35		tradutor o tradutor pode ser excelente e ser um
36		médico, e não nada demais eu acho que ↑ótimo né?
37		podem ter ↑excelentes profissionais
38	Maíra	mas você sente falta assim, no seu trabalho de
39		supervisora quando você tá orientando os
40		professores que você forma né? você forma os
41		professores de alguma maneira que não são
42		professores ou que estão professores enquanto
43	Judith	se eu sinto falta dessa parte acadêmica?
44	Maíra	é::
45	Judith	neles ou em mim?
46	Maíra	neles
47	Judith	>sim, sim, sim< o que [eu acho]
48	Maíra	[ou dessa falta de <b>definição</b> ]
49		profissão professor [porque eu vejo assim]
50	Judith	[sim]
51	Maíra	eu só professor enquanto eu não sou ator
52	Judith	é que nem a secretária né, sinto sim, eu sou
53		secretária enquanto não pintar algo melhor... sinto
54		sim, não em ↑ mim porque eu acho que apesar de não
55		ter >porque eu tenho complementação pedagógica<,
56		porque a gente faz uma série de estudos, eu

57		tô ↑sempre atendida acho que é uma outra do
58		profissional em geral Ele tá ↑ sempre estudando ele
59		não pode parar de estudar né? em teoria é
60		↑essencial então <b>eu sinto sim</b> , por isso que agora a
61		gente tem os <i>study groups</i> né que é uma mistura de
62		teoria com prática até alguns falaram ah mas você
63		tá indo muito pra teoria eu >não sei trabalhar sem
64		teoria<, mesmo que eu não fale difícil ou não dê
65		nomes as pessoas, mas você tem que falar sobre a
66		teoria do <b>ensino né</b> , assim como quando você faz
67		tradução você <b>tem</b> que falar sobre a teoria da
68		tradução porque cada opção de palavra na tradução
69		tá embasada por uma teoria por um <b>pensamento</b> se
70		cada opção de atividade em sala de aula tá embasada
71		em uma <b>teoria</b> porque você vai[fazer isso >e não
72		daquele outro jeito<]
73	Maíra	[um hum]
74	Judith	e as vezes você é:: engole sapo né porque:: essa
75		>sei lá<, porque você faz alguma coisa, por
76		exemplo, você trazer um desenho pronto >lembra
77		quando a gente trazia um desenho pronto pro aluno
78		colorir< porque não deixar o desenho ser feito <b>pelo</b>
79		<b>aluno né</b> [isso tudo é embasado em ↑teoria]
80	Maíra	[sim]
81	Judith	[é embasado também] em experiência porque não
82		>adanta nada você ler a teoria e ver que aquilo
83		não funciona na prática< a teoria é ↑essencial, é
84		sim eu sim o que eu acho é que um profissional que
85		não é dá área como no seu caso eu acho, mas >você é
86		formada em fisioterapia né isso?<
87	Maíra	a minha primeira formação foi fisio
88	Judith	você pode ser excelente, excelente profissional
89		uma excelente professora, mas você tem que também
90		se ↑dedicar >como você se dedica a
91		parte <b>teórica</b> < ↑né e a parte de <b>experiência</b> , mas
92		a X que é bióloga imagino que ela tenha se dedicado
93		também outros professores a Y que é formada em
94		psicologia que até:: é:: uma disciplina afim [né?]
95	Maíra	[é
96		humana né?]
97	Judith	[é bem ligada] então, >mas eu sinto sim< outras
98		pessoas que não tem comprometimento ↑nenhum, que
99		[acham a teoria]
100	Maíra	[que acham que] dão aula, mas não são professores
101	Judith	é:: fazem aquilo... você vê nitidamente quando vem
102		te reportar sobre o que fizeram em sala de aula
103		>são pessoas que não tem a menor noção do que estão
104		fazendo< nem porquê... ah >por exemplo um dos
105		recursos né, é você usar o recurso de tradução em
106		sala de aula< professor precisa tá sabendo ↑porque
107		que ele vai usar a tradução ↑quando ele vai usar
108		e <b>não simplesmente traduzir pro aluno</b> ou o
109		professor, que dá aula particular, você ouve o
110		bastante isso né,>professor falando falando
111		falando< cadê a voz do aluno? ele <b>fez</b> algum curso
112		pra saber o que tá fazendo? ele <b>pensou</b> ?
113		ele <b>refletiu</b> ? sobre a prática pedagógica dele?
114		> <b>acho que não</b> ↑né porque ele não deixa o aluno
115		falar<

116	Maíra	é complexo e ↑aí são essas inserções::
117		profissionais de que <b>também o contrário acontece</b> ,
118		que talvez um professor ↑de formação não consiga
119		ter esse fazer pedagógico [crítico]
120	Judith	[não, também acho também
121		acho]
122	Maíra	né então >o que eu penso [hoje em dia<]
123	Judith	[que não é aquele]
124		professor por vocação né
125	Maíra	e não tem a reflexão, a criticidade, é, é >eu
126		acho que ela não é necessariamente ligada< a essa
127		formação [inicial]
128	Judith	[não, não é]
129	Maíra	eu penso >não sei se eu posso dizer isso< que ela é
130		mais resultado de uma afinidade habilidade
131		profissional e de uma escolha da sua ação
132	Judith	eu acho que que <i>what it boils down to</i> é que você
133		tem que fazer aquilo que você gosta e aquilo que
134		você faz bem, ↑só assim, >é isso que sempre falaram
135		pra gente né?<
136	Maíra	é
137	Judith	e ↑ só assim você vai ter sucesso e pode sim um de
138		professor ter sucesso <b>até financeiro</b> eu acho que é
139		↑claro que:: >eu acho que sim que pode pode ser
140		dono uma escola pode ter< um:: eu acho que tudo que
141		você ↑quer, eu acho que você tem que fazer o que
142		você ↑gosta buscar <b>sempre</b> se atualizar::
143		academicamente e não <b>fugir</b> da academia, porque o
144		professor <b>precisa</b> ser um aluno, pra ele entender
145		Como é o outro lado.

## Anexo XIII: Transcrição Crua do Segundo Momento com Judith Tahan

1	Maíra	(momento inicial explicando o esqueleto
2		do mapeamento da entrevista segundo momento dados não
3		podem ser escolhas somente minhas)
4	Judith	caramba tá bom achei uma política muito ética
5	Maíra	senão fica aquela coisa de você fazer a manipulação
6		dos dados de acordo com o que você com o seu desejo
7		e eu acho que se eu tô falando de formação e a
8		formação que eu tô falando é a sua
9	Judith	Hum hum
10	Maíra	eu acho que fica muito mais interessante não sei se
11		é a palavra certa mas um uma coautoria
12	Judith	ah ham
13	Maíra	desse momento de escolha porque aí de fato s torna
14		mais relevante
15	Judith	Sei
16	Maíra	eu falar da sua formação através do seu olhar e do
17		que que você acha que é relevante
18	Judith	hum hum é porque na verdade é uma interpretação dos
19		dados né? que você pode interpretar de um jeito um
20		pouquinho ou muito diferente daquilo que eu disse
21		né?
22	Maíra	pra ser é o queque a gente tava falando a gente tava
23		falando de identidade de professor de formação de
24		professor de caminhos é não tão lineares dessa
25		formação então que você veja nisso o que de fato é
26		relevante pra você e aí isso era dentro vai praquela
26		tradução no modelo conhece aquele modelo que põe as
27		um modelo bem específico que eu posso te mostrar e
28		aí daí dentro do modelo eu tenho que usar o sistema
29		de coerência da linde
30	Judith	tá bom
31	Maíra	fica à vontade lê mas não precisa ler em voz alta lê
32		pra você se você quiser lê tudo e depois conversar
33		
34	Judith	mas dentro de cada item eu vou escolher o que é
35		relevante? não eu acho que dentro de um tópico achou
36		um dois ou os tópicos que você acha que seriam
37		relevantes pra você mas você vai falar de todos e
38		você só quer que eu ordene?
39	Maíra	não não
40	Judith	você só vai falar de um?
41	Maíra	eu não vou falar de todos é escolher é dois talvez
42		um ou dois momentos que você acha relevante dentro
43		de tudo que você falou
44	Judith	bom momentos relevantes pra minha formação como
45		professora pra minha atuação como professora
46	Maíra	não necessariamente relevantes pra você mas assim
47		numa dissertação que vai discutir formação de
48		professores identidade de professor é talvez estigma
49		num sei é mas dentro de uma perspectiva de história
50		de vida o que que você falou que acha que o que que
51		você falou que a gente conversou que você acha que
52		caí dentro disso
53	Judith	Hum hum
54	Maíra	e que seria relevante pra outras pessoas lerem por
55		exemplo

56	Judith	hum hum tá é não acho que eu claro vou dar a minha
57		opinião mas eu acho que a minha opinião pode estar
58		junto com a sua opinião porque afinal de contas você
59		tá escrevendo a dissertação e você tem uma linha né?
60		então também pode ter a ver com ah eu tô escrevendo
61		sobre isso e acho que isso seria relevante pro meu
62		trabalho não?
63	Maíra	mas aí fica uma escolha é
64	Judith	não eu dizer o que me interessa e você dizer dizer
65		não sei
66	Maíra	sim a gente pode conversar sobre isso
67		sua opinião hum hum mas o que eu queria ouvir assim
68		eu não tenho como colocar trinta minutos na verdade
69		foi quarenta e tantos minutos de transcrição
70	Judith	é porque eu já vi isso
71	Maíra	risos
72	Judith	ah ainda bem que aqui tem pouco (sendo irônica e
73		mostrando a quantidade de itens no papel)
74	Maíra	porque eu já botei tamanho dez mas não era pra
75		encurtar mais mas
76	Judith	ah hum
77	Maíra	então o que é relevante pra uma outra pessoa ler uma
78		outra pessoa que quer ser ou é professorou entender
79		sobre
80	Judith	de inglês como segunda língua
81	Maíra	ou ou como segunda língua ou o que que você acha que
82		os professores leriam quando você tá lá pesquisando
83		em um banco de dados uma dissertação que fala sobre
84		formação de professor
85	Judith	Hum hum tá bom
86	Maíra	de aparecer
87	Judith	então número um não tem nada o meu consentimento
88		pra gravação como foi sua escolha é acho que o número
89		dois não acho que não né vai vendo acho que não né
90		porquê... talvez dois itens que tenham a ver
91		né(risos)
92		
93	Maíra	ou qualquer outro comentário que você queira fazer
94	Judith	não esse aqui não eu não quis dizer isso (risos) não
95		acho que é isso mesmo mas é engraçado você ler sobre
96		você né?
97	Maíra	ou até não quero que isso entre me incomoda (pausa
98		longa enquanto faz a leitura)
99	Judith	claro que tem momentos de celular né?
100	Maíra	normal né fica à vontade se você tiver que atender
101	Judith	preciso atender porque pode ser alguma coisa
102		(gravação interrompida) por exemplo eu acho
103		interessante vou falar mais pra cá essa questão de
104		que eu desvalorizava a profissão e acabei me
105		encontrando na profissão mas isso é um apanhado de
106		um monte de coisas né?
107	Maíra	onde você vê isso presente aqui? por exemplo onde
108		você acha que
109	Judith	só olhando aqui a primeira página é nesse caso aqui
110		da ambição que eu acho que os jovens hoje tem isso
111		né e esse meu descaso com a profissão porque eu
112		vinha de um ambiente de muito estudo né estudo na
113		minha família e estudo meu né
114	Maíra	Hum hum

115	Judith	então eu queria alguma coisa que fosse risos maior
116		que o mundo que imbecil risos e na verdade não
117		é assim que a gente escolhe uma profissão né? a gente
118		escolhe uma profissão que vai nos trazer felicidade
119		completa né? satisfação completa como pessoa como
120		profissional né? então eu acho que tem a ver com eu
121		acho interessante as pessoas lerem porque eu acho que
122		muita gente deve se identificar com isso né? devem
123		pensar assim nossa não vou seguir essa carreira
124		porque essa carreira não vai sustentar minha casa e
125		hoje em dia eu vejo que há caminhos e posso ou podia
126		ter seguido nessa área profissional
128	Maíra	hum hum
129	Judith	professor profissional profissão professor profissão
130		professor que poderia sim carreira de professor uma
131		carreira acadêmica numa universidade que poderia sim
132		sustentar uma família e você sendo bom naquilo que
133		você faz é aquilo que você tem que fazer né?
134		
135	Maíra	hum hum
136	Judith	então acho essa parte interessante eu acho que gera
137		um apanhado aqui um hum da junção aqui de talvez o
138		três e o quatro e que eu só fui descobrir isso quando
139		eu tinha deixa eu ver minhas filhas nasceram eu tinha
140		uns trinta e cinco anos quando eu comecei a dar aula
141		não foi no curso? 2000 2002? minhas filhas já tinham 5
142		2003 2001? 2002 2003 por aí não sei se é 2001 2002
143		2003 por essa época (trinta médios né?) não consigo
144		entender tem quatorze anos de curso então 2001 faz
145		as contas aí sete oito 3 então mais ou menos essa
146		época na verdade eu entrei no curso e só fui descobrir
147		isso quando eu realmente comecei a
148		
149	Maíra	mas você entrou em 2001
150	Judith	num sei tem 14 anos mas quando eu fiz complementação
151		pedagógica eu não tinha certeza nem nem não sabia eu
152		fiz só pra ter o Y
153	Maíra	um plano
154	Judith	que eu sempre tive essa ideia de plano B C D aí eu
155		sempre gostei de estudar né e eu só fui realmente
156		realize perceber que eu era uma boa poderia ser uma
157		boa professora que eu realmente gostava muito disso
158		depois que eu dei assim uns três anos de aula no
159		curso eu acho que isso pode ser interessante né que
160		não é uma questão de ambição financeira é uma questão
161		que eu tinha uma ambição profissional intelectual e
162		financeira
163	Maíra	um hum
164	Judith	muito assim puxada pelo meu pai que dizia que eu
165		tinha que ser uma mulher independente eu tinha que
166		ter minha casa tanto que eu saí de casa com 24 anos
167		desde 24 anos que eu não moro mais com meus pais né?
168		só que a realidade do professor é diferente disso né?
169		se uma pessoa com muito estudo como eu né? acho que
170		eu fui privilegiada
171	Maíra	um hum
172	Judith	quantas pessoas estudam no [REDACTED] quantas pessoas moram
173		fora e tem oportunidade de estudar na [REDACTED] tem um pai
174		que meu pai não me dava tudo mas ele me dava qualquer
175		curso qualquer livro que eu quisesse
176	Maíra	um hum

177	Judith	tipo computador computador desde a década de 80 quem
178		tem isso né?
179	Maíra	num hum não
180	Judith	eu era privilegiada acho isso interessante agora vamo
181		ver aqui a segunda parte pausa de 12 segundos para
182		leitura de mapeamento por exemplo esse item aqui não
183		acho que você deve mencionar porque vai entendeu? não
184		acho que
185	Maíra	ah ham tá.
186	Judith	got it?
187	Maíra	got it.
188	Judith	pode provocar um...
189	Maíra	mas o nome não precisa ser o seu
190	Judith	ah tah
191	Maíra	você pode escolher um outro nome você pode também...
192	Judith	ah então
193	Maíra	minha outra entrevistada pediu pra mudar o nome
194	Judith	é?
195	Maíra	e eu vou tirar todos os nomes de universidade de
196		lugares de trabalho de tipo... que que você acha
197		disso?
198	Judith	Tipo o que eu tirar o nome?
199	Maíra	eu acho que se você se sente mais confortável
200	Judith	É porque você é uma pessoa dessa instituição né?
201		Porque você se (????) nesta instituição tá então me
202		sinto mais confortável também vou seguir a linha da
203		outra moça te coloca numa posição de não exposição
204		porque na verdade são duas professoras que foram
205		entrevistadas falando das suas trajetórias
206		profissionais
207	Maíra	aí dentro dessas trajetórias você não precisa
208		mentonar a universidade ou por exemplo fiz direito
209		na <b>uerj</b> eu vou tirar <b>uerj</b> fiz curso de direito na
210		universidade publica
211		
212	Judith	um hum não mas eu fiz o início
213	Maíra	sim mas assim
214	Judith	entendi entendi
215	Maíra	é por exemplo não colocar algumas coisas que eu tinha
216		colocado aí vi e tirei aí eu fiz complementação
217		pedagógica na <b>Santa Ursula</b> tirei o <b>Santa Ursula</b> fiz
218		complementação pedagógica na universidade
219	Judith	tá. tá bom
220	Maíra	então é é até por uma questão de ética da minha parte
221		de preservar a sua história
222	Judith	sim sim
223	Maíra	o que eu acho interessante é que a gente essa
224		valorização que você sente não necessariamente é
225		atrelada ao salário
226	Judith	não não e a felicidade também não é
227	Maíra	também não então o que eu acho interessante é dizer
228		que isso daqui se contrapõe ao que você disse antes
229	Judith	Sim
230	Maíra	no sentido de que você buscava uma valorização
231		financeira
232	Judith	Sim
233	Maíra	mas hoje em dia você se sente valorizada mesmo não
234		tendo o financeiro como você imaginava quando você
235		era jovem

236	Judith	sim obviamente se eu fosse aquela advogada que eu pensava
237		
238	Maíra	procuradora da república
239	Judith	não nem pensava que eu ia ser isso não pensava que eu ia ser uma advogada de direito internacional alguma coisa assim entendeu? por causa do meu inglês nem pensava em procuradora nada disso mas é eu teria uma valorização enquanto provavelmente salário né?
240		
241		
242		
243		
244		
245	Maíra	um hum
246	Judith	mas veja bem a minha situação continua privilegiada porque eu me sinto valorizada sim sinto fazendo o que eu gosto sim mas me sinto correndo atrás sempre
247		
248		
249		
250	Maíra	do dinheiro?
251	Judith	sim eu continuo aquela pessoa que precisa de dinheiro para sobreviver mas eu me acho privilegiada porque eu tenho um marido que ganha bem
252		
253		
254	Maíra	um hum
255	Judith	meu marido não ganha muito bem mas ele ganha bem então eu não tenho plano de saúde da minha empresa tenho plano de saúde dele
256		
257		
258	Maíra	um hum
259	Judith	eu tenho benefícios dele entendeu?
260	Maíra	um hum
261	Judith	e isso me faz ficar bem se eu fosse sozinha como a gente conhece vários outros professores da instituição que eu trabalho é sozinha pra você se manter como é que eu ia pagar um plano de saúde pra mim e pras minhas filhas? tá entendendo? então eu continuo numa situação favorável
262		
263		
264		
265		
266		
267	Maíra	comparada a maioria dos professores que existem
268	Judith	exato então se eu fosse sozinha se hoje eu fosse divorciada por exemplo eu ia provavelmente não me sentir tão feliz tão valorizada cê tá entendendo?
269		
270		
271	Maíra	um hum
272	Judith	é tudo mentira
273	Maíra	Porque você tá falando da qualidade de vida geral né? você tá falando de um conceito de qualidade de vida
274	Judith	entendeu? então é é um conceito que não que eu consegui juntar a minha volta uma situação que me faz feliz hoje mas que ela se ela for se por exemplo acontece alguma coisa com meu marido entendeu aí num sei e essa questão também do salário de eu dizer que o salário é baixo na verdade não acho meu salário baixo eu trabalho de segunda a quinta segunda e quarta eu trabalho full time digamos assim terça e quinta eu só trabalho até meio dia e meia e eu ganho um salário bom é baixo em relação ao que eu almejo como pessoa que seria talvez o salário do meu marido com todos os benefícios
275		
276		
277		
278		
279		
280		
281		
282		
283		
284		
285		
286	Maíra	um hum
287	Judith	entendeu? ou o salário que eu supostamente estaria ganhando se eu tivesse continuado no emprego que eu tinha em marketing entendeu? no meio disso tudo aí
288		
289		
290	Maíra	um hum
291	Judith	ou de advogada cê tá entendendo o que eu tô falando? então é tudo proporcional porque u acho que se eu for pegar e comparar o meu salário com o de uma professora
292		
293		
294		

295		pública como é minha mãe acho que 4 mil o salário é menor
296	Maíra	um hum quatro mil você tá falando de um professor que
297		trabalha quarenta horas na semana
298	Judith	é no caso a minha mãe é uma professora aposentada que
299		nem chega aos 4 mil e três mil e alguma coisa sabe?
300		anos de serviço de primeira a quarta série ela tinha
301		que saber tudo todas as disciplinas então assim
302		continua sendo uma profissão desvalorizada o que eu
303		digo é se eu tivesse descoberto essa profissão antes
304		talvez eu tivesse dado uma tivesse seguido uma
305		carreira acadêmica que acho que dentro do que a gente
306		tem hoje é uma carreira que te paga bem se você não
307		for pra <b>VERU</b>
308	Maíra	risos
309	Judith	e ficar com o pezão torneando seu salário né? bom
310		continuando aqui pra responder o que você queria
311		então acho que até aí né é acho interessante isso que
312		você falou né que a pessoa precisa entender que a
313		valorização e a felicidade não tá necessariamente
314		atrelada ao salário veja bem a pessoa que só vive de
315		três mil quatro mil reais como professora e sustenta
316		uma casa é muito complicado.
317	Maíra	é e eu acho também que a gente tem que falar também
318		que a gente tá em termos né salariais aí sei lá nos
319		3 por cento mais altos do brasil é que a gente mora
320		na zona sul que a gente trabalha com a classe a então
321		que não se compara a vida de um professor que mora
322		no subúrbio
323	Judith	nada se compara nem mesmo as nossas expectativas se
324		comparam
325	Maíra	né?
326	Judith	e que podem assim eu vejo cada vez mais que podem ser
327		tão bem formados quanto a gente
328	Maíra	Sim
329	Judith	entendeu? e academicamente até mais com mestrados
330		doutorados pós-doutorados mas que não chegam na faixa
331		salarial que a gente chega aí é uma outra investigação
332		eu acho assim né?
333	Maíra	Sim
334	Judith	é o que que faz a gente... tá... operando nessa faixa
335		salarial enquanto professor? será? que é uma faixa
336		salarial alta pra brasil né? e outros não assim isso
337		é outra
338	Maíra	sim é outra discussão
339	Judith	outra discussão
340	Maíra	porque o professor e e você sabe em disso é ele recebe
341		pela aula mas se você trabalha 20 horas em sala de
342		aula você trabalha outros 20 fora a não ser que você
343		seja um professor ruim né
344	Judith	não seja comprometido com o seu ofício né
345	Maíra	e hoje se você é comprometido você vai vai trabalhar
346		e
347	Judith	então acho acho que é uma escolha pessoal né? mas
348		talvez outro ponto que seja interessante primeiro é
349		esse ponto da desvalorização de eu ter começado
350		desvalorizando e tudo mais e depois ter me descoberto
351		na própria profissão e muito feliz nela satisfeita
352		tendo realizado muitas coisas importantes pra mim
353	Maíra	um hum

354	Judith	é muito embora acho que a sociedade eu entendo
355		desvalorize né? eu me sinto valorizada porque é como
356		eu botei aqui meu empregador me valoriza meus
357		semelhantes me valorizam e eu me valorizo
358	Maíra	um hum
359	Judith	eu tenho um discurso né de ????
360	Maíra	empoderamento na prática
361	Judith	é mas é isso mesmo né? agora por outro lado nessa
362		linha de você tá sempre correndo atrás e de eu ser
363		uma pessoa inquieta isso não me satisfaz
364		principalmente recentemente né que eu tenho essa
365		vontade de cada vez saber mais então o professor
366		ainda é uma carreira que te dá margem a ter outras
367		atreladas a ela no caso a tradução e a interpretação
368	Maíra	uh hum
369	Judith	que eu nem cheguei ainda na interpretação acho que
370		quando eu tiver 80 anos
371	Maíra	não mas ela tá aqui ela apareceu na entrevista
372	Judith	risos vou conseguir chegar nela
373	Maíra	vai vendo que você chega lá risos
374	Judith	é outro ponto acho que muito importante que eu não
375		sei onde é que tá agora eu já fiz uma bagunça e já
376		juntei tudo né?
377	Maíra	é tudo bem mas aí eu vou procurar esses pontos
378	Judith	é a formação a formação do professor
379	Maíra	a formação da profissão professor? é esse ponto aqui
380		o último?
381	Judith	é que isso porque você até me perguntou qual era a
382		minha opinião sobre aquelas pessoas que (risos)
383		indivíduos que trabalham como professores e não são
384		professores
385	Maíra	ah tá aqui também que não tem papel que não tem
386		diploma
387	Judith	que é mais ou menos a mesma coisa que um tradutor que
388		não é um tradutor formado
389	Maíra	um hum
390	Judith	é claro que pode existir e podem ser excelentes
391		maravilhosos né? mas uma vez você atuando como
392		professor você tem que se formar se atualizar tem que
393		estudar não adianta assistir a aula do colega então
394		acho essa parte muitíssimo importante eu acho que eu
395		não seria quem eu sou sem toda uma formação muito
396		custosa não só financeiramente mas custosa de tempo
397		né? então você tem que ler trabalhos acadêmicos
398		pensei em fazer minha dissertação sobre essa área
399		
400	Maíra	um hum
401	Judith	e tem lá mais um motivo pra eu trabalhar onde eu
402		trabalho porque lá se valoriza o estudo também né?
403	Maíra	um hum um hum
404	Judith	então a gente estuda bastante a gente fez trabalhos
405		participa de congressos então eu acho isso muito
406		muito importante assim como na outra carreira que eu
407		tenho que é de tradutor tem que participar dos
408		congressos tem que estudar tem que ler paper tem que
409		tá antenado né? e fora isso ainda tem toda a
410		tecnologia né? que você tem que tá ligado na última
411		na última coisa que tá no mercado né respondi um
412		pouco o que você queria?

413	Maíra	não total total eu acho se eu entendi sim daqui pro
414		final ainda tem a questão de fazer o que você gosta
415		né? e o que eu acho importante
416	Judith	acho isso aqui muito importante é dessa coisa do
417		estudo que você fala agora pra mim bate muito com
418		isso aqui o professor precisa ser aluno também
419	Maíra	Sim
420	Judith	precisa estar constantemente estudando fazendo
421	Maíra	Sim
422	Judith	então acho assim se eu fosse escolher dois ou três
423		pontos mais importantes seriam a questão da formação
424	Maíra	Sim
425	Judith	que eu acho é grande
426	Maíra	talvez essa ambição por professora
427	Judith	a ambição e o encontro sabe?
428	Maíra	um uma ambição e o como você colocou agora o descaso
429		que você tinha com a profissão e o encontro que você
430		teve nela
431	Judith	um hum sim
432	Maíra	do descaso ao encontro
433	Judith	esse surpreendente encontro né? porque acho que te
434		falei que desde criança dava aula para as minhas
435		bonecas
436	Maíra	um hum
437	Judith	então assim como ninguém percebeu nem eu que isso era
438		o caminho a seguir esse era o caminho a seguir então
439		faltou é fácil culpar os outros né mas a gente precisa
440		como professor olhar pros nossos alunos e ver essa
441		pessoa que tem esse talento que a gente vê isso né
442		
443	Maíra	um hum
444	Judith	e aí as crianças vão descartando essas coisas porquê?
445		porque os pais vão descartando você é um excelente
446		nadador pra esporte no brasil
447	Maíra	não não é profissão
448	Judith	né? e enfim se você faz bem isso você tem que achar
449		o seu caminho ali dentro sinto muito mas é isso
450		e eu não acho que a gente deve sentir muito a gente
451		deve trabalhar cada vez mais pra que isso não seja
452		sinto muito pros outros que dizem o contrário que
453		não
454	Maíra	a sociedade ainda sente muito né dessas profissões
455	Judith	é hoje por exemplo tem as minhas duas filhas que tão
456		fazendo engenharia eu nunca disse pra elas faça
457		engenharia que é a profissão do momento - nunca uma
458		tá fazendo engenharia engenharia civil e a outra de
459		produção quando eu falo pros outros porque as pessoas
460		perguntam o que que as suas filhas fazem? eu falo mas
461		faz engenharia civil e a outra de produção aí eu
462		sinto um ohhhh né?
463	Maíra	uma valorização da profissão que se você
464		provavelmente tivesse falando que ela faz design ou
465		será que ela faz letras
466	Judith	faz letras
467	Maíra	ou ?????
468	Judith	a minha filha faz letras e pedagogia né? uma faz
469		letras e a outra faz psicologia ah ham tá vira a
470		página vamo continuar a falar de outra coisa cê tá
471		entendendo? o que eu na verdade sinto é que eu espero
472		que as minhas filhas tenham feito a escolha certa

473		entendeu? porque não é a engenharia que vai fazer
474		delas uma pessoa mais feliz ou mais rica
475	Maíra	quando você acha que a gente tem essa noção de que a
476		escolha foi certa?
477	Judith	ah isso também é interessante dizer pra mim demorou
478		muito muito muito muito eu comecei a ter uma noção
479		quando eu comecei a fazer tradução na <b>pu</b> né? assim
480		no terceiro ano de letras porque eu fiz direito daí
481		fiquei um tempo parada aí fui pra <b>ma</b> aí comecei
482		letras acho que aí eu achei tudo absurdamente fácil
483		super fácil ou então totalmente imbecil chegar lá e
484		o professor não lê o teu trabalho linguística o
485		professor não lia o trabalho você entregava cinco
486		páginas e o professor não dobrava que nem eu dobrei
487		aqui (faz gesto com o papel de virar a página e
488		dobrar) você recebia o trabalho de volta sem um vinco
489		
490	Maíra	sem crease risos
491	Judith	então era assim imbecil né? tanto que eu comecei a
492		fazer um estágio de 8 horas eu tinha um estágio de
493		oito horas aí depois quando eu comecei a fazer
494		tradução aí eu comecei a aí eu me encontrei porque
495		eu encontrei professores sérios numa área que eu
496		adorava aí tudo aí começou toda a minha carreira de
497		tradutora ne? mas aí lá pelas tantas com essa minha
498		inquietação quando vê complementação e pedagógica e
499		quando realmente quando eu comecei a dá aula eu acho
500		que como eu já falei né? eu acho que eu sou melhor
501		professora do que tradutora então ainda mais que você
502		pode ser professora de tradução né?
503		
504	Maíra	um hum
505	Judith	então talvez se tivesse invertido eu hoje não seria
506		tradutora mas enfim eu encontrei muito tarde lá pelos
507		35 37 anos e eu sabia mesmo fazer bem o que me dava
508		um imenso prazer era dar aula e dar aula pra criança
509		né? que é mais desvalorizado ainda daí a minha
510		querida que você conhece ter dito que era um chororô
511		né
512	Maíra	Mimimi
513	Judith	e continua no mimimi risos the story of my life um
514		chororô um mimimi
515	Maíra	acho que de repente devia parar com esse mimimi
516	Judith	é porque volta pra aquilo que você falou antes que
517		você falou assim eu tava aqui dizendo que eu me acho
518		super estudada êêê...você falou que não
519		necessariamente estudar aonde eu estudei te traz um
520		conhecimento lá maior que outras pessoas podem ter
521		outros estudos que são muito bom ou maiores
522	Maíra	um hum
523	Judith	né? e exatamente o que você falou aí também que é
524		hoje quando eu olho pra um pai que ele tá me
525		entregando principalmente homem num sei qual é minha
526		neura é que me entrega a filhinha de quatro anos eu
527		sei o serviço que eu estou fazendo eu sei que se ele
528		me interpelar é aquilo que você falou do
529		empoderamento eu vou saber dizer a ele o que que eu
530		faço é xyz com toda pompa e circunstância igual ao
531		que ela faz lá na clínica dele de medicina
532		ortomolecular
533	Maíra	um hum

534	Judith	ou de engenharia civil blábláblá ou de arquitetura
535		bibibi entendeu? que o meu serviço é tão top de linha
536		quanto o dele porque eu tenho o conhecimento eu
537		tenho saber e eu faço bem o que eu faço e é exatamente
538		isso aí que você não pode em hipótese nenhuma
539		desvalorizar e aí volta o mimimi é o momento de acabar
540		isso
541	Maíra	sabe professor de fund 1 (pessoal escolha de não
542		transcrição) que bom que existe essa equivalência
543		salarial
544	Judith	é por isso que a gente volta ao que eu falei que tudo
545		é uma perspectiva tudo é uma comparação né aqui eu
546		li talvez uma das coisas que não teja refletindo o
547		que é que diz aqui ma o salário continua sendo baixo
548		dentro daquilo que eu esperava como é
549	Maíra	uma valorização do seu saber
560	Judith	profissional é não não é do saber é do saber mas tem
561		que vir atrelado com os perks entendeu? porque veja
562		você não pode pagar um professor x e não dá a ele
563		plano de saúde ele não se sustenta não dá a ele sei
564		lá um auxilio alimentação se ele vai passar o dia
565		inteiro na sua empresa né? não dá a ele um auxilio
566		transporte se ele vai trabalhar na outra filial
567		entendeu? vai ter uma reunião na na [REDACTED] desculpe você
568		tem que dar o transporte porque eu já trabalhei em
569		outros lugares e mesmo que eu não tivesse trabalhado
570		você vê outras pessoas sei lá trabalha na [REDACTED]
571	Maíra	não gente eu vejo o que eu tenho hoje em dia [REDACTED] eu
572		tenho plano de saúde eu tenho plano dental eu tenho
573		subsídio de alimentação de 50% eu pago meu almoço mas
574		eu pago o almoço é um valor subsidiado
575	Judith	um hum
576	Maíra	se tiver fazendo qualquer deslocamento dentro do meu
577		horário de trabalho ou se eu for chamada a trabalhar
578		final de semana eu tenho um perfil de [REDACTED] é da
579		empresa pra eu usar
580		
581	Judith	um hum um hum
582	Maíra	então assim é sim uma valorização
583	Judith	mas mas sim! não é uma valorização é um direito seu
584		né? só que hoje em dia a gente tá em crise
585	Judith	Sim a gente tá em crise então o que você tem e o que
586		eu tenho são exceções e situações que a gente tem que
587		agradecer que existem né? porque assim o professor
588		pelo menos na instituição lá que eu trabalho tá
589		correndo atrás porque tá perdendo pra instituições
590		como a sua nada contra a instituição nenhuma
591		
592	Maíra	não é o mercado
593	Judith	é o mercado e eu não tô criticando nada entendeu? não
594		tô criticando nada não mas só que tá havendo um
595		entendeu? então a gente pra segurar a nossa (pausa
596		para atender telefone)
597	Maíra	daí você tava falando dessa coisa de mercado
598	Judith	agente tá em crise maíra então é no momento talvez
599		porque você veja se eu digo que eu estou num lugar
600		que eu sou valorizada você tem que lutar pra
601		continuar no lugar em que você é valorizado em que
602		você faz bem o seu trabalho né e tudo mais mas você
603		não pode deixar de considerar essas questões né?
604	Maíra	Sempre

605	Judith	e por isso assim você assim jamais vai me dizer vai
606		ouvi eu dizer que você sold off não sei nem se você
607		quer gravar isso que você vendeu a alma pro diabo
608		porque você no seu caso você tem menos idade do que
609		eu você tem menos experiencia profissional do que
610		eu eu já vendi minha alma ao diabo várias vezes
611	Maíra	Hahahaha porque isso que que é vender sua alma ao
612		diabo? é você não é totalmente um preconceito
613	Judith	não deixa eu me expressar melhor não é você vender a
614		alma pro diabo porque na verdade você não tá vendendo
615		a alma pro diabo
616	Maíra	não você tá fazendo um trabalho
617	Judith	Você tá fazendo o que você acha correto só que as
618		vezes eu eu não tô dizendo você eu já fui fazer uma
619		outra coisa por uma questão de um salário melhor ou
620		a questão de trabalhar mais perto de casa por várias
621		questões
622	Maíra	Porque que isso? aí eu acho que seria interessante
623		mas porque que isso é demonizado? socialmente?
624	Judith	não sei se é se deveria ser
625	Maíra	Porque você tá olhando pra você e
626	Judith	eu lembro quando eu trabalhei na <b>Andersen</b> eu ganhava
627		a mesma coisa que eu ganhava antes na outra empresa
628		mais ganhava mais e tinha assim cinco horas do dia
629		das 8 que eu trabalhava que eu não fazia porra nenhuma
630		nada e era um tédio tédio isso é vender a alma pro
631		diabo
632	Maíra	é
633	Judith	assim porque que eu ficava lá? porque ganha x e ia
634		ter um momento que eu não ia aguentar porque eu não
635		sou o tipo de pessoa que consegue ficar no tédio aí
636		eu digitava todo um glossário entendeu? fazia umas
637		coisas assim... e então assim eu já troquei de
638		emprego o suficiente pra saber o que que eu quero
639	Maíra	um hum
640	Judith	né? e muitas vezes eu troquei em nome de coisas que
641		hoje em dia eu não trocaria
642	Maíra	sim mas naquele momento da sua troca foram escolhas
643		legítimas
644	Judith	naquele momento essencial pra eu saber o que eu
645		queria
646	Maíra	então eu acho que as pessoas têm que parar com essa
647		demonização
648	Judith	Parar seja ela qual for é porque não é um diálogo
649		primeiro é apontar pra vida do outro que não tem nada
650		a ver com a sua
651	Maíra	segundo é não assim eu acho que qualquer escolha que
652		você faça se você não tá assim sendo desonesto você
653		não tá deixando de ser ética você não tá deixando de
654		ser moral é de ter sabe a sua retidão e porque sabe
655		que essas escolhas tem alguém que chega pra você e
656		diz que vendeu a lama pro diabo
657	Judith	porque a pessoa tem inveja entendeu? a pessoa quer
658		ser você a pessoa queria ter tido essa iniciativa
659		queria ter tido essa oportunidade porque não basta
660		iniciativa né? nem oportunidade vaga aberta tem que
661		ter conhecimento tem que passar uma série de provas
662		etc etc né? é entendeu? se fosse um tempo pra trás
663		talvez eu teria vendido minha alma teria vendido
664		porra nenhuma pro diabo mas é assim hoje em dia

665	Maíra	isso não te atrai não te seduz
666	Judith	não dá porque eu sei que eu não vou ter estrutura pra
667		dar aula pra trinta alunos eu não tô afim de dar aula
668		pra quarenta alunos de inglês eu sei que isso não vai
669		trazer um conhecimento ou pode ser até que traga né
670		quem sabe?
671	Maíra	sim
672	Judith	e também tenho esse backup do meu marido que
673		complementa e tenho esse backup da minha tradução que
674		complementa a minha profissão entendeu?
675	Maíra	Sim
676	Judith	agora já já por ambição aceitei vários outros por
677		ambição e por ter um nome
678	Maíra	por ambição e por escolha naquele momento da sua vida
679	Judith	quer ver quer ver o que eu chamo vender a alma pro
680		diabo? você não devia tá gravando isso não (gravação
681		interrompida a pedido da entrevistada)